



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - FLORIANÓPOLIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Aline Figueiredo

**Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis**

Florianópolis

2024

Aline Figueiredo

## **Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Rodrigo Almeida Bastos, Dr.

Florianópolis

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Figueiredo, Aline  
Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em  
Florianópolis / Aline Figueiredo ; orientador, Rodrigo  
Almeida Bastos, 2024.  
185 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Arquitetura e Urbanismo. 2. Patrimônio Industrial. 3.  
Patrimônio Cultural. 4. Arquitetura Industrial. 5.  
Florianópolis. I. Bastos, Rodrigo Almeida. II. Universidade  
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em  
Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

Aline Figueiredo

**Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis**

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 22 de agosto de 2024, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.<sup>a</sup> Beatriz Mugayar Kühl, Dra.  
FAUUSP

Prof.<sup>a</sup> Maria Inês Sugai, Dra.  
UFSC – PósARQ

Prof. Raphael Grazziano, Dr.  
UFSC – PósARQ

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de o título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

---

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

---

Prof. Rodrigo Almeida Bastos, Dr.  
Orientador

Florianópolis, 2024.

Dedico este trabalho a minha avó, *recortadeira* da Fábrica de Rendas e Bordados.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus colegas de trabalho e patrimônio, Virgínia Gomes de Luca, Marina Cañas Martins e Regina Helena Meirelles Santiago que compartilharam seu conhecimento e apoiaram este estudo.

Ao Prof. Dalmo Vieira Filho que teve a generosidade para ouvir e opinar sobre o tema.

Aos arquitetos responsáveis pelo restauro das antigas Fábricas de Pontas e de Gelo, Jonathan Carvalho e Simone Harger, por ceder o trabalho e por se disporem a passar uma tarde comigo, explicando o processo do projeto e da obra.

Um agradecimento especial ao meu orientador Dr. Rodrigo Almeida Bastos pelas críticas que me fizeram recalculiar a rota da pesquisa e que me trouxeram mais clareza para a dissertação.

Aos professores Dra. Beatriz Mugayar Kühl, Dra. Maria Inês Sugai e Dr. Raphael Grazziano que aceitaram compor a banca e que foram muito generosos com a leitura atenta ao texto, compreendendo o objeto de estudo e trazendo sugestões e apontamentos valiosos.

A Professora Maíra Longhinotti Felipe, Coordenadora do programa, por ouvir minhas preocupações e acalmar minhas angústias.

A minha colega de mestrado e orientação, Kássia Zanchett, por inúmeras trocas e desabafos sobre o desafio de construir uma dissertação.

Aos amigos que entenderam a minha ausência durante este período.

A minha família pelo apoio incondicional.

## RESUMO

Este estudo aborda a estruturação do complexo industrial integrante do Conjunto Rita Maria, protegido por Decreto Municipal (n° 270/1986), a ocupação e evolução urbana de Desterro, a expansão do núcleo fundacional às bordas da cidade, o papel da Companhia Hoepcke na economia local e perpassa a preservação do patrimônio cultural em Florianópolis, sobretudo deste conjunto situado próximo do Forte Sant'Anna e à zona portuária da cidade. Além disso, relaciona o *Patrimônio Industrial* aos componentes do objeto da pesquisa, a partir da identificação da estética industrial presente nos elementos arquitetônicos, tal qual o uso de grandes galpões, frontões triangulares, lanternim e chaminés em tijolos aparentes. Outrossim, são temas desta dissertação as mudanças urbanas ocorridas no século XX, como a construção da Ponte Hercílio Luz, a verticalização das edificações na área central, o aterro na baía sul e as consequências para o entorno da fábrica. Um inventário dos componentes fabris foi elaborado visando o registro documental deste acervo patrimonial.

Palavras-chave: *Patrimônio industrial*, patrimônio cultural, bens tombados.

## ABSTRACT

This study addresses the structuring of the industrial complex part of the Rita Maria Complex, protected by Municipal Decree (N° 270/1986), the occupation and urban evolution of Desterro, the expansion of the foundational nucleus to the edges of the city, the role of the Hoepcke Company in the local economy and it approaches the preservation of cultural heritage in Florianopolis, especially of this complex located near Forte Sant'Anna and the city's port area. Furthermore, it relates the *Industrial Heritage* to the components of the object of the research, based on the identification of the industrial aesthetics present in the architectural elements, such as the use of large sheds, triangular pediments, lanterns and chimneys in exposed bricks. Some of other themes of this dissertation are the urban changes that occurred in the twentieth century, such as the construction of the Hercilio Luz Bridge, the verticalization of buildings in the central area, the landfill in the south bay and the consequences for the surroundings of the factory. An inventory of the industrial components was organized for the purpose of documenting this heritage collection.

**Keywords:** *Industrial heritage*, cultural heritage, protected buildings.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista da Cidade de Desterro (1785) - La Pérouse. ....	21
Figura 2 - Planta da Villa Capital de Santa Catharina (1774).....	22
Figura 3 - Hipótese de Zoneamento dos Antigos Bairros (1900).....	24
Figura 4 - Planta Topographica da Cidade de Desterro (1876).....	26
Figura 5 - Ampliação do mapa de 1876. ....	27
Figura 6 - Planta do Rita Maria.....	28
Figura 7 - Planta da Cidade de Florianópolis, 1913. ....	28
Figura 8 - Ampliação do mapa de 1913. ....	29
Figura 9 - Planta da Baía Sul. ....	29
Figura 10 - Planta da Baía Sul. ....	29
Figura 11- Área Central de Florianópolis em 1921.....	30
Figura 12 - Vista para Fábrica de Pontas, armazéns e trapiche.....	31
Figura 13 - Cais Rita Maria, década de 1950.....	32
Figura 14 - Parte das instalações do complexo Rita Maria. ....	35
Figura 15- Complexo Rita Maria, em primeiro plano os trapiches.....	35
Figura 16 - Museu Nacional do Mar. ....	37
Figura 17 - Filial em Blumenau.....	37
Figura 18 - Filial em Tubarão. ....	37
Figura 19 - Poligonal do Conjunto Rita Maria.....	40
Figura 20 – Mapa ilustrando o processo de ocupação da cidade. ....	41
Figura 21 - Identificação dos componentes dentro do Conjunto X - Rita Maria.....	44
Figura 22 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt, 139.....	45
Figura 23- Imagem da antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt, 139. ....	45
Figura 24 - Antiga Fábrica de Bordados.....	45
Figura 25 - Antiga Fábrica de Bordados.....	45
Figura 26 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 16.....	46
Figura 27 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 16.....	46
Figura 28 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 02.....	46
Figura 29 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 02.....	46
Figura 30 - Edificações que formam a vila operária. ....	46
Figura 31 - Algumas das edificações que formam a vila operária.....	46
Figura 32 - Edificações ecléticas que formam a vila operária - I/IA/IB. ....	47

Figura 33 - Edificações ecléticas que formam a vila operária, casa n.5.....	47
Figura 34 - Antiga Fábrica de Pontas e de Gelo. ....	47
Figura 35 - Antiga Fábrica de Pontas e de Gelo, e trapiche.....	47
Figura 36 - Edificação na Rua Henrique Vargas – s/n.....	47
Figura 37 - Edificação na Rua Henrique Vargas – s/n.....	47
Figura 38 - Edificações ecléticas situadas na Rua Henrique Vargas.....	48
Figura 39 - Edificações ecléticas situadas na Rua Henrique Vargas.....	48
Figura 40 - Edificação situada na Rua Henrique Vargas, 318. ....	48
Figura 41 - Edificação situada na Rua Henrique Vargas, 318, em 1905. ....	48
Figura 42 - Edificação situada na Rua Henrique Vargas, 38, já demolida.....	48
Figura 43 - Edificação situada na Rua Henrique Vargas, 38. ....	48
Figura 44 - Instalações do Estaleiro Arataca, sob a Ponte Hercílio Luz.....	49
Figura 45 - Ruína da edificação remanescente.....	49
Figura 46 - Imagens de exemplo de embasamento. ....	51
Figura 47 - Fachadas das casas de vila operária da Companhia Industrial Pantaleone Arcuri (Juiz de Fora/MG). ....	52
Figura 48 - Fábrica de Bordados.....	53
Figura 49 - Fábrica Pontas e Gelo e vila operária.....	53
Figura 50 - Fábrica de Bordados.....	53
Figura 51 - Vila operária, casas em sequência. ....	53
Figura 52 - Fábrica de Pontas e Gelo e chaminé de tijolos.....	54
Figura 53 - Fábrica de Pontas e Gelo. ....	54
Figura 54 - Sequência de telhados da Fábrica de Pontas.....	54
Figura 55 - Cronologia de implantação do complexo industrial.....	55
Figura 56 - Interior da fábrica. ....	55
Figura 57 - Interior da fábrica. ....	55
Figura 58 - Sala de máquinas. ....	55
Figura 59 - A companhia de <i>Fives-Lille</i> (1861-1958).....	57
Figura 60 - Cobertura e chaminé da antiga Fábrica de Pontas.....	58
Figura 61 - Fachada da antiga Fábrica de Pontas. ....	58
Figura 62 - Fachada da antiga fábrica.....	58
Figura 63 - Fábrica de Pontas, implantação inicial, 1896.....	58
Figura 64 - Fábrica de Pontas. Volume 4 e volume 5 indicados. ....	58
Figura 65 - Fábrica de Pontas e vila operária a esquerda da imagem (vermelho)....	59

Figura 66 - Fábrica de Pontas, ampliação realizada em 1924. ....	59
Figura 67 - Ampliação do volume cinco da Fábrica de Pontas.....	59
Figura 68 - Ampliação do volume cinco e aos fundos.....	60
Figura 69 - Coberturas das ampliações aos fundos da fábrica. ....	60
Figura 70 - Fábrica de Pontas, demolição parcial do volume cinco. ....	60
Figura 71 - Chaminé e área livre em frente.....	60
Figura 72 - Planta baixa do volume quatro, anterior a 1980.....	61
Figura 73 - Planta baixa do volume quatro, posterior a 1980.....	61
Figura 74 - Vista para Fábricas de Pontas, armazéns e trapiche.....	62
Figura 75 - Vigas e pilares em ferro da antiga fábrica.....	62
Figura 76 - Vigas e pilares em ferro. ....	62
Figura 77 - Trilhos no piso da antiga fábrica. ....	62
Figura 78 - Antigos depósitos em frente a Fábrica de Pontas, em vermelho a porção remanescente.....	63
Figura 79 - Depósito em frente a Fábrica de Pontas.....	63
Figura 80 – Vista lateral do antigo depósito. ....	63
Figura 81 - Fábrica de Gelo, com somente um galpão, na fundação.....	64
Figura 82 - Fábrica de Gelo, ampliação a partir da década de 1920.....	64
Figura 83 - Ampliação aos fundos, na década de 1940. ....	65
Figura 84 - Vista para Fábrica de Gelo. ....	65
Figura 85 - Fachada atual da antiga Fábrica de Gelo. ....	65
Figura 86- Interior da antiga, após o restauro. ....	65
Figura 87- Interior da antiga, após o restauro. ....	65
Figura 88 - Interior da antiga fábrica, após o restauro.....	66
Figura 89 - Vila operária, Fábrica de Pontas, armazéns e trapiche, primeira década do século XX, é possível identificar a varanda nas edificações. ....	66
Figura 90 - Fábrica de Pontas, armazéns, trapiche e vila operária, primeira década do século XX.....	67
Figura 91 - Fábrica de Pontas, armazéns e vila operária, imagem atual. ....	67
Figura 92 - Vila operária, sem data. ....	67
Figura 93 - Vila operária, 2022.....	67
Figura 94 - Casa 02 - Rua Hoepcke, 16 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 95 - Casa 14 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 96 - Casa 12 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68

Figura 97 - Casa 10 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 98 - Casa 08 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 99 - Casa 06 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 100 - Casa 04 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 101 - Casa 02 (Identificação do SEPHAN, 1992).....	68
Figura 102 - Cortes da planta modelo. ....	68
Figura 103 - Cais Rita Maria na década de 1950.....	69
Figura 104 - Conjunto das cinco edificações do estaleiro Arataca, década de 1920.	71
Figura 105 - Instalações do estaleiro Arataca. ....	71
Figura 106 - Projeto da carreira em construção do estaleiro Arataca. ....	71
Figura 107 - Estaleiro Arataca, década de 1960. Em destaque, a edificação remanescente.....	72
Figura 108 - Ruínas da edificação que fazia parte do estaleiro Arataca. ....	72
Figura 109 - Portões do estaleiro Arataca, década de 1970. ....	72
Figura 110 - Portões do estaleiro Arataca, expostos no Armazém Rita Maria. ....	72
Figura 111 – Situação após demolição. ....	73
Figura 112 - Situação após demolição. ....	73
Figura 113 - Fábrica de Bordados, desenho de Aldo Beck. ....	74
Figura 114 - Primeiras instalações da fábrica. ....	75
Figura 115 - Fábrica de Bordados, imóvel de esquina, com um pavimento.....	75
Figura 116 - Imagem aérea do conjunto que forma a Fábrica de Bordados. ....	75
Figura 117 - Fábrica de Bordados e a antiga revendedora Ford.....	76
Figura 118 - Fábrica de Bordados e a antiga revendedora Ford.....	76
Figura 119 - Antiga Fábrica de Bordados, imóvel de esquina. ....	76
Figura 120 - Antiga Fábrica de Bordados, imóvel de esquina.....	76
Figura 121 - Antiga Fábrica de Bordados.....	76
Figura 122 - Antiga Fábrica de Bordados.....	76
Figura 123 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt.....	77
Figura 124 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt.....	77
Figura 125 - Antiga Fábrica de Bordados, edificações da Rua Hoepcke. ....	78
Figura 126 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Hoepcke. ....	78
Figura 127 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Hoepcke. ....	78
Figura 128 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Hoepcke. ....	78
Figura 129 - Detalhe da marquise.....	79

Figura 130 - Imagem interna, indicando lanternim. ....	79
Figura 131 - Cronologia de implantação da antiga Fábrica de Bordados.....	79
Figura 132 - Antiga Fábrica de Pontas antes do restauro. ....	81
Figura 133 - Antiga Fábrica de Bordados antes do restauro.....	81
Figura 134 - Interior da antiga fábrica de Pontas e Gelo.....	81
Figura 135 - Interior da antiga Fábrica de Pontas e Gelo.....	81
Figura 136 - Interior da antiga Fábrica de Bordados.....	82
Figura 137 - Interior da antiga Fábrica de Bordados.....	82
Figura 138 - Pátio interno da antiga Fábrica de Bordados.....	82
Figura 139 - Interior da antiga fábrica. ....	87
Figura 140 - Interior da antiga fábrica. ....	87
Figura 141 - Interior da antiga fábrica. ....	87
Figura 142 - Antiga Fábrica de Pontas e de Gelo. ....	88
Figura 143 - Interior da antiga fábrica (máquina exposta).....	88
Figura 144 - Interior da antiga fábrica (estrutura metálica na cobertura).....	88
Figura 145 - Interior da antiga fábrica. ....	89
Figura 146 - Interior da antiga fábrica, elementos expostos.....	89
Figura 147 - Interior da antiga fábrica, elementos expostos.....	89
Figura 148 - Área externa.....	89
Figura 149 - Área externa, vemos galpões e chaminé.....	89
Figura 150 - Antigo depósito, em frente a Fábrica de Pontas. ....	90
Figura 151 - Antigo depósito, em frente a Fábrica de Pontas. ....	90
Figura 152 - Interior do antigo depósito, em frente a Fábrica de Pontas.....	90
Figura 153 - Maquinário exposto no pátio. ....	91
Figura 154 - Área externa da antiga Fábrica de Bordados.....	91
Figura 155 - Área externa da antiga Fábrica de Bordados.....	91
Figura 156 - Fachada da antiga Fábrica de Bordados. ....	92
Figura 157 - Fachada da antiga Fábrica de Bordados. ....	92
Figura 158 - Linha do tempo. ....	92
Figura 159 - Volume que abriga os restaurantes. ....	92
Figura 160 - Área interna, maquinário exposto. ....	92
Figura 161 - Área interna da antiga Fábrica de Bordados.....	92
Figura 162 - Imagem geral da vila operária.....	93
Figura 163 - Vista superior da edificação remanescente. ....	93

Figura 164 - Vista frontal da edificação remanescente. ....	93
Figura 165 - Instalações do estaleiro Arataca, década de 1930.....	100
Figura 166 - Estaleiro Arataca e Ponte Hercílio Luz.....	100
Figura 167 - Instalações, década de 1940. ....	101
Figura 168 - Estaleiro Arataca.....	101
Figura 169 - Ponte e remanescentes ao antigo estaleiro Arataca.....	101
Figura 170 - Ponte e remanescentes ao antigo estaleiro Arataca.....	101
Figura 171- Ponte e remanescentes ao antigo estaleiro Arataca.....	101
Figura 172 - Ponte Hercílio Luz.....	102
Figura 173 - Vista do Hotel La Porta, na década de 1960.....	103
Figura 174 - Proposta do Plano Diretor de 1952.....	104
Figura 175 - Antes da verticalização na área central, na década de 1970.....	106
Figura 176 - Verticalização na área central, na década de 1970. ....	106
Figura 177 - Início da verticalização na área central, na década de 1960. ....	106
Figura 178 - Verticalização na área central, na década de 2000. ....	106
Figura 179 - Plano Diretor vigente, área de estudo em destaque. ....	107
Figura 180 - Fábrica de Bordados.....	107
Figura 181 - Fábrica de Bordados.....	107
Figura 182 - Fábrica de Bordados.....	108
Figura 183 - Fábrica de Bordados.....	108
Figura 184 - Fábrica de Bordados.....	108
Figura 185 - Fábrica de Pontas e Gelo. ....	108
Figura 186 - Fábrica de Pontas e Gelo .....	108
Figura 187- Fábrica de Pontas e chaminé. ....	109
Figura 188 - Fábrica de Pontas e chaminé. ....	109
Figura 189 - Fábrica de Pontas e chaminé. ....	109
Figura 190 - Vila operária.....	109
Figura 191 - Vila operária.....	109
Figura 192 – Lote ainda não edificado, vista para o aterro. ....	110
Figura 193- Lote ainda não edificado, vista para o aterro. ....	110
Figura 194 - Vista para a baía sul, década de 1960.....	112
Figura 195 - Bairro Rita Maria, antes do aterro, Ponte Hercílio Luz ao fundo. ....	112
Figura 196 - Imagem área, ano de 1938, antes do aterro. ....	113
Figura 197 - Imagem área, ano de 1957, antes do aterro. ....	113

Figura 198 - Imagem área, ano de 1977, aterro sem construções.....	113
Figura 199 - Imagem área, ano de 1994, o aterro com construções.....	113
Figura 200 - Imagem área, ano de 2012, após a execução do aterro da baía sul. .	113
Figura 201 - Vista para área central, anterior ao aterro, década de 1960.....	115
Figura 202- Imagem do centro na década de 1960.....	115
Figura 203 - Vista para a baía sul, cais Rita Maria, 1945.....	116
Figura 204 - Imagem retratando o aterro da baía sul, década de 1970. ....	116
Figura 205 - Imagem do cais Rita Maria. ....	118
Figura 206 - Imagem do cais Rita Maria, navios aportados no trapiche.....	118
Figura 207 - Em primeiro plano a vila operária, 1905.....	118
Figura 208 - Imagem do cais Rita Maria, atualmente.....	119

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMC	Área Mista Central
APC	Área de Preservação Cultural
ENNH	Empresa Nacional de Navegação Hoepcke
ICH	Instituto Carl Hoepcke
INCEU	Inventário de Configuração de Espaços Urbanos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IPUF	Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Florianópolis
SEPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1. A ORGANIZAÇÃO DA ZONA PORTUÁRIA E O CONJUNTO RITA MARIA</b> .....	<b>21</b>
1.1 OCUPAÇÃO E EVOLUÇÃO URBANA DE DESTERRO .....	21
1.2 A FORMAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL NO BAIRRO RITA MARIA .....	26
<b>1.2.1 A Cia. Hoepcke</b> .....	<b>32</b>
1.3 PRESERVAÇÃO DO CONJUNTO RITA MARIA .....	39
1.4 AS EDIFICAÇÕES DO CONJUNTO RITA MARIA .....	43
<b>2. A ARQUITETURA INDUSTRIAL</b> .....	<b>50</b>
2.1 A ESTÉTICA INDUSTRIAL .....	50
2.2 A CONFIGURAÇÃO ARQUITETÔNICA DAS EDIFICAÇÕES FABRIS .....	53
<b>2.2.1 Fábrica de Pontas</b> .....	<b>55</b>
<b>2.2.2 Fábrica de Gelo</b> .....	<b>64</b>
<b>2.2.3 Vila Operária</b> .....	<b>66</b>
<b>2.2.4 Estaleiro Arataca</b> .....	<b>69</b>
<b>2.2.5 Fábrica de Rendas e Bordados</b> .....	<b>73</b>
2.3 ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES .....	79
2.4 A IMPORTÂNCIA DO USO NAS EDIFICAÇÕES .....	83
<b>3. A FÁBRICA NO CENTRO DA CIDADE</b> .....	<b>94</b>
3.1 AS MUDANÇAS NO ENTORNO .....	94
3.2 O ENTORNO NO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL .....	95
3.3 A FÁBRICA E A PONTE .....	99
3.4 A FÁBRICA E A VERTICALIZAÇÃO .....	102
3.5 A FÁBRICA E O ATERRO .....	111
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>117</b>
<b>APÊNCICE – INVENTÁRIO ELABORADO EM 2024</b> .....	<b>122</b>
<b>ANEXO A – INVENTÁRIO REALIZADO PELO SEPHAN EM 1991</b> .....	<b>163</b>
<b>ANEXO B – CARTEIRA DE TRABALHO</b> .....	<b>177</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>179</b>

## INTRODUÇÃO

O complexo industrial, integrante do conjunto Rita Maria, está inserido na paisagem urbana de Florianópolis desde o final do século XIX. Situa-se a oeste do núcleo fundador de Desterro<sup>1</sup>, esteve ligado à atividade fabril e teve como suporte o porto para fortalecimento da própria economia. Os grandes armazéns e a chaminé de tijolos foram protagonistas na imagem portuária da área urbana central, portanto, tornaram-se uma referência arquitetônica como *Patrimônio Industrial*.

O entendimento sobre o *Patrimônio Industrial* como bem cultural e seu interesse é bastante recente. Teve início na Inglaterra a partir da década de 1950, sob o termo “arqueologia industrial”. A partir de então, inúmeros esforços foram feitos para realização de inventários, definição do conceito e para a elaboração de estudos. No Brasil, sua proteção foi preconizada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 1938, com o tombamento da Fábrica de Ferro Patriótica de São Julião, situada em Ouro Preto, Minas Gerais (Processo 0031-T-38). Mais tarde, em 1964, foi realizado o tombamento dos remanescentes da Real Fábrica de Ferro São João de Ipanema, no município de Iperó, São Paulo (Processo 0727 –T-64).

O *Patrimônio Industrial* deve ser considerado para além da materialidade das edificações. É um conceito amplo, abrange sítios, estruturas, infraestruturas energéticas e de transporte associadas, complexos, territórios, paisagens, equipamentos, objetos, extração e transformação de matérias-primas e documentos que testemunhem os antigos ou os atuais processos de produção. Ademais, compreende elementos de dimensões imateriais, tais como os saberes-fazer técnicos, a organização do trabalho e dos trabalhadores, ou seja, um legado de práticas sociais e culturais resultante da influência da indústria na vida das comunidades, responsável por provocar decisivas mudanças organizacionais em sociedades inteiras.

Uma definição importante foi de autoria de um membro da Inspetoria de Monumentos Antigos do Ministério de Obras, em 1962, abordando somente o aspecto material:

Um monumento industrial é qualquer edifício ou outra estrutura, em especial do período da Revolução Industrial, que, sozinho ou associado a equipamento, ilustra o início e desenvolvimento de processos industriais e técnicos, incluindo meios de comunicação (RAISTRICK, 1973, p.2 apud KÜHL, 2018, p. 39).

---

<sup>1</sup> Através da Lei nº111 de 1º de outubro de 1894, Desterro passou a chamar-se Florianópolis.

O conjunto Rita Maria é protegido na esfera municipal (Decreto nº 270/1986) e localizado no centro de Florianópolis, preservado por ser o local representante “da antiga zona portuária e do primeiro ciclo industrial da cidade, responsável pelo seu arranque econômico<sup>2</sup>”. Das edificações que o compõem, destacam-se a vila operária, o estaleiro Arataca, a Fábrica de Rendas e Bordados, a Fábrica de Pregos e a Fábrica de Gelo, pertencentes à Companhia Hoepcke que foi umas das mais importantes empresas de Santa Catarina. Entre o final do século XIX e o início do século XX ocorreu a implantação das fábricas, alterando a paisagem urbana na região do porto, até então ocupada somente por alguns ranchos na borda d’água. As mudanças nesse cenário, a partir da verticalização incentivada pelos Planos Diretores e do aterro executado na segunda metade do século XX, continuaram a transformar a área.

Embora protegidos, os galpões das antigas fábricas permaneceram fechados durante anos (Fábrica de Bordados) ou foram alugados para usos diversos (Fábricas de Pontas e de Gelo). As edificações sofreram adaptações e intervenções inadequadas e com impactos negativos, descaracterizando a arquitetura. Tendo em vista sua importância, é fundamental produzir um estudo amplo para compreender a história deste complexo industrial, pois dentre a bibliografia consultada foram identificados estudos sobre os elementos fabris de forma isolada, sem focar em uma abordagem que vise seu entendimento como uma unidade.

O objetivo geral desta pesquisa é estudar o processo de formação do complexo industrial dentro do Conjunto Rita Maria. Pretende-se também identificar a arquitetura das edificações fabris, entender de que maneira a indústria passou a influenciar a economia local levando ao processo do tombamento e sua preservação na década de 1980. É oportuno assimilar as mudanças que ocorreram no entorno do objeto de estudo ao longo do século XX, bem como o conceito de entorno, reconhecer as características predominantes do complexo fabril e da ambiência construída.

Quanto aos procedimentos metodológicos, envolveu a obtenção de dados descritivos sobre lugares, processos interativos e pessoas, através do contato direto do pesquisador com o objeto de estudo (Amaral, 2014, apud Silva e Menezes, 2001). O trabalho foi organizado a partir de alguns temas centrais: *Patrimônio Industrial*,

---

<sup>2</sup> Justificativa da Importância do acervo. SEPHAN, 1991.

arquitetura industrial, ocupação de Desterro, implantação do Conjunto Rita Maria e o entorno do bem tombado.

Dessa forma, apoiamo-nos na pesquisa bibliográfica e documental com a leitura de publicações, dissertações, teses e artigos que fundamentaram esses pontos principais. Com essa intencionalidade, foram analisados documentos técnicos, a própria Carta de Nizhny Tagil<sup>3</sup>, realizada pesquisa em arquivos históricos do Instituto Carl Hoepcke, estudados textos e documentos do SEPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural de Florianópolis) sobre o tombamento do conjunto. O livro da autora Betina Adams (2001) auxiliou na contextualização da ação de preservação do patrimônio cultural em Florianópolis, sobretudo o conjunto Rita Maria. Para entender como se deu o processo de evolução da cidade, da implantação das indústrias e as transformações urbanas ocorridas foi utilizada bibliografia relacionada e para compreender o processo de verticalização, examinados os Planos Diretores de 1952, 1977, 1997 e 2014.

A investigação do acervo iconográfico disponibilizado pelo SEPHAN/IPUF e fontes bibliográficas diversas, das quais destacamos o livro da autora Eliane Veras da Veiga (2010), e a análise de imagens aéreas serviram para organizar uma linha temporal da ocupação da área, da implantação das fábricas, da vila e de outras edificações do entorno. As vistorias e levantamento fotográfico contribuíram para a comparação da arquitetura do presente com a pretérita, para a análise das edificações e para a produção do inventário.

Segundo fontes consultadas, a elaboração de inventário é peça-chave para o processo de conhecimento, identificação e seleção dos exemplares para salvaguarda da herança industrial. De acordo com Kühl, “faz-se necessário fazer um estudo histórico-documental e iconográfico, além de um estudo analítico-descritivo e comparativo” (Kühl, 2010, p.46), a fim de buscar entender os componentes desse patrimônio, incluindo as fábricas, as áreas sociais, de moradia, lazer, culto, escola, seu sistema construtivo, a relação da implantação dos edifícios e sua articulação com os bairros e com a cidade. Portanto, faz parte desta pesquisa um inventário elaborado a partir do trabalho de campo e conhecimento adquirido sobre os elementos fabris.

---

<sup>3</sup> Carta de Nizhny Tagil, considerada a Carta do Patrimônio Industrial, elaborada em 2003, foi resultado de conferências realizadas no âmbito do TICCIH (*The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*), criado com o objetivo de pesquisar, mapear, inventariar, proteger, conservar e divulgar os exemplares materiais e imateriais do Patrimônio Industrial. A carta sintetiza as discussões para definição de um conceito tanto para patrimônio.

Esta dissertação se estrutura nos três capítulos descritos abaixo, além de introdução (dedicada a apresentar a relevância da pesquisa, objetivos gerais e específicos, estrutura e metodologia do trabalho), conclusão, anexos e apêndices.

O primeiro capítulo “A ORGANIZAÇÃO DA ZONA PORTUÁRIA E O CONJUNTO RITA MARIA” trata da ocupação e evolução urbana de Florianópolis e a própria formação do complexo industrial, o papel da Cia. Hoepcke na economia local, a chegada de Carl Hoepcke em Santa Catarina, o tombamento municipal do Conjunto Rita Maria e a identificação dos elementos que o compõem.

O segundo capítulo “A ARQUITETURA INDUSTRIAL” aborda as características da arquitetura nas edificações que constituem o objeto de estudo, identificando os elementos da estética fabril. Destaca ainda o encerramento das atividades e a importância do uso em edificações tombadas.

O terceiro capítulo “A FÁBRICA NO CENTRO DA CIDADE” apresenta as transformações ocorridas no entorno do conjunto ao longo do século XX, das quais citamos a construção da Ponte Hercílio Luz, a verticalização de edificações estimulada pelos Planos Diretores, a execução do aterro na década de 1970, e como estas situações se relacionam com o objeto da pesquisa.

Por fim, como apêndice, é apresentado um inventário atual da arquitetura fabril realizado pela autora e outros anexos, como o inventário realizado pelo SEPHAN/IPUF em 1991.

## 1. A ORGANIZAÇÃO DA ZONA PORTUÁRIA E O CONJUNTO RITA MARIA

### 1.1 OCUPAÇÃO E EVOLUÇÃO URBANA DE DESTERRO

O início da ocupação portuguesa em Desterro efetua-se no século XVII, mais precisamente no ano de 1673, em torno de uma pequena igreja construída em pedra e cal, erguida pelos vicentistas em uma elevação na área central, e de frente para o mar. O povoamento era organizado em algumas pequenas vias que partiam do núcleo fundador (nas imediações da atual Praça XV de Novembro) em direção às fontes de água próximas<sup>4</sup>. Até o século XVIII, a ocupação foi realizada nas áreas ao longo da praia, na porção mais plana e no entorno da praça central, onde foi erguida a Casa de Câmara e Cadeia, que de acordo com Veiga: “a Casa de Governo, erguida a mando de Silva Paes era pequena, também se localizava nas proximidades e possuía uns palmos de pé-direito” (Veiga, 2010, p. 45). A imagem feita por La Pérouse (figura 01) retrata a vista de Desterro em 1785, percebe-se a presença marcante da igreja e das edificações situadas nos arredores da praça.

Figura 1 - Vista da Cidade de Desterro (1785) - La Pérouse.



Fonte: <https://antigo.museus.gov.br/>

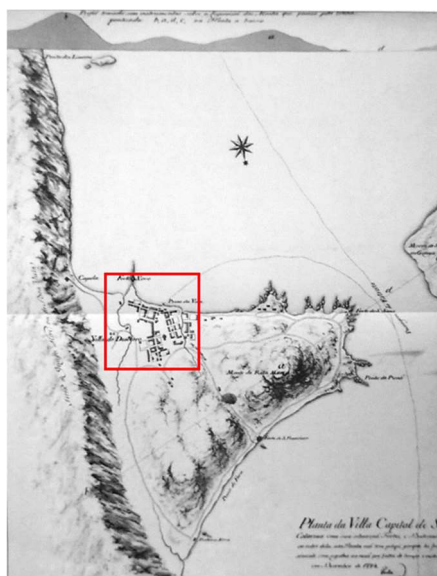
---

<sup>4</sup> Fonte da Palhoça (Rua Vidal Ramos, na atualidade), a Fonte do Largo do Fagundes (Praça Pio XII, na atualidade), a Fonte da Pedreira (Rua Saldanha Marinha, na atualidade), a Fonte do Campo do Manejo (Instituto Estadual de Educação, na atualidade) (Veiga, 2010).

Após 1738, quando foi elevada à Sede da Capitania, foram tomadas medidas de proteção do território. Como resultado, foram implantadas fortificações para estruturar o Sistema Defensivo<sup>5</sup>. Enquanto Desterro foi sede político-militar da capitania, os elementos que compunham sua paisagem eram basicamente construções de caráter militar e administrativo, como os fortes, a Casa de Câmara, a Casa de Governo e a própria capela; as edificações maiores ficavam mais próximas da praça e da igreja e possuíam uso administrativo (Veiga, 2010).

Na figura 02 intitulada “Planta da Villa Capital de Santa Catarina”, observa-se que a ocupação se concentrava em volta da praça central (destacada no retângulo vermelho), e em direção à atual Rua Conselheiro Mafra, seguindo até a praia da Figueira. Neste mapa estão identificados o núcleo fundacional, algumas ocupações dispersas, que são as fortificações: Forte São Francisco, Forte Novo (Santa Bárbara) e Forte Sant’anna e alguns caminhos conectando o núcleo até estes fortes. Estes caminhos foram responsáveis por organizar as ocupações no interior, os bairros mais antigos também se organizaram a partir destas conexões, como o Rita Maria (próximo do Forte Sant’anna).

Figura 2 - Planta da Villa Capital de Santa Catharina (1774).



Fonte: VEIGA, 2010.

<sup>5</sup> Foram projetadas (projeto de autoria do então governador da Capitania, Brigadeiro Silva Paes) três fortalezas para guarnecer o acesso à Baía Norte: Santa Cruz (1739) na Ilha de Anhatomirim, São José da Ponta Grossa (1740) e Santo Antônio (1740) na Ilha de Ratoles Grande e para defender a entrada da Baía Sul, a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição (1742) na Ilha de Araçatuba. Nas décadas seguintes, fortes de menores proporções foram erguidos mais próximos ao centro da Vila, de autoria distinta, totalizando 11 fortificações antes do final do século XVIII: Fortes de Santana (1761) e São Francisco Xavier (1761), Bateria de São Caetano (1765), São Luiz (1771), Santa Bárbara (antes de 1774), Nossa Senhora da Conceição da Lagoa (1775) e São João (1793) (Tonera, 2005).

Em 1820, Saint-Hilaire descreveu a aparência da cidade, destacando a praça central e a ocupação a leste. Conforme descrição, o agrupamento predominava no entorno da praça central e se estendia a leste, ocupando até a base do maciço verde (Morro da Cruz):

[...] As casas, feitas comumente em tijolo ou de pedra, caiadas e cobertas com telhas são em sua maioria muito bem conservadas. De um modo geral são maiores do que as [...] encontradas nas cidades do interior, vendo-se muitas de dois pavimentos, com vidraças nas janelas e construídas com bom gosto. [...] A cidade é dividida em duas partes desiguais por uma grande praça, que ocupa quase toda a sua largura e vai em declive suave até a beira d'água. A praça retangular é coberta por uma fina relva, medindo aproximadamente noventa passos de largura por trezentos de comprimento desde a beira d'água até a igreja paroquial, onde termina [...] afora a igreja paroquial, veem-se ainda [...] algumas capelas, sendo a mais notável a do Menino Deus [...] um pouco afastada da cidade, na extremidade de uma pequena cadeia de morros elevados [...] (VEIGA, 2010, p.80-81).

Em 1822, Duperrey observou a Capital da Província e relatou que as edificações eram construídas em pedra ou tijolos, rebocadas em cal, algumas com dois pavimentos e muitas delas térreas. Indicava que a localidade já contava com comércio, fábricas e um guindaste para auxiliar na movimentação do pequeno porto existente. O autor relata que em frente à praça central, do outro lado do largo, havia a presença de

desembarcadouro, que é bem construído e cômodo, e um guindaste para facilitar a movimentação de mercadorias. Por fim, apontou os armazéns de mercadorias, bem sortidos e pouco numerosos, as farmácias, 'conservadas com elegância' e onde reina 'certo luxo', a algumas lojas, manufaturas e fábricas, e observou a falta de hotéis, restaurantes e cafés para conforto dos estrangeiros (VEIGA, 2010, p. 82).

As casas sofreram melhorias no século XIX, as coberturas passaram a ser em telha e não mais em palha, novas edificações surgiram, o vidro passou a ser utilizado nas esquadrias e os acabamentos foram sendo melhorados. O comércio se intensificou e foram tomadas medidas de saneamento básico, urbanização e melhoria do porto:

Em 1866, existiam no Desterro, dispostos em 41 quarteirões, 852 prédios de moradia, além dos edifícios públicos. Pereira apontou uma fase de prosperidade para a Capital da Província em 1830 e 1880, coincidente com a sua elevação à categoria de cidade e com a incidência da imigração européia (sic) no interior da Província. Destacaram-se algumas medidas de

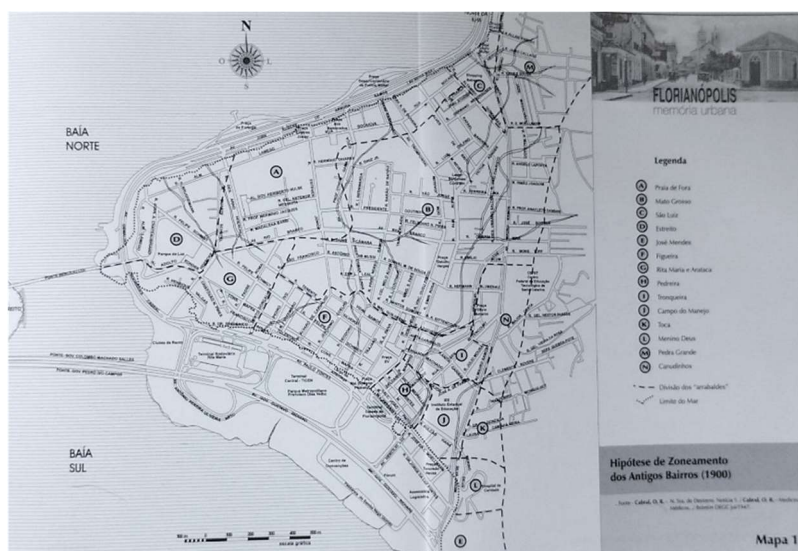


saneamento básico, urbanização e calçamento das principais ruas ao longo do século XVIII. O centro renovou o seu casario, adotou as linhas de transporte coletivo a tração animal e redes de iluminação e de saneamento de esgotos e córregos. com acontecimentos de destaque, cabe relevar os projetos de melhoria do porto, a ligação viária entre Desterro e o planalto lageano, e a construção do Mercado Municipal (1851) e do Teatro Santa Isabel (1857). (VEIGA, 2010, p. 86)

A partir de 1828, inicia a imigração alemã em São Pedro de Alcântara (considerada a primeira colônia de origem germânica em Santa Catarina). Outras localidades do Estado receberam a etnia, como a região do Vale do Itajaí e Blumenau, onde inicialmente iria morar Carl Hoepcke. Veiga (2010) cita que foi surgindo aos poucos a classe mais abastada no início do século XIX. Foram construídas algumas fortunas a partir do florescimento comercial e marítimo, dando característica de progresso à Desterro no período que coincide com a imigração europeia.

No início do século XX, Desterro apresentava a seguinte configuração urbana: o comércio concentrava-se nas ruas Conselheiro Mafra, Felipe Schmidt, Trajano, (a oeste da Praça XV) e João Pinto (a leste da Praça XV). Existiam os bairros da Figueira, a zona do porto e embarcações ancoradas no trapiche da Rua Francisco Tolentino, nas proximidades da Rua Padre Roma (a oeste). Havia o Campo do Manejo (atual Instituto Estadual de Educação), os bairros da Tronqueira (próximo da atual Rua General Bittencourt) e do Mato Grosso (localizado nas proximidades da Praça Getúlio Vargas), segundo a figura 03.

Figura 3 - Hipótese de Zoneamento dos Antigos Bairros (1900).



Fonte: VEIGA, 2010.

A cidade estava florescendo economicamente com as indústrias e principalmente com a movimentação do porto, instalados na extremidade da área central de Desterro, seguindo às orientações das Posturas Municipais. Estas orientações proibiam algumas atividades industriais como curtir, salgar couros e fazer cola próximo da ocupação inicial. O sucesso econômico resultante da instalação das indústrias, relacionado a presença da imigração no Estado, acabou por influenciar adensamento do centro da cidade:

Após a proclamação da Independência, os "capitalistas" passaram a instalar-se na Ilha e a cidade deixou de ser um simples sede político-militar para assumir também funções civis e integrar-se num contexto econômico mais apto a expandir o seu espaço construído. Num terceiro momento, algumas indústrias aqui instaladas e a multiplicidade de funções comerciais derivadas do incremento da atividade portuária - e já influenciadas pela onda de imigração no interior do Estado, predominantemente italiana e germânica - dariam à capital o incentivo necessário à sua expansão urbana. Isso veio a contribuir para o adensamento do centro histórico e para a expansão de alguns vetores de crescimento, sem descaracterizar a imagem cartográfica básica (VEIGA, 2010, p. 47).

Um exemplo do enriquecimento vivenciado por Desterro foi a instalação de chácaras ao longo dos caminhos de ligação entre o núcleo fundador e os fortes. Algumas locações eram compostas por um vasto lote arborizado, edificações erguidas com afastamentos laterais, frontais e de fundos, porões altos e acesso por varandas laterais. Demonstravam a preocupação com saneamento, iluminação e ventilação. Os núcleos existentes desde o século XVII e os fortes serviram de guia para a implantação das chácaras residenciais e formaram bairros como Mato Grosso e Praia de Fora.

Fernando Hackradt, tio de Carl Hoepcke, foi um dos proprietários destas chácaras, localizada na Rua Bocaiúva (entre as Ruas Trompowsky e Gama D'êça). Carl Hoepcke foi proprietário da maior delas – Chácara da Molenda - que se estendia da Rua Bocaiúva até a Rua Presidente Coutinho. A opção por morar nas chácaras justificava-se por ser distante do centro e afastado das epidemias. A casa da propriedade de Carl Hoepcke foi demolida devido a presença de cupins no madeiramento. No local foi construída uma nova edificação, de autoria de Tom Wildi<sup>6</sup>,

---

<sup>6</sup> Tom Traugott Wildi (Schafisheim, 1897-Florianópolis, 1985). Executou uma variedade de edifícios, atuou no centro de Florianópolis. Colaborou em obras de infraestrutura para a Ponte Hercílio Luz, participou de reformas na Catedral Metropolitana de Florianópolis (1932), projetou o conjunto da Fábrica de Bordados Hoepcke (intervenção de 1940), construiu a Sede de Departamento de Saúde pública, a partir do projeto de Paulo Motta (Teixeira, 2009). Criou indústrias pioneiras de tijolos

que atualmente abriga a sede do Quartel da 14ª Brigada de Infantaria Motorizada. Estas ocupações se tornaram os conjuntos tombados na década de 1980<sup>7</sup>.

Depreende-se que no fim do século XIX, o polo portuário e fabril estava instalado na cidade próximo do Forte Sant'anna, seguindo o ritmo de expansão urbana: dos caminhos entre o núcleo fundador e os fortes implantados no século XVIII. O estaleiro e as fábricas de maior porte, empreendimentos da Cia. Hoepcke, consolidaram o caráter industrial e manufatureiro da área (Veiga, 2010).

## 1.2 A FORMAÇÃO DO COMPLEXO INDUSTRIAL NO BAIRRO RITA MARIA

As primeiras edificações aparecem na área de estudo a partir de 1876, como indica a Planta Topographica da Cidade de Desterro (figura 04).

Figura 4 - Planta Topographica da Cidade de Desterro (1876).



Fonte: VEIGA, 2010.

Há uma concentração da ocupação na orla da baía sul, com ruas partindo da praça central e várias vias transversais. Para o norte (em direção à baía norte),

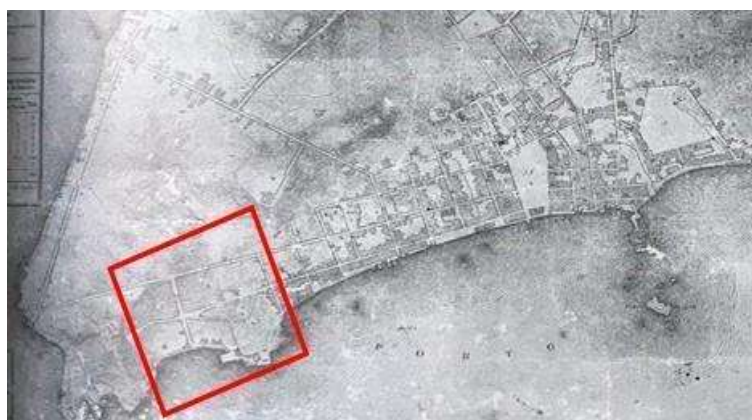
---

vazados e ladrilhos hidráulicos. A partir de suas viagens e pesquisas na Ilha de Marajó montou um acervo de peças, doado a UFSC após sua morte.

<sup>7</sup> Cf. Alberton (2006) e Abreu Júnior (2004), esta área foi adquirida por Carl Hoepcke no final do século XIX, numa extensão de 20 mil m<sup>2</sup> com testada de frente à rua Bocaiúva, onde hoje se encontra o 14º Batalhão de Infantaria do Exército e se estendia até a rua Presidente Coutinho (...). Atualmente, a propriedade pertence ao Exército, sendo que a casa e algumas árvores se encontram protegidas por tombamento. A parte restante dos fundos do terreno foi vendida em vários lotes e também serviu para a abertura das ruas Barão de Batovy (antiga rua Marechal Gama D'Eça) e Santo Inácio Loyola, ambas perpendiculares à rua Presidente Coutinho. Foram lotes muito valorizados para a época, situados em local nobre da cidade (Cruz, 2008, p.100).

observam-se alguns caminhos que acessavam os fortes São Luís e São Francisco, o que resultou numa ocupação do interior, concentrando-se nas (atuais) ruas Esteves Junior, Almirante Lamego, Bocaiúva, Presidente Coutinho e Avenida Mauro Ramos. Estes caminhos que conectavam a ocupação da área central às bordas da cidade deram origem aos primeiros bairros. Notam-se algumas edificações à esquerda da imagem, próximo do Forte Sant'Ana (figura 05). Nesta porção assinalada como "Estreito" é possível identificar algumas vias, que viriam a ser as Ruas Hoepcke e Henrique Valgas, algumas edificações na borda d'água e uma pequena enseada que viria a abrigar o estaleiro Arataca.

Figura 5 - Ampliação do mapa de 1876.



Fonte: VEIGA, 2010. Adaptação da autora.

As ruas próximas do porto acabaram por assimilar as atividades portuárias, dedicando-se ao comércio do gênero, e apresentavam o uso residencial para os trabalhadores da atividade:

A rua Augusta<sup>8</sup>, 'movimentada e cheirando a alcatrão', era a rua dos armadores, das casas dedicadas ao comércio de ferragens, de artigos náuticos, dos representantes de gêneros de importação. A rua do Príncipe<sup>9</sup>, no entanto, era a do comércio varejista, dedicação que tem pendurado até nossos dias (VEIGA, 2010, p. 88).

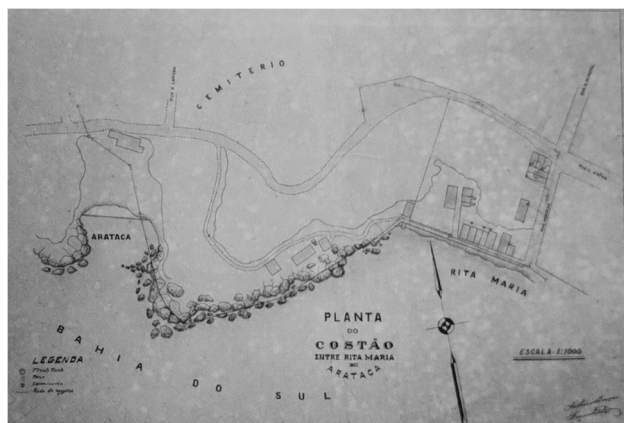
Na imagem do bairro Rita Maria (figura 06) há uma menor densidade de ocupação. Identificamos algumas edificações na orla e próximo das pedras, e a

<sup>8</sup> Atual Rua Conselheiro Mafra e João Pinto.

<sup>9</sup> Atual Rua Conselheiro Mafra.

mesma enseada da imagem anterior. Ainda não são sinalizados a vila operária, os trapiches e os componentes das Fábricas de Pontas, tampouco a Fábrica de Rendas e Bordados e os demais elementos do conjunto tombado.

Figura 6 - Planta do Rita Maria.



Fonte: VEIGA, 2010.

Na figura 07 denominada “Planta da Cidade de Florianópolis”, observamos novamente algumas ruas (atuais Ruas Hoepcke e Henrique Valgas), edificações junto ao mar, um trapiche e a enseada do estaleiro Arataca. Percebem-se alguns elementos localizados em frente às vias, que podem simbolizar a vila operária e algumas outras edificações tombadas na década de 1980 (figura 08). No ano de 1913, já estariam implantadas as Fábricas de Pontas e de Gelo e o estaleiro. Data também deste ano a fundação da Fábrica de Bordados.

Figura 7 - Planta da Cidade de Florianópolis, 1913.



Fonte: VEIGA, 2010.

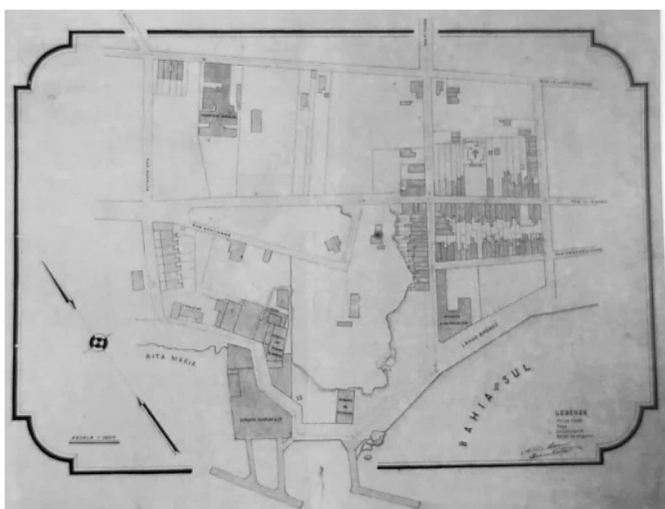
Figura 8 - Ampliação do mapa de 1913.



Fonte: VEIGA, 2010. Adaptação da autora.

As figuras 09 e 10 (ampliação) retratam a zona do porto, podemos identificar o complexo industrial já consolidado, há uma concentração de galpões em frente a um trapiche e um aglomerado de construções (Fábrica de Pontas). A vila operária, a edificação eclética na Rua Cristóvão Nunes Pires e as três edificações tombadas do lado oposto à vila estão presentes nesta imagem (Rua Hoepcke). Acima, na atual Rua Felipe Schmidt, vemos a Fábrica de Bordados em configuração distinta dos dias atuais, em menor dimensão na esquina, maior dimensão voltada para a Felipe Schmidt e os fundos dos lotes livres.

Figura 9 - Planta da Baía Sul.



Fonte: VEIGA, 2010.

Figura 10 - Planta da Baía Sul.



Fonte: VEIGA, 2010. Adaptação da autora.

Há uma divisão de lotes diferente na mesma quadra: os lotes à direita da imagem (acima do texto “Largo Badaró”) são estreitos e alongados, as edificações preenchem a largura total, evidenciando a implantação do solo mais densa (referente aos séculos anteriores, nos quais predominaram a ocupação luso-brasileira). Os lotes situados à esquerda da imagem são maiores, a Fábrica de Bordados não ocupa totalmente a largura no lote, possui afastamentos laterais e de fundos. Por fim, analisando a configuração na vila operária, percebemos um híbrido das duas descrições acima: os terrenos são mais estreitos na largura e possuem uma maior profundidade, as edificações ocupam a largura total, mas há afastamentos de fundos e frontal, não identificado na porção direita da imagem. Na ocupação da Fábrica de Pontas vemos uma grande densidade, as edificações perfazem a totalidade dos lotes que são irregulares e em tamanhos diversos. Notam-se os trapiches e um grande volume edificado que avança para o mar.

Na figura 11 identificada como “Área Central de Florianópolis em 1921”, são indicados na legenda a Vila Operária (C), Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke (D), Porto e Estaleiro (J), Fábrica de Pregos e Pontas Hoepcke (K). A linha tracejada, que indica o limite do mar, demonstra que o mar avançava até a Rua Henrique Valgas, antes da existência do aterro, local de onde partiam os trapiches.

Figura 11- Área Central de Florianópolis em 1921.



Fonte: VEIGA, 2010.

No início do século XX, estavam presentes todos os elementos das atividades fabris que compunham o complexo industrial em estudo nesta pesquisa: os galpões

das Fábricas de Pontas e de Gelo (ambos da década de 1890), a vila operária na Rua Hoepcke, o estaleiro Arataca (1907) em pleno funcionamento e a Fábrica de Bordados (1913). Segundo Mendonça (*in* Müller, 2007) a influência teuto-brasileira na arquitetura comercial da cidade estava conectada à empresa Hoepcke, o porto dinamizou o comércio e deu origem às primeiras edificações fabris no centro da cidade (figura 12). Afirma também que toda a “arquitetura portuária e fabril do final do século XVIII e início do século XIX produzida em Florianópolis foi vinculada às firmas Hoepcke” (Müller, 2007, p.230). A monumentalidade da arquitetura era assinalada pelas grandes edificações das fábricas, com ênfase na sua horizontalidade.

Figura 12 - Vista para Fábrica de Pontas, armazéns e trapiche.



Fonte: Acervo Casa da Memória

A localização das indústrias próxima de rios ou outros sistemas de transporte foi estratégica (figura 13). A implantação das fábricas junto a rios era relacionada à proximidade com a força motora e em relação ao porto e ferrovias (estruturas de transporte) era em razão da facilidade da importação e exportação de mercadorias e de matéria prima. Esta organização era uma orientação presente nos manuais de instruções para construção de indústrias. No caso do Brasil, o *Cours de Constructions Industrielles* (Moreira, 2007) indicava atenção a três pontos principais para instalação, todos relacionados à geografia: 1° Proximidade com matéria prima, 2° Facilidade de operação quanto a força motriz e 3° Distâncias e pontos de venda de mercadorias.

O documento destacava dois meios de transporte principais: vias férreas e vias navegáveis. O primeiro é mais adequado para o transporte rápido, embora as tarifas sejam mais custosas que o segundo. Logo, para mercadorias de custo menos elevado em que a tarifa alta de transporte seria um empecilho, recomendava-se o transporte por vias navegáveis.



Figura 13 - Cais Rita Maria, década de 1950.



Fonte: Acervo Velho Bruxo.

As Fábricas de Pontas e de Gelo foram instaladas junto ao porto, essa proximidade facilitava o transporte de mercadorias. Atualmente, existe parte dos trilhos instalados no piso dos galpões que permitia a circulação rápida de produtos no embarque e desembarque do porto. A criação da Empresa Nacional de Navegação Hoepcke (ENNH) também contribuiu para movimentar as atividades portuárias e fortalecer o porto de Desterro (Florianópolis), que junto com as decisões da Cia. Hoepcke provocaram grandes mudanças na economia de Santa Catarina, como veremos a seguir.

### 1.2.1 A Cia. Hoepcke

A Cia. Hoepcke foi fundada pelo imigrante alemão Carl Hoepcke e associados no ano de 1882. Tornou-se um conjunto de empresas muito importante na economia do Estado de Santa Catarina durante a primeira metade do século XX.

O século XIX foi marcado pelo processo imigratório no Brasil de diferentes etnias europeias, entre elas a alemã. A saída de milhares de alemães de seu país natal se concentrou no século XIX e se deu devido à crise que antecedeu a unificação da Alemanha aliada à pobreza vivida pelos camponeses, ao crescimento acelerado da população, aos impostos elevados e latifúndios concentrados nas mãos da classe abastada (Reis, 1999). A situação para os camponeses era de miséria e exploração:

Entre os anos de 1848 e 1870, além das guerras que iriam culminar na unificação alemã, aumentava o êxodo do campo para as cidades, na busca por melhor qualidade de vida, e por melhor condição econômica. (...) Grande

parte desse contingente foi do campo para as cidades e, levados pela pobreza, acabaram por optar pela emigração. (REIS, 1999, pg. 26-27)

Ao chegarem em Santa Catarina foram destinados para o interior do Estado, em locais em que as condições não eram favoráveis. Os lotes não eram demarcados, terrenos eram acidentados e com mata virgem. Era preciso trabalhar na terra com o material que tinham disponível, que era pouco também. A realidade levou os imigrantes e repensarem formas de subsistência para além do cultivo da terra (Coutinho, 2018), como aconteceu com Carl Hoepcke.

O contexto que levou a imigração europeia no Brasil se dá a partir de uma mudança brusca na economia e na forma de trabalho na Europa no século XIX. Esta situação contribuiu para a construção de um conhecimento e experiência que estes imigrantes aplicariam em seus novos países:

A Revolução Industrial mudara a lógica do sistema feudal, que até então assegurava aos camponeses a posse compartilhada das terras e o usufruto dos bens coletivos. Em substituição a esse modelo, despontava um sistema capitalista baseado na exploração desumana do trabalho assalariado. Para a maioria dos trabalhadores, não havia opção a não ser submeter a essas condições extremas, incluindo jornadas de até 16 horas diárias. Já que o desemprego representava uma situação ainda pior, de miséria plena (COUTINHO, 2018, p.26).

Os imigrantes saídos da Alemanha nesta época puderam acompanhar a experiência da industrialização que ocorria na Europa. Por trazerem consigo esta vivência do seu país de origem, se diferenciavam da cultura dos colonizadores portugueses que se baseava na produção latifundiária (Cruz, 2008). A partir da experiência e atividades empregadas ocorreu uma dinamização nas atividades empresariais, impactando no quadro socioeconômico e político do Estado:

Esta capacidade empresarial criou as bases para a substituição da importação de bens de capital ao introduzir as inovações em máquinas, por isso também assumindo inicialmente um caráter pioneiro, e depois desenvolvimentista através da indústria consolidada (CRUZ, 2008, p.30-31).

O processo de industrialização em Santa Catarina compreende o período entre 1880 e 1918. Resulta da responsabilidade do imigrante, essencialmente por aqueles que trabalhavam com agricultura na sua terra natal, com inclinação à comercialização dos produtos cultivados. Muitos desses imigrantes possuíam

habilidade para o trato empresarial, vislumbravam trabalhar arduamente para acumular capital e criar suas próprias empresas.

Após a morte do pai, em 1863, Carl Hoepcke, sua mãe Caroline, o irmão Paul e sua irmã Line saíram da Alemanha e estabeleceram-se inicialmente em Blumenau, permanecendo por lá por 3 anos. Segundo Reis (1999) compreende-se que na saída da Alemanha, Carl Hoepcke imaginava que viria a Santa Catarina para trabalhar com o tio Ferdinand Hackradt no comércio de Desterro. Ferdinand dera a sua irmã (Caroline) um lote de terra que não parecia ser produtivo, ao lado deste, Hoepcke adquiriu outro lote. Nas terras havia muita vegetação e duas casas muito simples feitas em tronco de palmeira e telhado de palha. As tarefas do dia a dia foram divididas, Carl ficou com a agricultura, a mãe com a responsabilidade da cozinha e de cuidar dos animais (galinhas e porcos) e a irmã ficou responsável por capinar e plantar.

Em 1866, aos 22 anos, Hoepcke já planejava sua primeira fábrica a partir da plantação de araruta. Passou a analisar os custos de produção, produtividade e a possibilidade de instalar uma fábrica de farinha a partir do amido da planta. Pediu dinheiro ao tio, que não atendeu, mas observando que o sobrinho tinha talento para os negócios, o contratou como guarda-livros (contador) de sua empresa em 1866<sup>10</sup>.

Em 1868, dissolve-se a sociedade entre Ferdinand Hackradt e André Ebel, Carl Hoepcke e seu irmão Paul passam a ser sócios de Hackradt. Em 1871, Hackradt saiu da sociedade dando lugar a seu filho Ferdinand Hackradt Júnior, e em 1873, a empresa passa a se chamar Fernando Hackradt e Cia. Em 1882, muda-se a razão social para Carl Hoepcke e Cia. com Carl e Paul Hoepcke, Carlos Scharf e Hackradt Júnior como sócios. Em 1890, Carlos Scharf<sup>11</sup> retira-se da sociedade.

---

<sup>10</sup> Fonte: Piazza, Barreto e Souza (s.d., p. 60)

<sup>11</sup> Em 1889, entram como sócios Carlos Hoepcke Júnior e Carlos Malburg, saindo Paul Hoepcke e Hackradt Júnior. Em 1915 (ou 1916) entra para sociedade Max Hoepcke. Em 1925 sai da sociedade Carlos Malburg, a empresa passa a se chamar Hoepcke e Cia, tendo como sócios Carlos Hoepcke Júnior e Max Hoepcke (faleceu em 1924 Carl Hoepcke). Em 1931, tendo falecido ambos os sócios (Max em 1928), o controle da empresa passa aos herdeiros, e a empresa passa a ser uma sociedade anônima, Carlos Hoepcke S.A. Na década de 1930 a direção da empresa foi assumida pelo Barão Dietrich von Wangenheim, sobrinho de Carl Hoepcke Jr por parte da esposa, mas com a Segunda Guerra Mundial (1942), foi determinada a proibição de diretores estrangeiros em empresas sediadas no Brasil, portanto, Aderbal Ramos da Silva, casado com Ruth Hoepcke, assumiu a direção (Coutinho, 2018), saindo em 1947 para assumir o cargo de Governador do Estado, Acelon Dario de Souza assume até falecer (1964), e a partir disso Francisco Grillo (genro de Aderbal Ramos) por 5 anos, substituído por José Matusalém Comelli (Grillo, 1980). Em 1980 passaram a ser assessoras da presidência as bisnetas do fundador: Anitta e Silvia Hoepcke, em 1988 foi feita a divisão do grupo em duas holdings: Carlos Hoepcke, Administração, Participações e Empreendimentos e Farebo Hoepcke SA.

Os negócios da empresa de Carl Hoepcke ampliaram desde a sua fundação, deixando de lado a venda de varejo e partindo para o comércio de ferragem e de produtos a granel, mais facilmente transportados em navios. Segundo Cruz (2008), ao fim do século XIX a vida econômica de Santa Catarina concentrava-se na área central de Desterro (figuras 14 e 15) e a proximidade com o porto colocou a cidade numa posição privilegiada para o transbordo das mercadorias importadas.

Figura 14 - Parte das instalações do complexo Rita Maria.



Fonte: Müller, 2007.

Figura 15- Complexo Rita Maria, em primeiro plano os trapiches.



Fonte: Müller, 2007.

A grande maioria das empresas dos imigrantes alemães iria concentrar-se no Vale do Itajaí. Somente Desterro foi sede de empresas distantes das colônias de imigração alemã, mas estrategicamente próximas do porto. A proximidade com o porto foi fundamental para a prosperidade da economia das empresas e da cidade, pois havia uma concorrência comercial entre as áreas portuárias brasileiras para obter compradores de maquinário, louças, ferragens, cimento e aço. Para fortalecer o predomínio nas áreas de colonização alemã, empresas se estabeleciam nos portos, como manifestado abaixo:

Por conta disso, assumia papel relevante uma grande firma alemã em cada um dos principais portos – Theodor Wille, comerciante importador de máquinas em Santos com ramos de atividade em São Paulo e Rio de Janeiro; Hermann Stoltz, dono de uma companhia de navegação no Rio de Janeiro e capitalista industrial (HOLLANDA & CAMPOS, 2004); Martin Bromberg, comerciante de ampla diversificação e aplicação de capitais, em Porto Alegre (PESAVENTO, 1994); e Carl Hoepcke, semelhante a este último, em Desterro/Florianópolis (CRUZ, 2008, p. 69).

A empresa Hoepcke era responsável pelo fornecimento do comércio catarinense e abastecia o comércio varejista. Possuía muitos produtos importados da Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos, seu representante comercial era sediado em

Hamburgo. Os produtos eram organizados em seções: fazendas (brim, algodão, lã), drogarias (perfumes, cosméticos, batons, talcos), louças (aparelhos de café de jantar geralmente ingleses), ferragens (tornos, talheres, pás, enxadas) e cutelaria. Possuía seções de encomendas de artigos e entregas, setores de cobranças e despachos (área administrativa e contábil da empresa), revendedora de carros e peças da Ford e Chevrolet<sup>12</sup>, pneus, gasolina em lata e Casas Bancárias. A empresa exportava produtos catarinenses, como café, fécula de mandioca e couro (Grillo, 1983). A distribuição de mercadorias era limitada pela disponibilidade de embarcações que faziam os fretes (Müller, 2007, p.36), razão pela qual seria fundada a Empresa Nacional de Navegação Hoepcke. Os produtos eram enviados ao Rio de Janeiro e Santos (madeira em tábuas, manteiga, banha, aves, ovos, feijão e farinha de mandioca), era enviada a farinha e erva-mate para o Rio do Prata (que saía de São Francisco do Sul), madeiras (cedro) eram exportadas para Bremen e Vestfália, café para Hamburgo, pele seca de animais para o Mediterrâneo (Reis, 1999).

Em 1895, foi fundada a ENNH para realizar exportação e importação, comércio de transporte de passageiros e cabotagem<sup>13</sup>. Na sequência foi inaugurada a Fábrica de Pontas Rita Maria em 1896 e dois anos depois, a Fábrica de Gelo ao lado dos galpões da Fábrica de Pontas. Cruz (2008), que fez uma leitura sobre a empresa Hoepcke e os empreendimentos implantados, afirma que os negócios estavam conectados ao atendimento das demandas locais. A Fábrica de Pontas nasceu da necessidade de fornecimento de prego para construções, a Fábrica de Gelo da necessidade para acondicionamento de pescado e outros gêneros transportados pelos navios. Já de acordo com Reis (1999), a ideia da fundação da Fábrica do Gelo partiu da festa de inauguração da própria Fábrica de Pontas

(...) na festa de inauguração da fábrica de pregos Rita Maria, os convidados reclamaram que a água estava quente. Nasceu a idéia (sic) da primeira fábrica de gelo do Brasil, inaugurada dois anos depois, no casarão ao lado (...) (REIS, 1999, p. 120).

---

<sup>12</sup> Após a Primeira Guerra Mundial, a empresa Moellmann perdeu a concessão de veículos da Ford para Hoepcke, durante o período de guerra, a empresa Hoepcke cedeu a concessão da Ford para "Tuffi, Amin & Irmão" na Rua Duarte Schuttel, situada (até ser demolida) na esquina em frente a Fábrica de Bordados e a casa Moellmann cedeu a Chevrolet para Hoepcke (Cruz, 2008).

<sup>13</sup> Navegação que se faz na costa, com a terra à vista, ou navegação entre portos de um mesmo país ou a distâncias pequenas, em águas costeiras.

Por outro lado, a vila operária seria implantada próxima da fábrica para manter uma relação de vínculo entre trabalho e moradia. As casas da vila eram destinadas aos funcionários de maior hierarquia na empresa que deveriam estar perto em caso de necessidade de resolução de algum problema e atendimento imediato (Souza, 2016). O estaleiro Arataca estava ligado à necessidade da manutenção das embarcações da ENNH e a Fábrica de Rendas e Bordados, aliada a marca de pioneirismo da empresa no que concerne à exploração de novos mercados.

Havia uma rede de filiais além das lojas da Capital. Eram lojas com estoque de produtos que permitiam aos habitantes de diversos locais do Estado terem acesso às mercadorias que necessitavam. As filiais eram instaladas em casarões de grande porte com fachadas imponentes e em locais privilegiados, sendo comum estarem próximas do porto. A primeira filial localizava-se em São Francisco do Sul (1903) em uma grande construção formada pela junção de diversos armazéns para depósito de madeira e mercadorias em geral. Havia escritório junto à filial e um trapiche próprio para embarque e desembarque, e um trilho com carrinho no piso dos depósitos facilitando o transporte. Atualmente, o conjunto de edificações abriga o Museu Nacional no Mar - Embarcações Brasileiras (figura 16). Outras filiais foram instaladas em Laguna, Blumenau (figura 17), Joinville, Tubarão (figura 18), Joaçaba, Lages e em outros estados (Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro).

Figura 16 - Museu Nacional do Mar.



Fonte: Acervo pessoal, 2018

Figura 17 - Filial em Blumenau.



Fonte: Muller, 2007.

Figura 18 - Filial em Tubarão.



Fonte: Muller, 2007.

A mesma configuração arquitetônica ocorria tanto na sede como nas filiais. Utilizavam-se grandes edifícios, em que os galpões de armazenagem estavam conectados aos trapiches e a localização das empresas coincidia com a localização do porto. As atividades industriais se localizaram próximas de rios, em razão da força motora (engenhos hidráulicos), ou próximo de estruturas de transporte (ferrovias e

porto) por uma questão de logística e movimentação de produtos (matéria prima e mercadorias), ou próximo de centros urbanos e tecidos consolidados pela disponibilidade de infraestrutura (Dezen-Kempton, 2011).

De modo sintético, Müller (2007) organiza, a partir dos estudos de Idaulo Cunha, a divisão da economia catarinense em períodos e assinala a importância da Cia. Hoepcke. O primeiro período (1746-1850) caracteriza como economia de subsistência, o segundo período (1850 -1880) como “agricultura diversificada de desenvolvimento artesanal” (Müller, 2007, p.82) e o terceiro período (1880 - 1914) como a primeira fase do desenvolvimento industrial. Segundo o autor, nos núcleos urbanos de alguns pontos do Estado, o volume de excedentes na produção e o aprimoramento do sistema de transportes contribuíram para o desenvolvimento industrial. Este fato se deve à exportação de produtos e à importação de matéria-prima, destacando-se o fio de algodão e o ferro, feitos pela Empresa Nacional de Navegação, não somente em Desterro, mas também em São Francisco do Sul.

Nos anos seguintes, a Cia Hoepcke seria afetada pelas consequências da guerra. Devido a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Carl Hoepcke<sup>14</sup> saiu do comando das empresas, de acordo com Müller, “ao passar a presidência da firma para Carlos Hoepcke Junior, seu filho mais velho que era brasileiro nato, Carl Hoepcke procurou evitar as represálias antiguermânicas” (Müller, 2007, p. 40). Ocorria para Inglaterra e Estados Unidos (principalmente) que o Brasil seria uma potência bélica e simpática aos inimigos, em razão de ter sido colonizado por alemães e italianos ao sul do país. A consequência foi a suspensão do fornecimento de matérias-primas, prejudicando as indústrias brasileiras e forçando a ENNH a desativar algumas embarcações devido à falta do fornecimento de carvão (1916-1917). Igualmente, a Fábrica de Pontas precisou fechar por falta de matéria prima.

De acordo com Cruz (2008), ao final da 2ª Guerra Mundial algumas empresas alemãs receberam embargos de funcionamento em razão do contato com o exterior (Hering, Renaux, Hoepcke). Houve uma queda no movimento de carga desembarcado entre 1938 e 1946: o “movimento de carga desembarcado, em toneladas, decaiu (-48,77%), e o volume embarcado, em toneladas, (-63,58%) para o qual também influíram as restrições da 2ª Guerra Mundial” (Cruz, 2008, p. 93). A autora observou no estudo realizado que, segundo os balanços-gerais da empresa “Carlos Hoepcke

---

<sup>14</sup> Carl Hoepcke morreu em 1924.

S.A. Comércio e Indústria” entre 1942 e 1945, houve um aumento de imóveis e propriedades e a ocorrência de uma época de estagnação econômica na área produtiva da Capital. A acumulação de imóveis e propriedades reflete

a falta de perspectivas nas atividades produtivas, até mesmo porque, os investimentos realizados a partir de então por Aderbal Ramos da Silva, segundo consta em Tancredo (1998), convergiram para o café “Cacique” (no norte paranaense), a compra de jornais e emissoras de rádio em situação cambaleante, bancos, indústrias, imóveis e terras na ilha, auxílio beneficente a entidades esportivas e religiosas. (CRUZ, 2008, pgs 103-104).

É compreendido que a Cia. Hoepcke teve papel fundamental na economia e história de Florianópolis. A empresa foi responsável pela construção do setor industrial na área urbana formado pelas fábricas instaladas junto no porto, vila operária, estaleiro Arataca e Fábrica de Bordados, integrantes do Conjunto Rita Maria, tombado da década de 1980.

### 1.3 PRESERVAÇÃO DO CONJUNTO RITA MARIA

Alguns anos após a criação do SEPHAN<sup>15</sup>, entre 1980 e 1983, foi realizado o levantamento do acervo patrimonial de Florianópolis com foco no Distrito Sede, devido a inexistência de base cartográfica de boa qualidade para áreas além da área central. Foram produzidos o mapeamento e o inventário dos conjuntos urbanos, onde cada unidade (edificação) recebeu uma análise individual, levando em consideração parâmetros como antiguidade, valor arquitetônico, composição, qualidade das fachadas, elemento integrante de conjunto urbano ou referencial urbano, entre outros (Adams, 2001). Este trabalho culminou no tombamento realizado com o Decreto Municipal n°270/1986 (figura 19). Posteriormente, cada edificação foi classificada conforme Decreto Municipal n.521/1989<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup>Lei Municipal n. 1202 de 1974 organiza o SEPHAN, órgão responsável pela preservação do patrimônio cultural municipal.

<sup>16</sup> Cada edificação recebeu uma classificação de acordo com critérios de valor arquitetônico, composição, valor histórico, estado de conservação, grau de descaracterização. Foram atribuídos os valores P1 (unidade de proteção integral, interna e externamente), P2 (unidade de proteção de volumetria e características externas) e P3 (unidade de acompanhamento, passível de demolição).



Figura 19 - Poligonal do Conjunto Rita Maria.



Fonte: SEPHAN/IPUF

As ações de proteção se deram através da preservação de dez conjuntos na área central que testemunhavam a evolução urbana da cidade. Um maior conjunto representava o Centro Histórico e outros menores, os remanescentes de bairros residenciais que simbolizavam a expansão da cidade a partir dos caminhos entre o núcleo fundacional e os fortes, e possuíam arquitetura variada:

Inserida sobre um traçado original, de conformação predominantemente ortogonal, agora afastada do mar, a arquitetura predominantemente apresenta características da virada do Século XIX-XX, com profusa ornamentação de estuque frequentemente sobreposta à arquitetura do período colonial, com elementos neobarrocos, neoclássicos e adaptações ou inserções das décadas de 30 e 40 (ADAMS, 2001, p. 126).

A figura 20 resume o quadro das proteções realizadas na área central de Florianópolis e registra a evolução urbana da cidade, apresentada no Capítulo 1.1: a ocupação inicial em volta da Praça XV de Novembro, a expansão a leste e a oeste da praça, as fortificações implantadas no século XVIII, os caminhos que conectaram o núcleo de fundação aos fortes e as ocupações que se organizaram ao longo destes.

Figura 20 – Mapa ilustrando o processo de ocupação da cidade.



Fonte: Adams, 2001.

Na década de 1990 (1991) foi realizado um estudo sobre os tombamentos, intitulado 'Justificativa da Importância do acervo', que indicava o valor cultural de cada um dos dez conjuntos tombados na década anterior. O trecho abaixo refere-se ao Conjunto X – Rita Maria<sup>17</sup>:

Local representativo da antiga zona portuária e do primeiro ciclo industrial da cidade, responsável pelo seu arranque econômico. Caracterizado pelos armazéns, antiga fábrica de pregos e ponta, fábrica de rendas e bordados, além de uma pequena vila operária.

<sup>17</sup> Nome em homenagem a Rita Maria, afrodescendente filha de escravos que morava nos arredores do Forte de Santana, viveu entre o fim do século XIX e início do século XX, ficou conhecida devido ao conhecimento de ervas medicinais e à realização de benzeduras. [http://www.labpac.faed.udesc.br/caminhada1\\_roteiro.pdf](http://www.labpac.faed.udesc.br/caminhada1_roteiro.pdf) Acesso em 29/04/2023.

Na área localiza-se elementos marcantes na paisagem urbana como a Ponte Hercílio Luz (1926), cartão de visita da cidade, o Forte de Santana (tombamento federal) e o único forno incinerador de lixo da cidade (1910 - 1914).

Aliado a isto, esta área consta no plano diretor da área central como área de urbanização específica, por tratar-se de uma encosta e belvedere, merecendo assim, cuidados especiais (SEPHAN/IPUF, 1991).

Dentro da poligonal de tombamento do Conjunto Rita Maria constam 21 (vinte e uma) edificações hachuradas na cor escura que foram classificadas como relevantes, sendo as demais edificações consideradas unidades de acompanhamento. Na justificativa, algumas das edificações não receberam nota como aquelas de arquitetura eclética e luso-brasileira, mesmo tendo sido destacadas. Os remanescentes do antigo estaleiro Arataca, embora pertencente a poligonal, não aparecem em evidência no mapa ou no texto. No entanto, estão sendo considerados nesta pesquisa por fazerem parte das atividades ligadas à empresa Hoepcke e ao complexo industrial. É percebido que as únicas edificações apontadas no texto são aquelas relacionadas à atividade fabril e ao *Patrimônio Industrial*.

O *Patrimônio Industrial* abrange vestígios conectados à cultura industrial, incluindo edifícios, maquinaria, fábricas, armazéns, meios de transporte, habitações, residências, escolas, enfermarias, pontes, viadutos, torres de caixa d'água, chaminés, etc. Como período de maior relevância “estende-se desde os inícios da Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, até aos nossos dias, sem negligenciar as suas raízes pré e proto-industriais<sup>18</sup>”. Representa atividade com profundas consequências históricas, em que as razões de sua proteção não estão relacionadas a singularidade de sítios excepcionais, mas no valor universal e no impacto gerado na sociedade pela atividade:

O patrimônio industrial reveste um valor social como parte do registo de vida dos homens e mulheres comuns e, como tal, confere-lhes um importante sentimento identitário. Na história da indústria, da engenharia, da construção, o patrimônio industrial apresenta um valor científico e tecnológico, para além de poder também apresentar um valor estético, pela qualidade da sua arquitectura (sic), do seu design ou da sua concepção<sup>19</sup>.

(...)

Estes valores são intrínsecos aos próprios sítios industriais, às suas estruturas, aos seus elementos constitutivos, à sua maquinaria, à sua

<sup>18</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

<sup>19</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

paisagem industrial, à sua documentação e também aos registos intangíveis contidos na memória dos homens e das suas tradições<sup>20</sup>.

Sua importância está nos edifícios e nas estruturas edificadas para as atividades industriais, nos processos, nos equipamentos utilizados, na própria paisagem, e nas manifestações tangíveis e intangíveis. Uma das formas de salvaguarda é através da memória das pessoas, assinalando a importância dos registos intangíveis na preservação, uma vez que, “as memórias das pessoas que aí trabalharam constituem uma fonte única e insubstituível e devem ser também registradas e conservadas, sempre que possível<sup>21</sup>”.

Percebe-se que o valor do *Patrimônio Industrial* está atrelado a diferentes aspectos, aos valores tecnológicos, sociais, científicos e não somente ao valor estético. Está vinculado às atividades e às consequências destas para o meio em que está inserido, muito mais do que às características físicas ou à excepcionalidade da arquitetura. No caso do objeto de estudo, vemos que a justificativa da importância do acervo foi pautada na revolução econômica que a atividade trouxe para a localidade e para o Estado, não enfatizando as características arquitetônicas dos componentes edificados.

#### 1.4 AS EDIFICAÇÕES DO CONJUNTO RITA MARIA

No Capítulo 1.2 identificamos que as primeiras ocupações na área de estudo apareceram somente no mapa de Desterro de 1876, mas sem configurar ainda o complexo industrial. Avançando, vemos no mapa de 1913 (figuras 07 e 08) algumas marcações que indicam edificações nas vias existentes, que podem ser aquelas tombadas na década de 1980. Somente na imagem “Planta da Baía Sul” conseguimos ter alguma clareza e identificar os componentes (figuras 09 e 10) do complexo.

Nas figuras 09 e 10, a Fábrica de Pontas e Pregos, depósitos e trapiches estão indicados na borda d’água. Não temos como precisar a data da imagem, mas estimamos ser posterior a 1913 pois a Fábrica de Bordados está instalada à Rua Felipe Schmidt, embora em dimensão menor. Quanto à Fábrica de Gelo, provavelmente o primeiro galpão aparece na imagem (inaugurada em 1898), mas sem

---

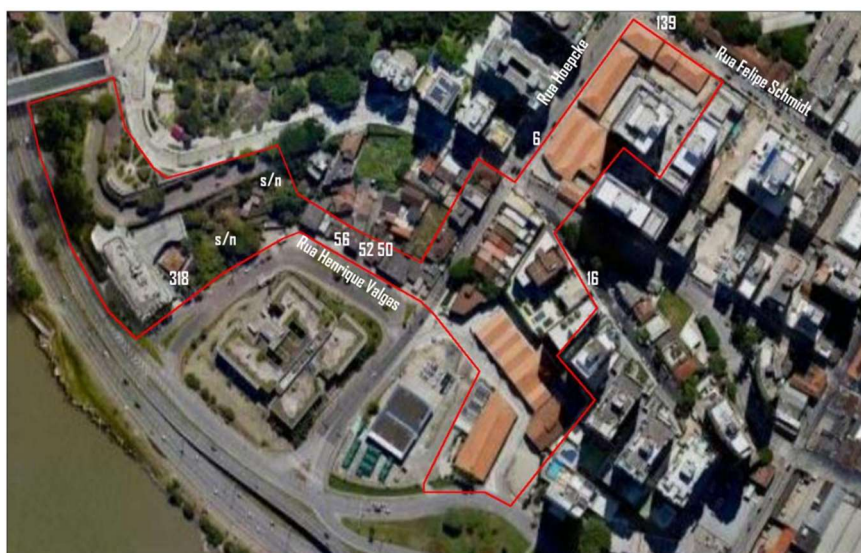
<sup>20</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

<sup>21</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

ter a data precisa não conseguimos afirmar se o segundo galpão estaria na representação (construído em 1924). A vila operária está instalada com as 08 (oito) residências. Na mesma imagem temos alguns componentes do conjunto tombado, como as casas ecléticas da Rua Cristóvão Nunes Pires e as três edificações na Rua Hoepcke, em frente à pequena vila. Devido a limitação da área não é possível visualizar o estaleiro Arataca, tampouco aquelas na Rua Henrique Valgas outrora localizadas na borda d'água.

Das 21 (vinte e uma) edificações em destaque no mapa de tombamento do (figura 21), nem todas possuem relação com a atividade industrial ou mesmo tem relação com a Cia. Hoepcke. É possível pontuar que algumas não tem vínculo com o complexo industrial. Em sua maior parte, elas possuem característica de arquitetura eclética, com fachada coroada com platibanda balaustrada ou maciça, algumas arrematadas com pináculos, outras com acabamento arredondado, fachada ornamentada, cimalhas e molduras nas esquadrias. Outras são menos adornadas, se aproximando da arquitetura luso-brasileira. Uma delas foi demolida em 2013, mesmo estando protegida pelo tombamento municipal<sup>22</sup>. Os panos de cobertura variam entre duas águas com cumeeira paralela à rua ou três águas.

Figura 21 - Identificação dos componentes dentro do Conjunto X - Rita Maria.



Fonte: Google Maps. Adaptação da autora.

<sup>22</sup> <https://www.nsctotal.com.br/noticias/casarao-tombado-em-florianopolis-e-demolido-e-ipuf-denunciado-por-crime-contra>. Acesso em 08 de maio de 2023.

As imagens abaixo (figuras 22 a 43) apresentam o estado atual das edificações remanescentes que compõem o Conjunto X – Rita Maria e são resultado de vistorias feitas em 2022 e 2023. É possível identificar que tanto a antiga Fábrica de Bordados como a de Pontas e de Gelo passaram por recentes intervenções de restauro e ora fazem parte de um complexo constituído por edifícios comerciais e residenciais. A vila operária mantém o uso original de residência em seis das oito casas. Algumas intervenções foram realizadas, mas as principais características mantêm-se similares ao registro realizado em 1991 pelo SEPHAN/IPUF.

Figura 22 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt, 139.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 24 - Antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 23- Imagem da antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt, 139.



Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Figura 25 - Antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Figura 26 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 16.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 27 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 16.



Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Figura 28 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 02.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 29 - Edificação eclética situada na Rua Cristóvão Nunes Pires, 02.



Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Figura 30 - Edificações que formam a vila operária.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 31 - Algumas das edificações que formam a vila operária.



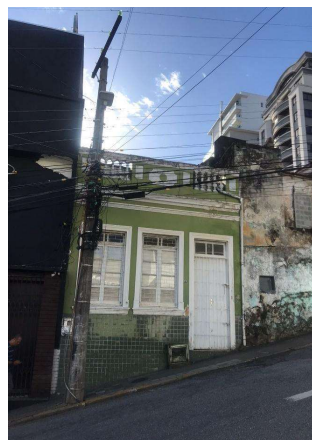
Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Figura 32 - Edificações ecléticas que formam a vila operária - I/IA/IB.



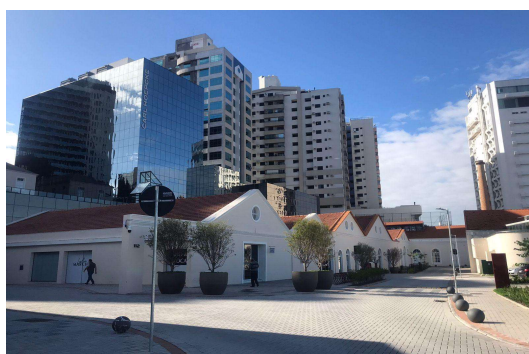
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 33 - Edificações ecléticas que formam a vila operária, casa n.5.



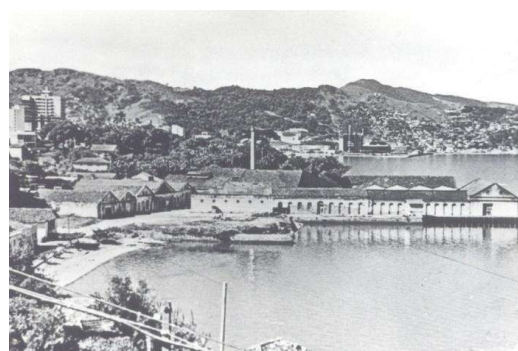
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 34 - Antiga Fábrica de Pontas e de Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 35 - Antiga Fábrica de Pontas e de Gelo, e trapiche.



Fonte: Casa da Memória

Figura 36 - Edificação na Rua Henrique Valgas – s/n.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 37 - Edificação na Rua Henrique Valgas – s/n.



Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.



Figura 38 - Edificações ecléticas situadas na Rua Henrique Valgas.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 39 - Edificações ecléticas situadas na Rua Henrique Valgas.



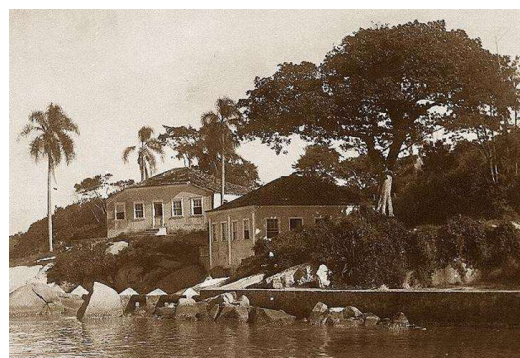
Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Figura 40 - Edificação situada na Rua Henrique Valgas, 318.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 41 - Edificação situada na Rua Henrique Valgas, 318, em 1905.



Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 2, 2015

Figura 42 - Edificação situada na Rua Henrique Valgas, 38, já demolida.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

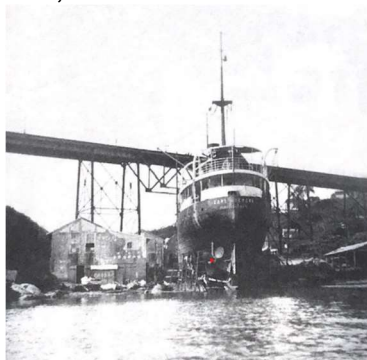
Figura 43 - Edificação situada na Rua Henrique Valgas, 38.



Fonte: SEPHAN/IPUF, 1991.

Quanto ao estaleiro Arataca, inicialmente era composto por diversos volumes que abrigavam oficinas e escritório (figura 44). Restaram somente as ruínas da única edificação remanescente das construções que atendiam ao estaleiro e as bases do portão (figura 45). A interrupção das atividades ocorreu antes do tombamento, resultou da alteração da configuração urbana na área (década de 1970) e da mudança do modal de mobilidade ocorrida com a priorização do setor rodoviário.

Figura 44 - Instalações do Estaleiro Arataca, sob a Ponte Hercílio Luz.



Fonte: Reis, 1999.

Figura 45 - Ruína da edificação remanescente.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Nem todas as edificações do Conjunto Rita Maria têm relação com o *Patrimônio Industrial*. No capítulo seguinte, apresentaremos aquelas destacadas na justificativa do SEPHAN/IPUF elaborada em 1991 e que, por sua vez, possuem relação com a Cia. Hoepcke e com a arquitetura industrial: a Fábrica de Pontas, Fábrica de Gelo, as 08 edificações da vila operária, a Fábrica de Bordados e os remanescentes do estaleiro Arataca.

## 2. A ARQUITETURA INDUSTRIAL

### 2.1 A ESTÉTICA INDUSTRIAL

Orientações gerais de construção de fábricas eram apresentadas em manuais próprios como *Cours de Constructions Industrielles*. Os documentos traziam noções de viabilidade do empreendimento, de construção dos edifícios fabris e orientações quanto ornamentação, organização do espaço, produtividade e vigilância no ambiente de trabalho:

1° Quando o espaço ocupado por ela é inteiramente utilizado, tudo visando reservar as vias necessárias a uma fácil circulação.

2° Quando a entrada e saída dos operários, o deslocamento dos materiais brutos ou trabalhados e do material se efetua com ordem e rapidez.

3° Quando há uma boa proporção entre as dimensões dos locais envolvidos às diferentes manipulações dos materiais em fabricação.

4° Quando as condições de higiene estão bem observadas, os operários não estão expostos nem ao frio nem ao calor, nem falta de ar ou de luz, e mais comodamente podem utilizar suas forças corporais e suas faculdades produtivas.

5° Quando o dono mora próximo à sua fábrica e que sua habitação e seu escritório são localizados de maneira a proporcionar uma vigília ativa sobretudo a que se faz dentro das oficinas, depósitos, enfim por todas as execuções de trabalho e de manipulação de materiais.

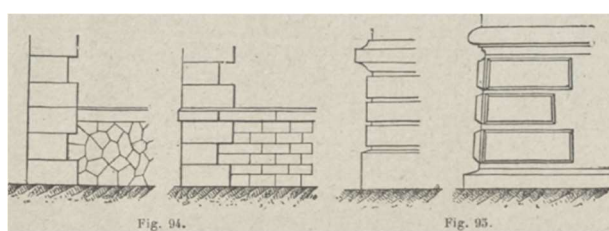
6° Quando o luxo, inadequado, será banido das fábricas como valor produtivo imobilizador. O que devemos, portanto, buscar ao construir são as instalações de trabalho e administração. Do ponto de vista do custo das construções, devem ser tidas em conta as condições de vida das plantas, a probabilidade de inovações no método de fabrico e a expansão da fábrica. É sempre útil gastar em construções apenas o necessário para a resistência e suas dimensões (COURS, 1915, p.2-3, apud MOREIRA, 2007, p. 135).

Segundo Castro (2019), as fábricas brasileiras do século XIX possuem algumas características em comum que traduzem uma estética industrial. A arquitetura é composta por pavilhões horizontais com pé direito alto, construídos no alinhamento do terreno, apresentam uma chaminé isolada ou anexada à edificação (comumente em tijolos aparentes), aberturas e platibandas emolduradas, telhado cerâmico e esquadrias de madeira (sendo recorrente do tipo com verga em arco pleno). A autora cita a existência de outro padrão nas fábricas brasileiras, o britânico manchesteriano, em que as fábricas são construídas em blocos de tijolos aparentes ou alvenaria rebocada e pintada. São comuns o uso de estrutura de ferro, a chaminé como destaque visual, janelas ritmadas e telhados em *shed*. Aponta que o “partido pavilhonar predominou na tipologia fabril, a partir do início do século XX, incorporando

o uso do concreto armado para criar espaços mais livres e com muitas aberturas para iluminação e ventilação” (Castro, 2019, p. 02).

Os manuais também continham orientações quanto a disposição de janelas (em sucessão e espaçamento regulares), quanto à distribuição regular de linhas verticais e horizontais nas fachadas, ao embasamento entre 1,0 (um) metro e 1,50 (um metro e meio) em pedra (visto na Fábrica de Bordados e na figura 46), ao coroamento da edificação com cornija e quanto ao uso de frontões triangulares clássicos (Fábrica de Pontas e Gelo).

Figura 46 - Imagens de exemplo de embasamento.



Fonte: COURTS, 1924, p. 149

Sobre as chaminés, indicavam a construção em alvenaria em tijolos e quanto ao dimensionamento, orientavam ter altura mínima de 15 (quinze) metros. Podiam atingir 25 (vinte e cinco) ou 35 (trinta e cinco) metros em áreas urbanas para permitir a dispersão da fumaça e da fuligem, evitando cair sobre as edificações da vizinhança.

Indicavam a estrutura de organização dos pavilhões em elementos modulares, facilitando a rápida construção com grandes vãos, a redução de paredes e divisórias, elementos à vista como tubulações e instalações elétricas. Os grandes galpões deviam dispor de muitas aberturas, através de lanternins ou das próprias esquadrias em ritmo para favorecer a luminosidade para a boa execução dos trabalhos. Em relação a organização de espaço, a disposição e layout deviam favorecer a circulação de mercadorias, matérias primas e funcionários. Notadamente, as recomendações priorizavam a produtividade e a economia na construção (sem ornamentação).

Por razões de vigilância, controle do trabalho e da vida do trabalhador, próximo das fábricas deveriam se localizar as moradias dos operários permitindo a extensão de controle por parte do empregador. As instalações maiores eram destinadas aos empregados de maior cargo (Moreira, 2007), no caso do objeto de estudo não havia diferenciação entre as edificações (exceto pelo imóvel de esquina),

mas eram destinadas em razão da proximidade e facilidade de deslocamento dos funcionários mais graduados. A vigilância do trabalho foi uma característica bastante importante, inclusive trazendo a moradia do proprietário para próximo ou no próprio local de fábrica.

Em termos de implantação da vila operária, predominava a organização em fileira, com terrenos retangulares mais profundos que largos. As tipologias mais comuns eram a habitação isolada, geminada, em blocos de três a cinco edificações ou blocos compostos por várias edificações ('em fita'). O programa era reduzido (dois a três quartos, sala, cozinha, sanitário, muitas vezes além do corpo principal da edificação) e a fachada com pouca ornamentação, apresentando em alguns casos platibanda, demarcação de aberturas e frisos horizontais. Predominava a configuração de "porta-e-janela", cobertura em duas águas, alpendre frontal e construção em alvenaria de tijolos rebocados (Moreira, 2007). Quanto à organização de planta, todos os ambientes deveriam ter aberturas. O espaço privado deveria ser separado do espaço público e dos vizinhos, por isso a criação de recuos e jardins. A figura 47 demonstra a padronização da arquitetura de uma vila operária. A imagem é referente a uma vila em Juiz de Fora (Minas Gerais), mas muito similar à vila operária em Florianópolis.

Figura 47 - Fachadas das casas de vila operária da Companhia Industrial Pantaleone Arcuri (Juiz de Fora/MG).



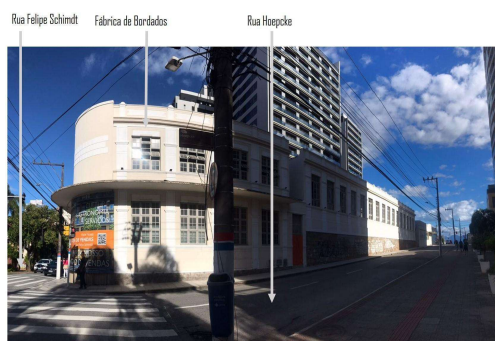
Fonte: Moreira, 2007.

As habitações para funcionários mais graduados (gerentes ou patrões) eram mais elaboradas, ornamentadas e dotadas de elementos arquitetônicos predominantemente ecléticos. Eram dispostas em terrenos maiores com jardins, se assemelhavam a chalés e bangalôs. Era comum que as habitações estivessem próximas da fábrica, aproveitando-se de equipamentos de uso coletivo e das curtas distâncias (Moreira, 2007).

## 2.2 A CONFIGURAÇÃO ARQUITETÔNICA DAS EDIFICAÇÕES FABRIS

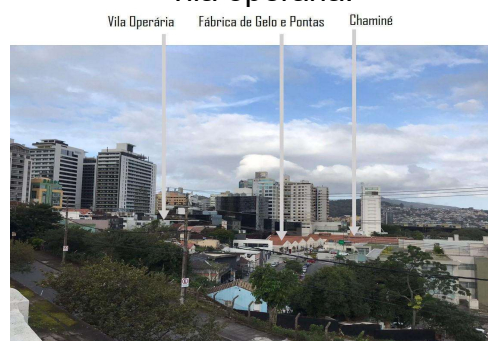
Das edificações que fazem parte do conjunto estudado, nem todas possuem relação com a atividade industrial. Percebe-se a partir da contextualização, que somente algumas estão ligadas a esta atividade e à Cia. Hoepcke, sendo elas os armazéns das antigas Fábricas de Pontas, Fábrica de Gelo, Fábrica de Bordados, vila operária e estaleiro Arataca. Esta percepção ocorre devido à relação das edificações com atividade industrial ou sua conexão com a empresa ou às características da arquitetura. Dentre as características arquitetônicas, estão presentes a composição de pavilhões com pé direito alto construídos no alinhamento do terreno, o uso de chaminés deslocadas, frontões triangulares (Fábrica de Pontas), fachadas com platibandas (Fábrica de Bordados), esquadrias de madeira distribuídas uniformemente, estrutura de ferro para cobertura (Fábrica de Pontas), uso de lanternim (Fábrica de Pontas, depósito e Fábrica de Bordados), estruturas grandes, sóbrias e pesadas para a composição dos galpões (figuras 48 a 54).

Figura 48 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 49 - Fábrica Pontas e Gelo e vila operária.



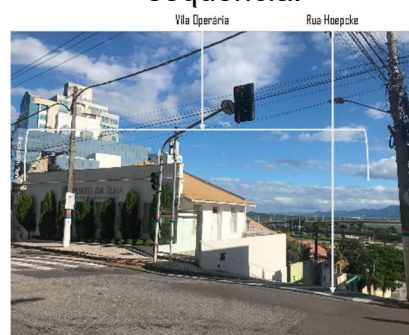
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 50 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 51 - Vila operária, casas em sequência.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 52 - Fábrica de Pontas e Gelo e chaminé de tijolos.



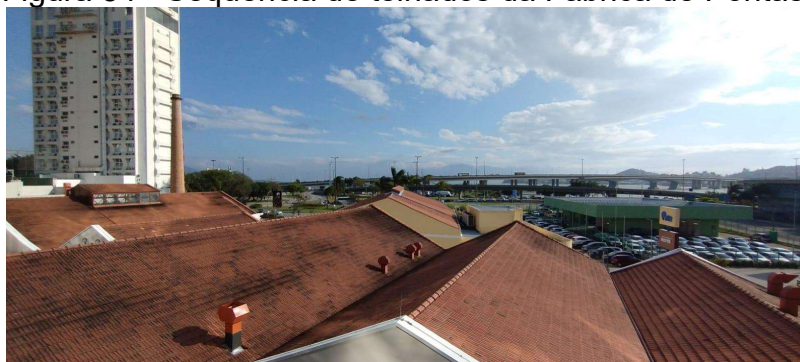
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 53 - Fábrica de Pontas e Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

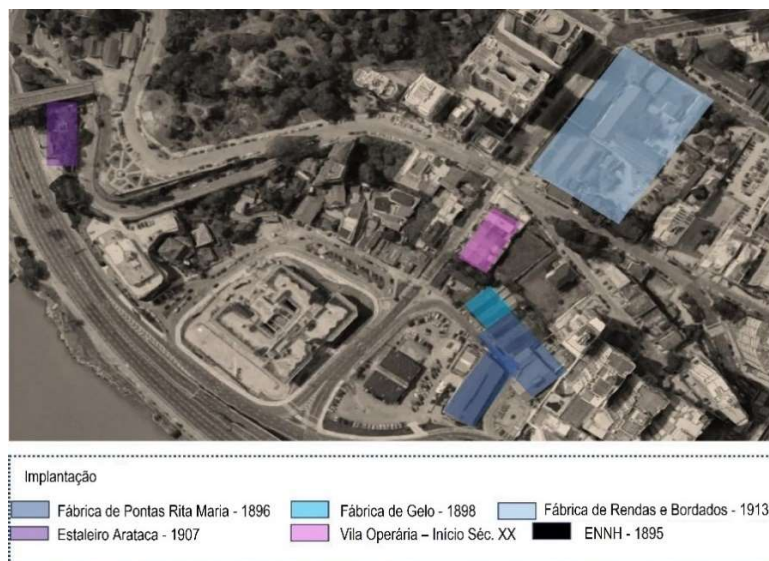
Figura 54 - Sequência de telhados da Fábrica de Pontas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O mapa cronológico abaixo organiza a implantação do complexo industrial. A Fábrica de Pontas Rita Maria foi inaugurada em 1896, dois anos depois a Fábrica de Gelo ao lado dos galpões da primeira. O estaleiro Arataka foi instalado na pequena enseada em 1907, com objetivo de reparar os navios da frota da Empresa Nacional de Navegação Hoepcke. Em 1913, foi instalada a Fábrica de Rendas e Bordados (figura 55).

Figura 55 - Cronologia de implantação do complexo industrial.

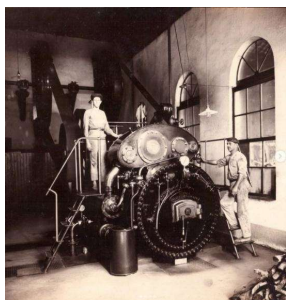


Fonte: *Google maps*. Adaptação da autora.

### 2.2.1 Fábrica de Pontas

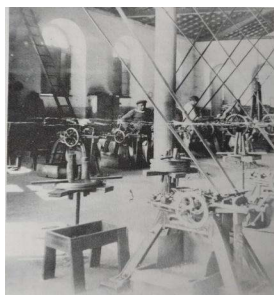
A fábrica foi instalada no cais Rita Maria e registrada como “Metalúrgica Hoepcke Ltda” e tornou-se a principal de seu tipo no sul do Brasil. Até a década de 1950 o maquinário era importado, “compreendendo um motor a vapor a base de lenha com 15 cavalos de força, para mover 10 máquinas de fabrico de prego, 03 de burniço (polidores)” (Cruz, 2008, p. 79). A linha de produção aumentou na década de 1920, chegando a produzir 1000kh diários de pregos. Ia para o Rio de Janeiro através da ENNH e de lá era distribuída (figuras 56 a 58).

Figura 56 - Interior da fábrica.



Fonte: Piazza, Barreto e Souza (s.d.).

Figura 57 - Interior da fábrica.



Fonte: Muller, 2007

Figura 58 - Sala de máquinas.



Fonte: Piazza, Barreto e Souza (s.d.).



A inauguração da Fábrica de Pontas foi divulgada nos jornais de circulação da época que destacavam como uma das iniciativas mais relevantes no campo industrial em Florianópolis, fato que repercutiu no cenário econômico, político e social de todo o Estado de Santa Catarina (Reis, 1999). Segundo Cruz (2008), as “Fábricas de Pontas de Paris” foram implantadas no território nacional como uma indústria pioneira de beneficiamento de metais. Foram instaladas em áreas portuárias nas cidades do Rio de Janeiro, Recife, Joinville (1895), Belo Horizonte (1898) e Porto Alegre (1901). A fábrica instalada no cais Rita Maria “tornou-se a quinta mais antiga do país e, provavelmente, a principal do sul-brasileiro até a década de 1950, quando começou a decrescer” (Cruz, 2008, p.79).

O jornal “O Estado” relatou o acontecido na edição de 19 de maio de 1896:

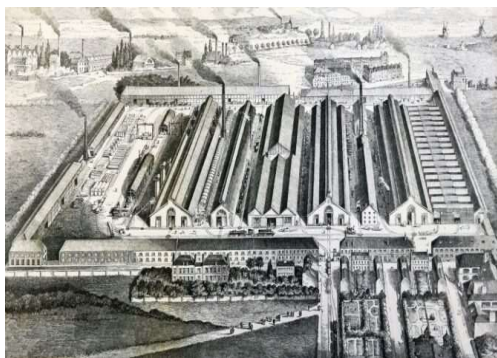
O Sr. Carlos Hoepcke teve o mais solemne testemunho da animação, que as classes da sociedade catarinense, procuram dar aos seus empreendimentos que sempre redundam em progresso d'este Estado. Em visita a sua fábrica de pontas, há dias inaugurada, hontem vimos reunido todo o comércio d'esta capital, representante de todas as classes. Durante a visita funcionaram todos os machinismos parciaes da importante fábrica. Em um grande salão estão assentadas dez mesas diferentes de pregos, que variam não só de tamanho como também no diametro. Em uma outra sala se acaba a preparação do prego pela burnição e pelo corte de algumas farpas, que não desprendem-se de todo nas primeiras machinas. Há ainda outras duas salas, onde se preparam os cartuchos de papel, caixas de madeira para os pregos. A fábrica que está sob direção do Sr. Max Bohme, está ligada à casa comercial e à residência particular do Sr. Hoepke por uma linha telephonica, que funciona com toda regularidade. Na ausência do Sr. Carlos Hoepcke, foram os visitantes recebidos por seus filhos, que a todos captivaram pela amenidade do trato e pelo conhecido cavalheirismo, sendo offerecido a todos um copo d'água, trocando-se muitos brindes por essa ocasião. O representante do Estado felicitou o Sr. Hoepke pelo telephone, e brindou na pessoa de seus jovens filhos. Oxalá que o passo do importante commerciante e industrial encontre imitadores. (Reis, 1999, p. 114)

Em 1903, um incêndio quase colocou em risco a edificação, mas funcionários e pessoas a bordo do Vapor Max conseguiram conter o fogo com baldes de água. Em 1918, a fábrica foi fechada por falta de matéria-prima, em razão da Primeira Guerra Mundial e da reação de boicote direcionado às empresas alemãs, reabriu assim que a guerra terminou (Reis, 1999).

O edificio apresenta linhas neoclássicas que se expressam pela fachada modulada, frontões e aberturas simétricas, é composto por vãos em arcos plenos e óculos circulares, com detalhes em ferro forjado. Segundo Reis (1999), a construção

dos galpões do prédio fabril seguiu um padrão da época em que era comum a compra de plantas prontas, adaptando-as à realidade local. No entanto, não se sabe se seria essa a origem da construção visto não se saber do responsável pelo projeto. Era muito comum à época a compra de plantas prontas no exterior. Segundo Piazza, Barreto e Souza (s.d.), esse tipo de arquitetura industrial foi utilizado pela primeira vez no Brasil, no engenho de Quissamã, em Macaé (Rio de Janeiro), a arquitetura foi baseada nos padrões da *Cia de Fives-Lille* (figura 59), uma companhia de origem francesa. O livro aponta uma hipótese, mas afirma não haver documento que a comprove.

Figura 59 - A companhia de *Fives-Lille* (1861-1958).



Fonte: <https://chartes.hypotheses.org/7195>. Acesso em 18 de janeiro de 2023.

A arquitetura empregada na composição da fábrica era muito diferente da praticada até então. Grandes armazéns, com coberturas em duas ou mais águas, com cumeeira perpendicular à rua, uso de lanternim para auxiliar na iluminação interna, frontões triangulares com cornija, enquanto anteriormente, ainda se construía edifícios térreos, de pequeno porte e com cumeeira paralela a rua. Na inauguração era composto por quatro salões (galpões) de pé direito alto e um quinto volume desconectado dos demais (figuras 60 a 62). Foi realizada uma ampliação em 1924 com o acréscimo de dois galpões e anexo aos fundos. Na década de 1980 a ampliação feita no volume da extremidade (5) foi demolida, permitindo deixar a vista a chaminé de tijolos construída na década de 1940. Embora nesta época era usual a eletricidade, o uso de caldeiras movidas a lenha pode ser explicado devido ao custo da lenha ser inferior ao da energia elétrica.

Figura 60 - Cobertura e chaminé da antiga Fábrica de Pontas.



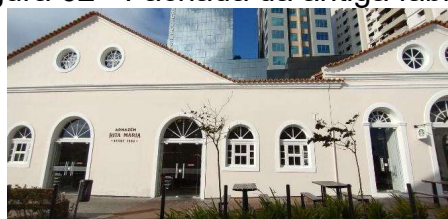
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 61 - Fachada da antiga Fábrica de Pontas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

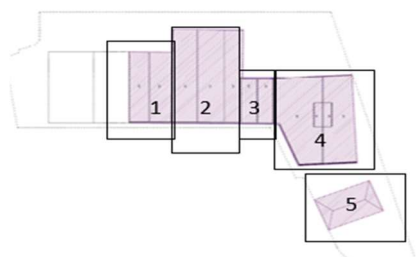
Figura 62 - Fachada da antiga fábrica.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

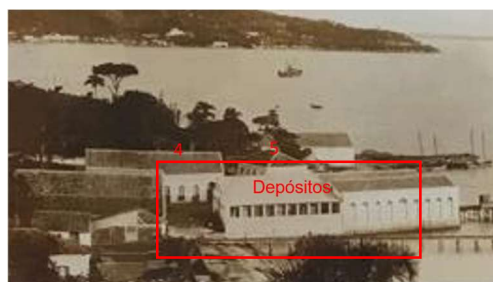
Nas imagens abaixo é possível identificar a evolução e alteração que o conjunto passou ao longo dos anos (estudo elaborado pelo escritório Ornato, para o projeto de restauração de 2018). Em 1896, na origem da fábrica, sua composição era de cinco edificações, quatro delas acomodadas lado a lado e um quinto volume afastado (figuras 63 a 65). As primeiras salas abrigavam as máquinas de prego (um grande salão com dez mesas para trabalho), as salas de burnição e corte e as salas onde se preparavam os cartuchos de papel e caixas de madeira para os pregos. No edifício quatro ficavam as máquinas. Em frente aos galpões situavam-se os armazéns de depósito sobre um trapiche.

Figura 63 - Fábrica de Pontas, implantação inicial, 1896.



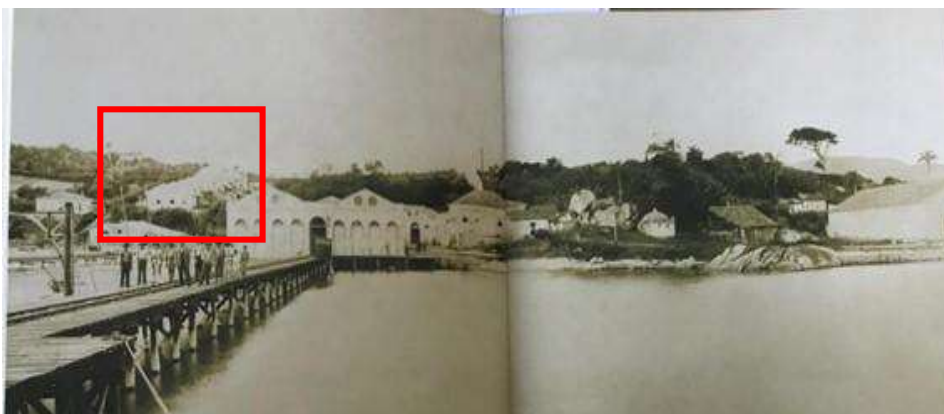
Fonte: Ornato Arquitetura, 2018. Adaptação da autora.

Figura 64 - Fábrica de Pontas. Volume 4 e volume 5 indicados.



Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 1, 2015.

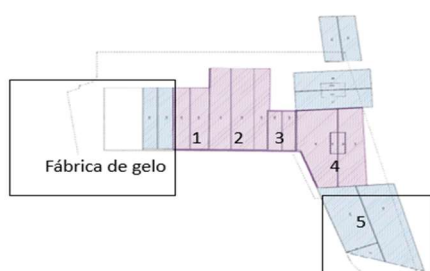
Figura 65 - Fábrica de Pontas e vila operária a esquerda da imagem (vermelho).



Fonte Schmidt-Gerlach, Tomo 1, 2015.

O volume quatro abrigou uma sala de pregos (para pesar e empacotar), depósito de pregos, vestiário, área de empacotamento e oficina mecânica e duas áreas pequenas de circulação. A imagem do conjunto no ano de 1924 (figura 66) apresenta em roxo a parte embrionária da fábrica (volume um a cinco) e em azul, as ampliações realizadas a partir da década de 1920. A Fábrica de Gelo já estava instalada com somente um dos dois galpões, o volume identificado pelo número cinco foi ampliado de tal forma que ocupou todo o lote e aproximou-se do volume número quatro (figura 67).

Figura 66 - Fábrica de Pontas, ampliação realizada em 1924.



Fonte: Ornato Arquitetura, 2018.

Adaptação da autora.

Figura 67 - Ampliação do volume cinco da Fábrica de Pontas.

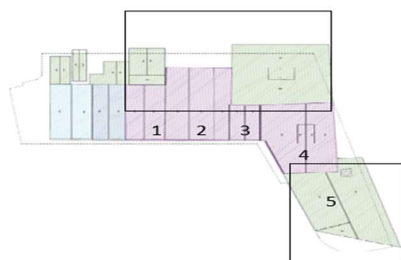


Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 2, 2015.

Na imagem da década de 1940, aumenta-se o volume cinco (figura 68 e 69), é possível também identificar a chaminé de tijolos marcada na implantação e algumas

ampliações para os fundos (verde). Este acréscimo foi realizado para abrigar a sala de máquinas operatrizes e sala de caldeira, na parte dos fundos estavam as salas de serralheria, carpintaria, depósito de carvão e um pátio aberto.

Figura 68 - Ampliação do volume cinco e aos fundos.



Fonte: Schmidt-Gerlach in. Ornato Arquitetura, 2018. Adaptação da autora.

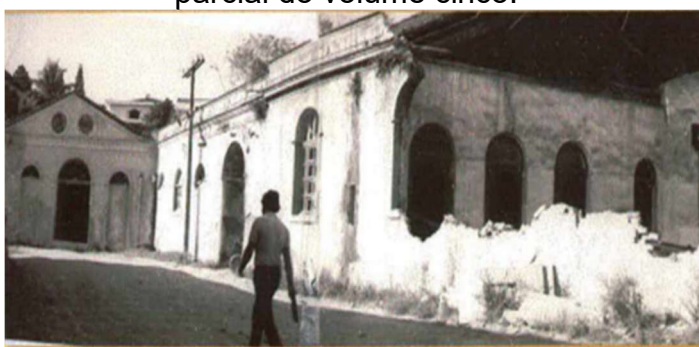
Figura 69 - Coberturas das ampliações aos fundos da fábrica.



Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 2, 2015 in. Ornato Arquitetura, 2018.

Na figura 70 observa-se parte do módulo cinco parcialmente demolido. A área destruída deu espaço à praça frontal existente na atualidade e permitiu maior visibilidade à chaminé (figura 71).

Figura 70 - Fábrica de Pontas, demolição parcial do volume cinco.



Fonte: Adams, 2001.

Figura 71 - Chaminé e área livre em frente.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A imagem da planta baixa (figura 72) é referente ao período anterior à década de 1980, somente dos edifícios número quatro e cinco, indicando os usos de cada ambiente. A figura 73 remete à década de 1980, quando a fábrica cessou suas atividades. O ambiente um manteve a sala de máquinas, o corpo central do volume

quatro passou a ser utilizado como sala de polidores e mola, controle de energia, depósito e empacotamento e a ampliação dos fundos passou a abrigar duas oficinas. As divisões dos ambientes sete, nove e dez foram removidas para criar uma sala maior (oficina de manutenção), as salas quinze (depósito) e dezesseis (caixa d'água) foram eliminadas.

Figura 72 - Planta baixa do volume quatro, anterior a 1980.

1980 e, a figura 39 apresenta configuração anterior a esse período.



Figura 39 - Planta baixa edifício 4, anterior a 1980.  
Fonte: ICH.

- 1 - Máquinas operatrizes
- 2 - Caldeira
- 3 - Máquinas operatrizes
- 4 - Circulação
- 5 - Pregos a pesar e empacotar
- 6 - Depósito de pregos
- 7 - Circulação
- 8 - Vestiário
- 9 - Sessão de empacotamento
- 10 - Oficina mecânica
- 11 - Serralheria
- 12 - Carpintaria
- 13 - Depósito de carvão
- 14 - Pátio aberto
- 15 - Depósito de materiais
- 16 - Caixa d'água

22

Fonte: Ornato Arquitetura, 2018.

Figura 73 - Planta baixa do volume quatro, posterior a 1980.



Figura 40 - Planta baixa edifício 4 em 1980.  
Fonte: PIAZZA, 1980

- 1 - Máquinas de pregos
- 2 - Caldeira
- 3 - Polidores e molas para pregos
- 4 - Controle de energia
- 5 - Depósito
- 6 - Empacotamento
- 7 - Oficina de manutenção
  - Máquinas de pregos modernos
  - Máquinas de telas
- 8 - Depósito
- 9 - Oficina

Fonte: Ornato Arquitetura, 2018.

A figura 74 registra a dimensão da Fábricas de Pontas e os dois volumes da Fábrica de Gelo anexada à primeira. A sequência de galpões de duas águas e frontão

triangular formam um conjunto que se sobressai nas imagens e avança em direção ao mar. Parte da estrutura da cobertura é sustentada por vigas de ferro e colunas do mesmo material, que foram emparedadas após reformas e adaptações para novos usos, após o fechamento da fábrica. Estas estruturas foram resgatadas e evidenciadas novamente após o restauro (figuras 75 e 76).

Figura 74 - Vista para Fábricas de Pontas, armazéns e trapiche.



Fonte: Acervo Casa da Memória

Entre os galpões da fábrica e o depósito foram instalados trilhos para um carrinho de carga. Visava facilitar a circulação de produtos no embarque e desembarque, hoje, ainda resta uma parte deste trilho no piso dos armazéns (figura 77). A conexão com o trapiche demonstra que a localização da empresa foi fundamental para o funcionamento, permitindo uma rápida circulação de produtos.

Figura 75 - Vigas e pilares em ferro da antiga fábrica.



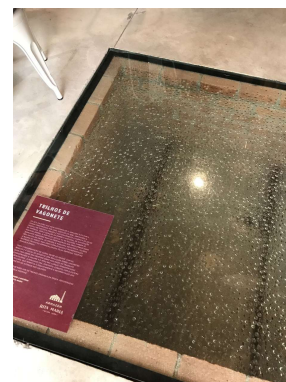
Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 76 - Vigas e pilares em ferro.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

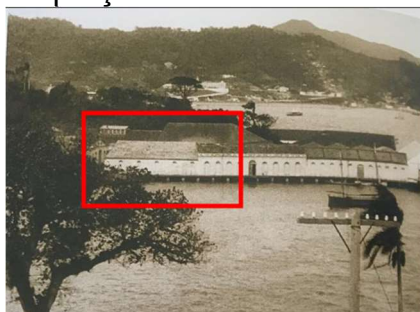
Figura 77 - Trilhos no piso da antiga fábrica.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

O volume situado sobre o trapiche foi bastante reduzido, tendo restado somente um fragmento. Atualmente, é desconectado da antiga Fábrica de Pontas e com uso distinto e dissociado do projeto de restauro concebido em 2018. Este volume tem uma arquitetura similar aos galpões dos fundos, apresenta frontão triangular com cornija na base, pé direito alto, aberturas ritmadas em arco pleno. A cobertura é sustentada por uma estrutura de tesouras e peças em madeira e possui lanternim para auxiliar na iluminação interna (figuras 78 a 80).

Figura 78 - Antigos depósitos em frente a Fábrica de Pontas, em vermelho a porção remanescente.



Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 2, 2015.

Figura 79 - Depósito em frente a Fábrica de Pontas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 80 – Vista lateral do antigo depósito.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

As alterações que o conjunto sofreu ao longo dos anos mudaram a configuração do todo existente. Algumas edificações permaneceram e resistiram às mudanças. O quinto volume da Fábrica de Pontas foi ampliado, demolido na década de 1980 e com isso devolvida a visibilidade da chaminé. Dos galpões de depósito à frente do conjunto resta somente uma parcela. O trapiche foi demolido e a conexão com mar perdida desde a execução do aterro na década de 1970.



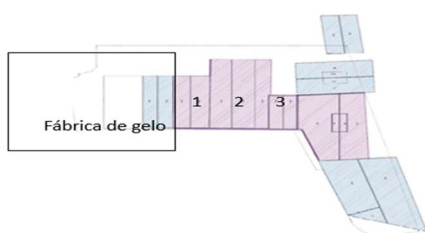
### 2.2.2 Fábrica de Gelo

A Fábrica de Gelo foi criada em 1898 (outra fonte aponta para 1903) ao lado da Fábrica de Pontas. Sua funcionalidade era atrelada ao transporte de pescados nos navios, portanto era necessário refrigerar o produto para conservação e transporte, além da fabricação de gelo e sua venda. A fabricação de gelo supria os navios da ENNH para o transporte dos pescados.

Foi sempre alimentada por energia elétrica e inicialmente produzia somente gelo em barras. Modernizou-se para fabricar gelo em cubos e escamas, produzindo uma média de 75 toneladas de gelo em cubo e 63 em escama. O maquinário era um compressor de marca dinamarquesa e três nacionais (Cruz, 2008). Conjuntamente, foi instalada uma fábrica de farinha de peixe que, segundo Grillo (1983), era um negócio em franco desenvolvimento na época, aproveitava os restos do peixe e vísceras. A produção chegava a 10 toneladas ao dia, atendia ao consumo interno e era também exportada.

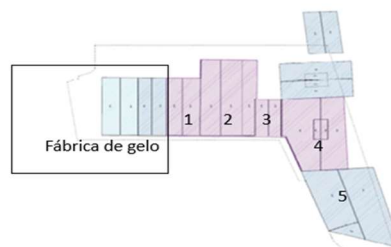
O local da fábrica foi definido devido à proximidade com o porto. A Fábrica de Gelo foi instalada em 1898 (figura 81) com somente um galpão, a partir de 1924 é feita a construção do segundo volume (figura 82). Na década de 1940 foram realizadas ampliações (figura 83) para os fundos (verde).

Figura 81 - Fábrica de Gelo, com somente um galpão, na fundação.



Fonte: Ornato Arquitetura, 2018.  
Adaptação da autora.

Figura 82 - Fábrica de Gelo, ampliação a partir da década de 1920.



Fonte: Ornato Arquitetura, 2018. Adaptação da autora.

Figura 83 - Ampliação aos fundos, na década de 1940.



Fonte: Ornato Arquitetura, 2018. Adaptação da autora.

É composta de dois galpões com coberturas em duas águas, como a Fábrica de Pontas. A cobertura tem cumeeira perpendicular à rua, sustentada por vigamento e tesouras em madeira e tem altura mais baixa que as edificações ao lado. As aberturas frontais foram concebidas e executadas em verga reta e óculos circulares (somente um por frontão, diferente da fábrica ao lado) com detalhes em ferro forjado. Apresenta frisos e molduras contornando as esquadrias, como a Fábrica de Pontas (figuras 84 a 88).

Figura 84 - Vista para Fábrica de Gelo.



Fonte: Reis, 1999.

Figura 85 - Fachada atual da antiga Fábrica de Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 86- Interior da antiga, após o restauro.



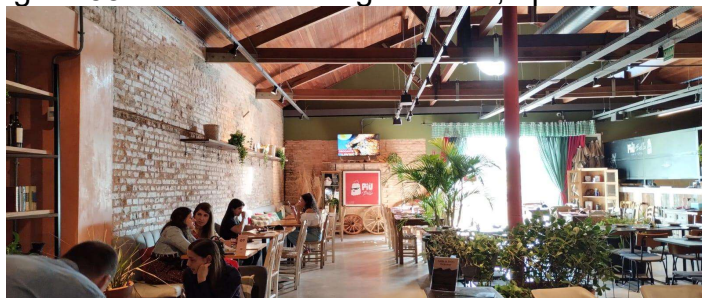
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 87- Interior da antiga, após o restauro.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 88 - Interior da antiga fábrica, após o restauro.



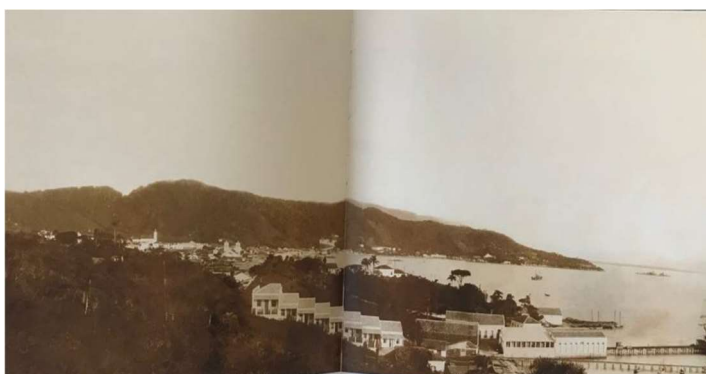
Fonte: Acervo pessoal, 2023.

### 2.2.3 Vila Operária

Próxima das fábricas, situa-se a vila operária na Rua Hoepcke. Segundo Souza (2016), a vila surgiu com a Fábrica de Pontas (figuras 65 e 89) para acomodar os funcionários. Estes possuíam salários mais elevados e cargos mais importantes (como de operadores de máquina). Uma família numerosa e com mão-de-obra disponível também era condição associada à locação das casas, criando um vínculo entre trabalho e moradia.

O conjunto de casas térreas e geminadas ocupa a testada dos lotes estreitos. A fachada principal possui uma porta de acesso centralizada e uma janela de cada lado da porta. A cobertura é em duas águas, com telhas cerâmicas, uma água voltada para rua e outra para os fundos, arrematada com cimalha. O projeto foi desenvolvido a partir de uma planta modelo para as edificações implantadas seguindo a inclinação da rua. Possuem recuo frontal e portão para acesso a veículos. O fechamento varia de muro, muro e grades e somente grades (figuras 90 a 93).

Figura 89 - Vila operária, Fábrica de Pontas, armazéns e trapiche, primeira década do século XX, é possível identificar a varanda nas edificações.



Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 1, 2015.

Figura 90 - Fábrica de Pontas, armazéns, trapiche e vila operária, primeira década do século XX.



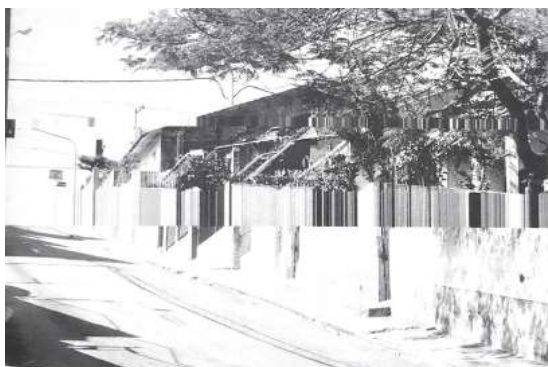
Fonte: Acervo Velho Bruxo

Figura 91 - Fábrica de Pontas, armazéns e vila operária, imagem atual.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 92 - Vila operária, sem data.



Fonte: Reis, 1999.

Figura 93 - Vila operária, 2022.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

O projeto original apresentava volume frontal (conforme imagens do início do século XX e corte do projeto modelo) correspondente a varanda, um corpo principal e um volume de fundos com cobertura distinta da cobertura do corpo central da casa. Originalmente as casas eram idênticas, sofreram algumas alterações, mas mantêm boa parte das suas características (figuras 94 a 102). As aberturas possuem molduras de contorno. A fachada é isenta de ornamentos, exceto pelas molduras das aberturas e frisos horizontais. Foram instaladas grades (visando a segurança das edificações). Uma delas é um ateliê, outra uma imobiliária e as demais são residências.

Figura 94 - Casa 02 - Rua Hoepcke, 16 (Identificação do SEPHAN, 1992).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 95 - Casa 14 (Identificação do SEPHAN, 1992).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 96 - Casa 12 (Identificação do SEPHAN, 1992).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 97 - Casa 10 (Identificação do SEPHAN, 1992).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 98 - Casa 08 (Identificação do SEPHAN, 1992).



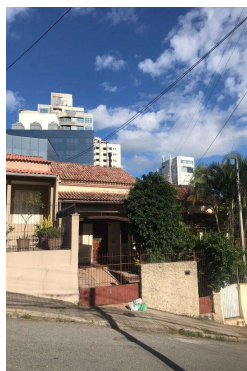
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 99 - Casa 06 (Identificação do SEPHAN, 1992).



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Figura 100 - Casa 04 (Identificação do SEPHAN, 1992).



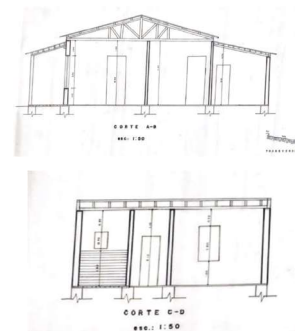
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 101 - Casa 02 (Identificação do SEPHAN, 1992).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 102 - Cortes da planta modelo.



Fonte: Acervo ICH.

Das oito edificações, sete apresentam os mesmos detalhes arquitetônicos. A oitava, localizada na esquina da Rua Hoepcke (n. 16), possui característica distinta das demais. Tem duas fachadas e cobertura em três águas. Uma fachada é voltada para Rua Hoepcke, similar a demais edificações da vila, com porta centralizada e duas janelas (uma de cada lado da porta), mas sem a varanda frontal. A outra fachada, voltada para Rua Cristóvão Nunes Pires, é mais ornamentada, possui janelas, platibanda com molduras, frisos e cimalha (figuras 28 e 94).

#### 2.2.4 Estaleiro Arataca

O estaleiro Arataca é fundado em 1907, próximo das Fábricas de Pontas e Gelo e ao cais Rita Maria (figura 103). Atuou inicialmente nos reparos e modificações dos navios da própria Cia. Hoepcke, mas posteriormente ampliou seus serviços para atender a outras empresas. Localiza-se na mesma região em que existiam os trapiches da companhia. A localização dos empreendimentos, uns próximos dos outros e do antigo porto da cidade, facilitava a movimentação e a logística de importação e exportação:

Procurando melhorar o sistema de distribuição e transporte de mercadorias, Carl Hoepcke adquiriu em 1895, na Alemanha, navios com os quais fundou a Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, inicialmente voltada para a cabotagem. Assim, em 1901<sup>23</sup> surgiu o Estaleiro Arataca S/A que permitia a assistência técnica e manutenção dos navios. (Grillo, 1983, p.8)

Figura 103 - Cais Rita Maria na década de 1950.



Fonte: Acervo Velho Bruxo

---

<sup>23</sup> Demais fontes indicam que a data de instalação seja 1907.

Max foi o primeiro vapor adquirido em 1897, fazia transporte entre Laguna e Paranaguá, o Meta (adquirido em 1905) fazia a rota até Araranguá com transporte de cargas e passageiros, o Anna (adquirido em 1909) fazia transporte de passageiros e cargas para o Rio de Janeiro e o Carl (adquirido em 1926) fazia transporte de passageiros, até sofrer um incêndio em 1956 e ser transformado em navio cargueiro. Uma frota de lanchões fazia percursos curtos, transportando mercadorias dos navios que atracavam na ilha de Ratonés.

Segundo Reis (1999), o projeto e construção do estaleiro esteve sob a responsabilidade do engenheiro alemão von Ockel e possuía a seguinte composição:

O Estaleiro compunha-se de cinco edificações. Modeladas no estilo fabril, bem simples, onde estavam instalados galpões, oficinas, depósitos e uma pequena casa de moradia. Estava ainda aparelhado com uma carreira, ou seja, trilhos para puxar os barcos para a terra, o que era feito por uma cremalheira. Tal carreira, que inicialmente possuía 70 metros de extensão e tinha capacidade para 1300 toneladas de carga, foi aumentada, posteriormente, para 135 metros com o objetivo de receber os navios de maior calado, como o Carl Hoepcke. (REIS, 1999, p.134).

A autora apresenta outra fonte de informação, o relatório da ENNH enviado em 1952 à Comissão de Marinha Mercante do Rio de Janeiro. De acordo com a segunda fonte, o estaleiro tinha capacidade para abrigar navios de até 1.100 toneladas, 65 metros de comprimento e o conjunto era composto pela carreira, depósitos, oficinas de mecânica, soldagem, fundição e carpintaria, ocupando 15.000m<sup>2</sup> de área.

Nas imagens a seguir observam-se as edificações citadas, implantadas uma ao lado da outra, com cobertura em duas águas, fachada simples e triangular; registra-se um navio puxado para reparo (abaixo da Ponte Hercílio Luz) e o projeto da carreira para recepção das embarcações (figuras 104 a 106).

Figura 104 - Conjunto das cinco edificações do estaleiro Arataka, década de 1920.



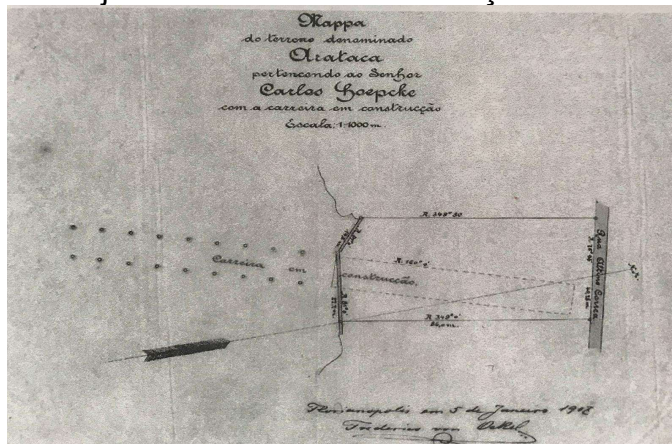
Fonte: Reis, 1999

Figura 105 - Instalações do estaleiro Arataka.



Fonte: Müller, 2007.

Figura 106 - Projeto da carreira em construção do estaleiro Arataka.



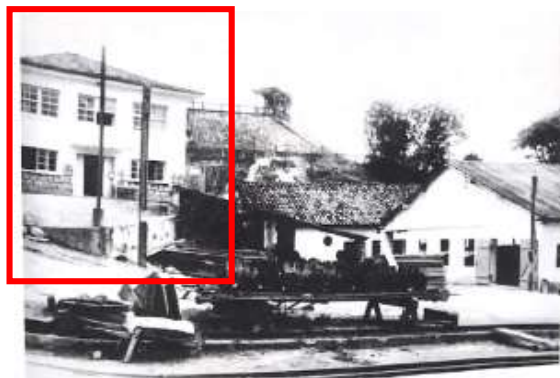
Fonte: Müller, 2007.

O estaleiro foi perdendo suas atividades a partir do enfraquecimento do porto, da melhoria de vias terrestres e fortalecimento do transporte rodoviário para cargas e pessoas. Efetivamente após a execução do aterro e desativação do porto, a própria Empresa de Navegação vendeu seus navios e encerrou suas atividades (década de 1960<sup>24</sup>). Somente uma edificação de dois pavimentos permaneceu das instalações. O antigo portão está exposto no espaço Armazém Rita Maria (figuras 107 a 110).

<sup>24</sup> Grillo, 1983.



Figura 107 - Estaleiro Arataca, década de 1960. Em destaque, a edificação remanescente.



Fonte: Reis, 1999.

Figura 108 - Ruínas da edificação que fazia parte do estaleiro Arataca.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 109 - Portões do estaleiro Arataca, década de 1970.



Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 110 - Portões do estaleiro Arataca, expostos no Armazém Rita Maria.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Em meados agosto de 2024 foi realizada demolição da edificação remanescente do antigo estaleiro. A ação é resultado de um pedido do Ministério Público de Santa Catarina (MPSC), interposto pela 30ª Promotoria de Justiça da Capital a 3ª Vara da Fazenda Pública de Florianópolis. As justificativas foram a declaração de desabamento atestada pela Defesa Civil, o acúmulo de lixo e a ocupação por usuários de drogas no local<sup>25</sup> (figuras 111 e 112).

<sup>25</sup> <https://portal.mp.sc.br/noticias/apos-pedido-do-mpsc-estado-inicia-demolicao-do-estaleiro-arataca-em-florianopolis>

Figura 111 – Situação após demolição.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

Figura 112 - Situação após demolição.



Fonte: Acervo pessoal, 2024.

### 2.2.5 Fábrica de Rendas e Bordados

A Fábrica de Rendas e Bordados foi o último elemento do complexo fabril incluído no grupo Hoepcke. Foi fundada em 1913 por Ricardo Ebel e adquirida em 1917, inicialmente a empresa funcionava em sociedade. Era uma iniciativa de localização da produção têxtil distante do polo existente centralizado no Vale do Itajaí. A partir de 1917, a Companhia Hoepcke passa a ser a única acionista da Fábrica de Rendas. Diversas reformas e ampliações foram realizadas, atingindo a metragem de 5.000 metros quadrados, funcionando em 3 turnos de 8 horas de jornada, tendo 300 funcionários, com produção de 81.556.200 metros lineares por ano (Grillo, 1983):

A fábrica de rendas e bordados, antes de ser totalmente absorvida pelo grupo Hoepcke, possuía máquinas de bordar e 30 trabalhadores. As ampliações começaram entre 1920-27, aumentando para 26 o número de máquinas de bordar. Às máquinas automáticas de bordado, juntaram-se oficinas de branqueamento, pintura, acabamento, linha de fabricação de renda de bilro, com um total de 300 operários e um capital registrado de 900 contos de réis, sendo muitos de seus técnicos alemães ou descendentes (ENTRES, apud, CRUZ, 2008, p. 80)

Foi a principal fábrica que recrutou mulheres para o serviço, em 1920, registros da empresa indicam que 63,30% da mão de obra era feminina. No início do século XX, não havia muito espaço para mulher no mercado de trabalho formal de Florianópolis. (Lira, 2018). O papel desempenhado pelas mulheres nos processos econômicos e espaços de sociabilidade é um importante componente do *Patrimônio Industrial* e dos estudos necessários para seu entendimento, devendo considerar as relações entre os gêneros em suas dimensões de relação com o espaço, com o

mercado de trabalho, máquinas, ferramentas, linguagem, experiências de sociabilidade e expressões simbólicas<sup>26</sup>.

As máquinas de bordar mediam quase 12 metros de comprimento, eram mais difíceis de manusear. O algodão era utilizado como matéria prima, as máquinas perfuravam um modelo de bordado (molde), o processo de produção envolvia recorte e acabamento de desenhos, queima de fios, clareamento (da fazenda já bordada), depois medição e engoma (Lira, 2018). Em outro setor, as funcionárias observavam a regularidade do trabalho, a função de recortadeira era exercida para checar o padrão dos bordados, aqueles com erro eram corrigidos ou descartados. Este setor funcionava no módulo boleado da esquina. Minha avó exerceu esta função por pouco mais de um ano, conforme registro em carteira de trabalho (Anexo B). A rotina de trabalho e relações existentes foram registrados em um documentário com entrevistas de algumas das antigas funcionárias da Fábrica de Bordados<sup>27</sup>.

Percebe-se que a horizontalidade do agrupamento de edificações é dominante (figuras 113 a 115), junto com o ritmo das aberturas e as divisões de fachada feita por elementos decorativos. A esquina boleada funciona como elemento de transição entre os dois estilos arquitetônicos. Este módulo possui, na atualidade, dois pavimentos, mas já foi térreo (figura 115). Possui uma porta centralizada que não existia anteriormente, marquise e alinhamento de altura com o volume vizinho (Rua Hoepcke). O projeto de parte do conjunto, realizado em 1940, é atribuído a Tom Wildi (Teixeira, 2009).

Figura 113 - Fábrica de Bordados, desenho de Aldo Beck.



Fonte: Veiga, 2010

---

<sup>26</sup> A Carta de Sevilha é fruto do VII Seminário de Paisagens de Andaluzia, organizado pelo TICCIH/Espanha, que objetivava analisar e fazer ponderações sobre a situação do Patrimônio Industrial em Andaluzia, visando a atualização do conhecimento, metodologias e propostas.

<sup>27</sup> Projeto "Mulheres operárias da Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke: memória, trabalho e cotidiano", desenvolvido com recursos do Prêmio Elisabete Anderle de Estímulo à Cultura (2021), do Estado de Santa Catarina, via Fundação Catarinense de Cultura, com o apoio da empresa Scientia Consultoria Científica, disponível na plataforma Youtube.

Figura 114 - Primeiras instalações da fábrica.



Fonte: Exposição da fábrica in Instituto Carl Hoepcke, sem data

Figura 115 - Fábrica de Bordados, imóvel de esquina, com um pavimento.



Fonte: Exposição da fábrica in Instituto Carl Hoepcke, sem data

A imagem a seguir (figura 116) indica os módulos da fábrica e foram organizados para a análise da arquitetura.

Figura 116 - Imagem aérea do conjunto que forma a Fábrica de Bordados.



Fonte: Google Maps, 2022. Adaptação da autora.

O edifício (1) que faz esquina com a Rua Hoepcke e Felipe Schmidt é o mais impactante do conjunto, por isso começamos com ele. Possui bossagens na alvenaria e frisos, platibanda marcando a fachada e linhas horizontais bem destacadas. Na figura 117, percebe-se que havia uma similaridade de desenho e composição entre os edifícios situados na esquina da Rua Hoepcke, de um lado a fábrica e de outro, a (demolida) revendedora da Ford (figura 118).

Figura 117 - Fábrica de Bordados e a antiga revendedora Ford.



Fonte: Acervo Casa da Memória, sem data.

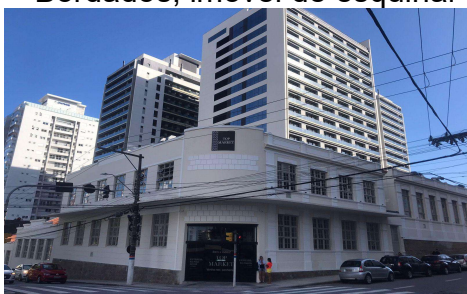
Figura 118 - Fábrica de Bordados e a antiga revendedora Ford.



Fonte: Acervo Casa da Memória, sem data.

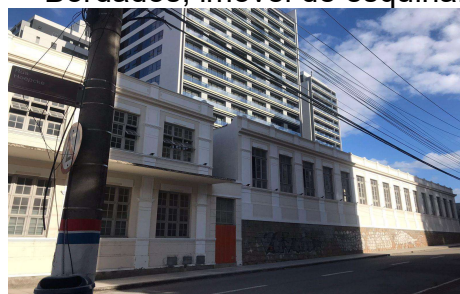
Este volume possui dois pavimentos atualmente, telhado em quatro águas, marquise no pavimento térreo, esquadrias no térreo e pavimento superior no mesmo espaçamento, platibanda encobrindo a cobertura, os ornamentos de fachada são em ressaltado e a base é em pedra. Possui também detalhes em ressaltado que remetem a fiadas de tijolos (parede curva), tanto no pavimento térreo como no pavimento superior (figuras 119 a 122). A ornamentação da fachada deste módulo acompanha os volumes vizinhos, ou seja, a fachada da Rua Felipe Schmidt possui menos ornamentação, enquanto que a fachada da Rua Hoepcke repete os frisos, ressaltos e pilastras que marcam as aberturas.

Figura 119 - Antiga Fábrica de Bordados, imóvel de esquina.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 120 - Antiga Fábrica de Bordados, imóvel de esquina.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 121 - Antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: ndmais.com.br

Figura 122 - Antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: topmarketfloripa.com.br

As duas edificações (2) da Rua Felipe Schmidt, em direção à Rua Padre Roma, possuem um pavimento único, telhado com água voltada para rua e para o interior do lote e uma terceira água voltada para as laterais. Os módulos são implantados respeitando a declividade do terreno, a platibanda é também escalonada, com forma centralizada e simétrica, as fachadas possuem bossagens decorativas e alguns elementos em alto e baixo relevo. Os ornamentos são em ressalto, há presença de frisos e as esquadrias procuram repetir o mesmo espaçamento (figuras 123 e 124).

Figura 123 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

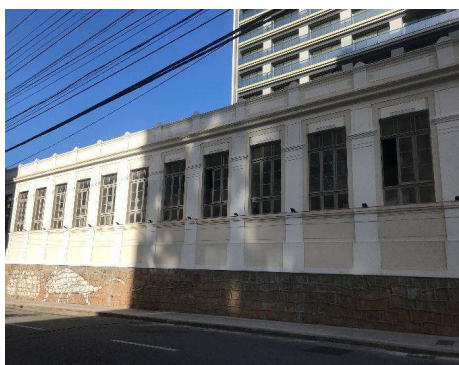
Figura 124 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Felipe Schmidt.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O volume que segue a Rua Hoepcke (3) possui um pavimento e base em pedra. A ornamentação é típica da arquitetura eclética, e há rica ornamentação em ressalto na fachada, marcando os vãos entre as janelas como pilastras, esquadrias em espaçamento ritmado, platibanda coroando a edificação para esconder a cobertura em quatro águas. É o volume do conjunto com maior comprimento, possuindo 16 (dezesesseis) aberturas. Entre o volume da esquina e este há uma porta marcando um corredor de passagem. As platibandas são separadas do corpo da edificação por cimalthas que enfatizam a horizontalidade da edificação (figuras 125 e 126).

Figura 125 - Antiga Fábrica de Bordados, edificações da Rua Hoepcke.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 126 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Hoepcke.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A edificação (4) é térrea, composta por três módulos, com coberturas em quatro águas, possui características da arquitetura *Art Déco*. Foi ocupada pelo antigo posto de gasolina Hoepcke. Tem detalhes e ornamento na fachada, platibanda escalonada, o arremate da edificação é decorado com requadros espaçados igualmente, apresenta janelas e um portão de ferro de acesso. Os vãos do acesso ao portão são também adornados com ressaltos na alvenaria. As aberturas são maiores, do tipo basculante. As linhas verticais lhe conferem ritmo à composição e o pátio frontal valoriza sua apreensão visual. As coberturas são sustentadas por estrutura em madeira e somente este volume possui lanternim (figuras 127 a 130).

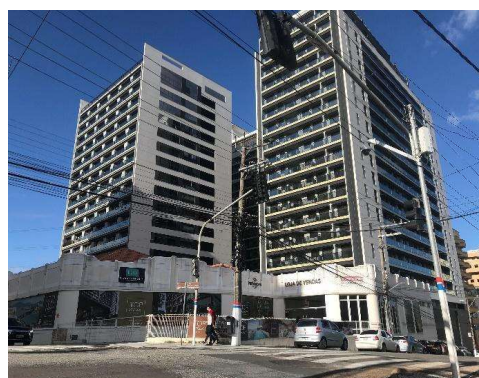
Há um outro módulo menor voltado para a Rua Conselheiro Mafra, com cobertura em cinco águas e uma fachada chanfrada.

Figura 127 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Hoepcke.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 128 - Antiga Fábrica de Bordados, Rua Hoepcke.



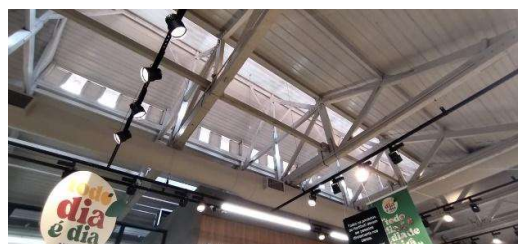
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 129 - Detalhe da marquise.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

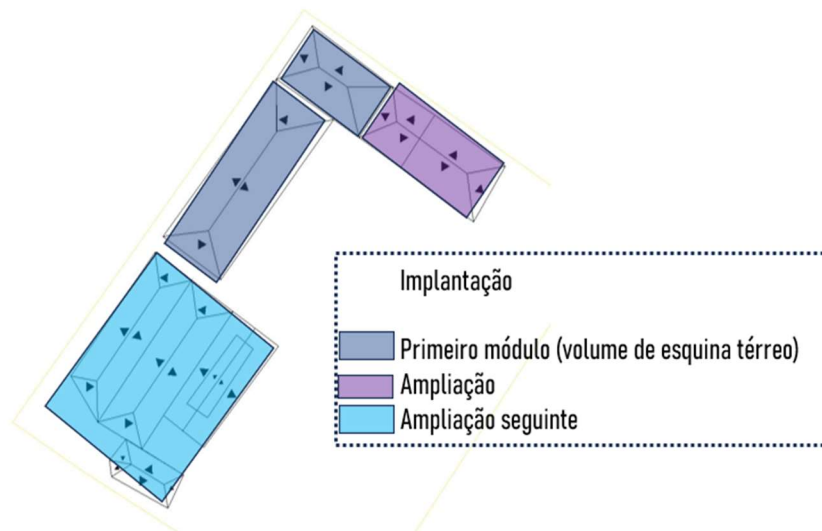
Figura 130 - Imagem interna, indicando lanternim.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Com o texto é possível desenhar a organização do conjunto (figura 131). Em primeiro momento a arquitetura eclética, com o volume de esquina (inicialmente térreo) e a continuidade para a Rua Hoepcke; depois uma ampliação em direção ao Centro da cidade (pela Rua Felipe Schmidt), com os dois volumes térreos; e por fim as construções (típicas da arquitetura do *Art Déco*) do antigo posto que também pertenceram a empresa.

Figura 131 - Cronologia de implantação da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Autora, 2023.

### 2.3 ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES

A década de 1950 marca o início da desaceleração dos negócios para a empresa Hoepcke, ocasionando o fechamento dos empreendimentos:



A década de 1950 foi um marco decisivo para a desaceleração dos negócios devido à decadência de vários portos brasileiros, fato também ocorrido com o porto de Florianópolis, ocasião em que a firma Hoepcke, através de novas aplicações e a retroalimentação de suas fábricas, transformou-se em única sobrevivente durante o processo de rodoviarização brasileira. A partir daí, as fábricas se voltaram apenas para o mercado regional, como aconteceu com as fábricas de gelo e de pregos, ou tiveram que acompanhar as mudanças tecnológicas, como foi o caso da fábrica de rendas e bordados (CRUZ, 2008, p.80).

Segundo Veiga (2010), a falta de organização portuária, reduzida capacidade de embarque e desembarque de carga e a deficiência de guindastes desestimulavam as atividades portuárias. Alguns navios de grande porte não podiam atracar devido ao baixo calado do porto, o somatório destas questões juntamente com o declínio da atividade de transporte marítimo que deu lugar ao transporte rodoviário culminaram na desativação do porto. Segundo Grillo (1983), as atividades do estaleiro Arataca foram reduzidas, sendo desativado por completo na época do planejamento para execução da via de contorno norte e aterro da baía sul (década de 1970).

A Fábrica de Pontas, embora tenha sofrido um declínio financeiro, conseguiu se manter em funcionamento até a década de 1980. A perda gradativa do mercado consumidor, defasagem do maquinário, baixo faturamento e custo elevado de matéria prima contribuíram para seu eventual fechamento.

Hoje o velho prédio da fábrica de Pontas “Rita Maria”, no bairro do antigo Porto de Nossa Senhora do Desterro, é o símbolo desgastado, mas imponente, de uma época em que a elite industrial do Estado de Santa Catarina era, sem sombra de dúvida, formada pela figura do imigrante, que muitas vezes iniciando suas lides no comércio importador-exportador transformou o Estado de Santa Catarina num dos maiores centros industriais do Sul do Brasil (PIAZZA, p.53, apud, VEIGA, 2010, p.267).

Na década de 1990 (1999), a Fábrica de Gelo foi desativada e os equipamentos foram alugados para terceiros. A desativação se deu devido ao alto custo de energia elétrica para manter as máquinas em funcionamento. Os galpões (incluindo a Fábrica de Pontas) foram alugados e abrigaram diversos usos que forçaram descaracterizações na arquitetura, como alteração e emparedamento de vãos, construções de anexos, etc.

A Fábrica de Bordados manteve-se funcionando até a década de 1990. Após o encerramento das funções permaneceu sem uso e fechada, deteriorando-se com o tempo. O terreno remanescente foi alugado e um imóvel construído no lote abrigou

um setor da prefeitura local. Em 1979, foi construída uma unidade em São José, maior do que a unidade em Florianópolis e com máquinas mais modernas e de maior produção. Em 2000, as atividades no centro de Florianópolis foram totalmente transferidas (figuras 132 e 133).

Figura 132 - Antiga Fábrica de Pontas antes do restauro.



Fonte: [angelinawittmann.blogspot.com](http://angelinawittmann.blogspot.com)

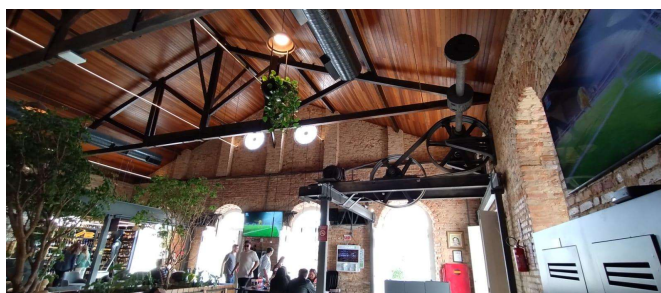
Figura 133 - Antiga Fábrica de Bordados antes do restauro.



Fonte: [arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com](http://arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com)

As antigas Fábricas de Pontas e de Gelo e a parte remanescente do antigo depósito situado em frente (em direção aos trapiches) foram restaurados e reabertos em 2022. As fábricas foram unificadas, possibilitando a conexão entre os módulos e transformadas em locais de lazer. Atualmente fazem parte de um conjunto formado por edifícios comerciais (figuras 134 e 135). O depósito possui uso distinto das fábricas.

Figura 134 - Interior da antiga fábrica de Pontas e Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

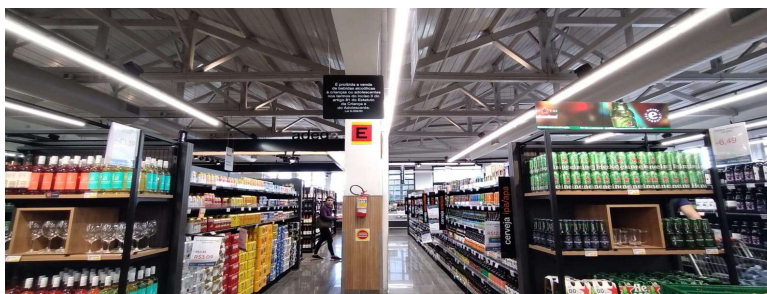
Figura 135 - Interior da antiga Fábrica de Pontas e Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A antiga Fábrica de Bordados foi igualmente restaurada e inaugurada em 2022, tem como usos um supermercado e instalações para restaurantes e bares (figuras 136 a 138). O complexo é constituído por três edificações altas. Na parte térrea foram instaladas lojas voltadas para o pátio conformado entre as antigas instalações da fábrica e as novas edificações.

Figura 136 - Interior da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 137 - Interior da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 138 - Pátio interno da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

A importância do uso nas edificações culturais possibilita sua salvaguarda, sem utilização as edificações estavam fadadas ao arruinamento. Um estudo responsável é fundamental para possibilitar uma boa intervenção. A intervenção sem critério e sem respeito à história pode ser danosa e alterar, por vezes de maneira

irreparável, as características do bem tombado. O capítulo seguinte aborda o uso em edificações tombadas e os projetos de restauros executados recentemente.

## 2.4 A IMPORTÂNCIA DO USO NAS EDIFICAÇÕES

A utilização de um bem é a forma mais decisiva para assegurar sua conservação. Tal afirmação foi declarada por Viollet-le-Duc e Ruskin no século XIX.

Ambos

[...] preconizavam um uso que assegurasse a boa manutenção e evitasse intervenções mais incisivas. A argumentação dos autores é de caráter estético e histórico (em Viollet-le-Duc, às vezes, também técnico), e as questões funcionais jamais são as únicas a prevalecer. Ruskin já afirmava: 'Tome medidas apropriadas para os edifícios, não será necessário restaurá-los', e preconizava que se preservassem as marcas da passagem do tempo, não 'ferindo' o documento. Enfatizava, também, a necessidade de usos que assegurassem uma boa manutenção. Viollet-le-Duc, por sua vez, recomendava que se encontrasse um uso que fosse tão adequado ao edifício que não fosse necessário alterar sua disposição para implementá-lo" (KÜHL, 2018, p. 209).

O uso dos bens culturais reflete diretamente na sua conservação e, portanto, na sua longevidade. A ausência de utilização "figura entre as causas de decadência de uma edificação" (Lyra, 2016, p. 22), pois implica na ausência de manutenção e conservação do imóvel. O abandono somado a inércia de ações de manutenção e conservação levam ao arruinamento do imóvel. A importância do uso é assunto recorrente nas Cartas Patrimoniais, destacando a necessidade de respeito das características históricas, culturais e a disposição estrutural do bem. Além disso, o uso está ligado a uma melhoria socioeconômica para a sociedade em que está inserido.

A Carta de Atenas (1931) indica que "se mantenha uma utilização dos monumentos, que assegure a continuidade de sua vida, destinando-os sempre a finalidade que seu caráter histórico ou artístico" (Cury, 2004, pg. 13). A Carta de Veneza (1964) coloca a importância do uso respeitando a configuração da edificação:

A conservação dos monumentos é sempre favorecida por sua destinação a uma função útil à sociedade; tal destinação é, portanto, desejável, mas não deve alterar a disposição ou decoração dos edifícios. É somente dentro destes limites que se devem conceber e se podem autorizar as modificações exigidas pela evolução dos usos e costumes (CURY, 2004, pgs. 92-93).

Na Carta de Restauo (1972), a questão do uso foi abordada objetivando assegurar a sobrevivência dos monumentos considerando a possibilidade de novas utilizações, desde que “compatíveis com os interesses histórico-artísticos”, admitindo adaptações, mas respeitando as características tipológicas e organização estrutural, reiterando a Carta de Veneza.

A Resolução de São Domingos, realizada em 1974, ressalta que a utilização de bens culturais está conectada a relação socioeconômica da sociedade em que se insere:

Os projetos de preservação monumental devem fazer parte de um programa integral de valorização, que defina não apenas a sua função monumental, como também o seu destino e manutenção, e leve prioritariamente em conta a melhoria socioeconômica de seus habitantes (CURY, 2004, pg. 197).

Dito isso, as práticas de intervenção de restauro em patrimônio cultural pregam a atribuição de um uso relacionado a definição das premissas de restauração e intervenção. Este uso não é necessariamente o mesmo uso original. No entanto, as premissas, publicações e entendimento relacionados à conservação do patrimônio cultural indicam que tais usos devam ser compatíveis com o bem em questão. São toleradas intervenções que não causem um impacto negativo e que atendam ao regramento geral de orientação praticado e difundido pelos instrumentos de conservação e preservação, que são de forma sintética: a mínima intervenção, a compatibilidade de técnicas e materiais empregados, a legibilidade das intervenções executadas (que devem apresentar a marca do seu tempo), a manutenção do substrato histórico (respeitando os valores estéticos e históricos do monumento, integridade física e aspecto documental), a reversibilidade dos materiais empregados, a proibição dos acréscimos e falsificações, a proibição das remoções que apaguem a trajetória da obra através do tempo, exceto em casos de remoções de alterações, que após criteriosa análise, sejam julgadas negativas para os valores do bem.

A Carta de Nizhny Tagil (2003) aborda que o sucesso na manutenção e conservação está relacionado a preservar a integridade funcional, ou seja, as intervenções realizadas sendo conservação, restauração ou readaptação devem, quando possível, manter a sua integridade, respeitando os fluxos existentes e os elementos móveis que fazem parte do conjunto. Isso significa dizer que

o valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários que fazem parte do conjunto forem destruídos. (...) A adaptação de um sítio industrial a uma nova utilização como forma de se assegurar a sua conservação é em geral aceitável salvo no caso de sítios com uma particular importância histórica. As novas utilizações devem respeitar o material específico e os esquemas originais de circulação e de produção, sendo tanto quanto possível compatíveis com a sua anterior utilização.<sup>28</sup>

A Carta de Nizhny Tagil (2003) assim como Princípios de Dublin (2011)<sup>29</sup> indicam que as intervenções realizadas devem ser reversíveis e que todas as alterações devem ser documentadas. A reversão para um estado prévio conhecido pode ser aceitável em circunstâncias excepcionais para fins educativos, garantindo a documentação do processo. O carácter histórico do sítio e os vestígios ou marcas que contribuem para formar seu valor cultural devem ser respeitados. As intervenções devem causar mínimo impacto e ser registradas, reforçando que os elementos significativos que se eliminem devem ser inventariados e armazenados num local seguro:

A manutenção do uso original ou de uma nova utilização compatível constitui a solução de conservação mais frequente e, muitas vezes, a mais sustentável para assegurar a conservação de sítios ou estruturas de património industrial. Os novos usos devem respeitar os elementos significativos existentes, como os equipamentos, os padrões de circulação ou a distribuição das actividades (sic). (...)

Sempre que possível, as intervenções físicas devem ser reversíveis e respeitar o carácter histórico do sítio, e os vestígios ou marcas que para tal contribuem. Todas as alterações devem ser documentadas. A reversão para um estado prévio conhecido pode ser aceitável em circunstâncias excepcionais para fins educativos, devendo nesse caso basear-se num aprofundado trabalho de pesquisa e documentação<sup>30</sup>.

Particularmente às adaptações, acrescenta que a dimensão e o funcionamento das edificações nos seus usos originais devem ser respeitados, da mesma forma os registros documentais, os arquivos empresariais e o projeto

<sup>28</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

<sup>29</sup> Desde a adoção da Carta de Nizhny Tagil, pelo Comité Internacional para a Conservação do Património Industrial (TICCIH) como texto referencial internacional para orientação da proteção e conservação do Património Industrial houveram outras ações e iniciativas para aprofundamento do tema, entre elas o documento: "Princípios conjuntos do ICOMOS-TICCIH para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Património Industrial", conhecido como "Princípios de Dublin" (2011).

<sup>30</sup> Princípios de Dublin, 2011.

arquitetônico original. Indica que a continuação de utilização do patrimônio impacta positivamente no desenvolvimento econômico:

Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento econômico sustentado. O patrimônio industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração econômica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos<sup>31</sup>.

Sobre o desmantelamento e desfazimento, os assuntos são abordados tanto no documento de 2003 quanto no de 2011, este último complementando o primeiro:

A conservação *in situ* deve considerar-se sempre como prioritária. O desmantelamento e a deslocação de um edifício ou de uma estrutura só serão aceitáveis se a sua destruição for exigida por imperiosas necessidades sociais ou econômicas<sup>32</sup>.

O documento Princípios de Dublin orienta que nesta situação deverá ser exaustivamente documentado e inventariado, sobretudo dos elementos demolidos ou maquinário removido. Reforça que o desmantelamento e o deslocamento só são aceitáveis em casos extraordinários, quando a destruição do sítio é exigida por imperativas necessidades econômicas ou sociais, desde que objetivamente demonstradas.

Em relação ao uso, Kühl (2008) define que o uso compatível implica em respeitar os elementos significativos existentes, citando equipamentos, padrões de circulação e distribuição de atividades. Muitas vezes os componentes que formam o sítio são caracterizados como grandes estruturas, dotadas de ambientes amplos, e ainda que haja setorização das atividades, deve permitir a existência ou a percepção dos grandes espaços, sem alterar de forma irreversível a divisão original da edificação. Quanto a restaurações, enfatiza que a restauração é “um ato de respeito pelo passado, interpretado no presente e voltado para o futuro, para que os bens culturais possam continuar a ser efetivos e fidedignos suportes da memória coletiva” (Kühl, 2018, p. 209). Apresenta sua crítica, afirmando que algumas intervenções são realizadas tendendo a colocar o uso como finalidade da intervenção, para isso se molda a edificação ao uso pretendido, quando a premissa de intervenção deveria ser

---

<sup>31</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

<sup>32</sup> Carta de Nizhny Tagil (2003).

o entendimento oposto: em primeiro momento analisar as características da obra, e a partir disso se definir as funções e um programa de necessidade compatível. Não se deve adaptar a edificação ao uso escolhido e submetê-la a transformações para atender esse objetivo. Em primeiro lugar deve-se respeitar a essência do bem, estudar suas características, e assim definir uma utilização compatível com os aspectos formais, respeitando a configuração da edificação, a passagem do tempo que sofreu e que carrega nas suas camadas.

Meneguello (2011) evidencia que há dificuldade na preservação do patrimônio edificado (industrial) em razão dos desafios por parte dos órgãos de preservação e da pressão imobiliária sobre os espaços. Estes espaços se caracterizam como grandes imóveis abandonados no meio do tecido urbano e com alto valor econômico. Destaca que sua preservação não é eficaz como ação de salvaguarda isolada, pois deveria abranger toda a rede (da produção ao escoamento). Isso se torna difícil devido à extensão das áreas.

Entende-se com esta introdução que o uso de edificações é não somente fundamental para a conservação da materialidade do patrimônio cultural, mas sobretudo é essencial para o desenvolvimento socioeconômico e cultural do meio em que este está inserido.

O empreendimento formado pelas Fábricas de Pontas e de Gelo e edifícios de salas comerciais (figuras 139 a 142), sob nome de Armazém Rita Maria, é resultado de uma restauração que resgatou os vãos originais, elementos emparedados e escondidos após anos de intervenções. Abriga no seu espaço um conjunto de estabelecimentos voltados para gastronomia e lazer.

Figura 139 - Interior da antiga fábrica.



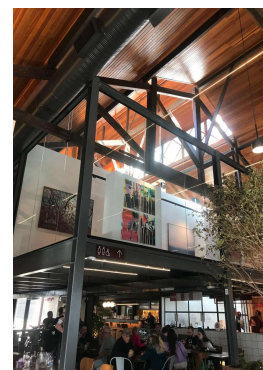
Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 140 - Interior da antiga fábrica.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 141 - Interior da antiga fábrica.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.



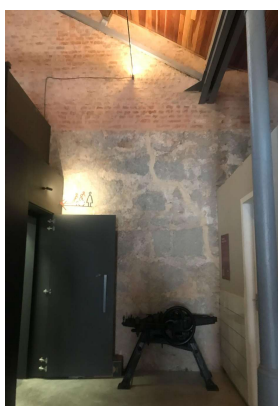
Figura 142 - Antiga Fábrica de Pontas e de Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

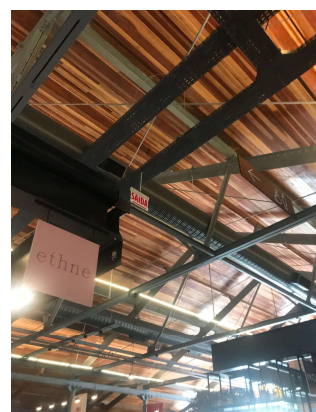
Para viabilização do uso e instalações dos restaurantes e bares foram criados módulos, com estrutura independente das alvenarias e em aço galvanizado, com piso elevado para passagem da infraestrutura hidrossanitária, elétrica e gás. Os módulos foram bem sucedidos na execução e dão a clara imagem de uma instalação posterior. As estruturas da cobertura em ferro foram descobertas durante a obra de restauro e vãos originais reabertos e revelados no espaço da antiga fábrica. Alguns artigos relacionados às atividades da Cia. Hoepcke estão expostos, como máquinas antigas das fábricas, portões do estaleiro Arataca, âncoras, que mesmo não tendo relação direta com a Fábricas de Pontas o tem com a empresa (figuras 143 a 147).

Figura 143 - Interior da antiga fábrica (máquina exposta).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 144 - Interior da antiga fábrica (estrutura metálica na cobertura).



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 145 - Interior da antiga fábrica.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 146 - Interior da antiga fábrica, elementos expostos.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 147 - Interior da antiga fábrica, elementos expostos.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

As edificações verticais que fazem parte do empreendimento têm acabamento espelhado. Não tem ligação direta com as antigas fábricas e possuem altura menor que os edifícios vizinhos. Entende-se que o projeto foi concebido visando respeitar o volume das edificações tombadas (figuras 148 e 149).

Figura 148 - Área externa.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 149 - Área externa, vemos galpões e chaminé.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O antigo depósito em frente a Fábrica de Pontas passou por intervenção recente e abriga um uso distinto do Armazém Rita Maria. As instalações são sobrepostas a alvenaria, o madeiramento da cobertura é pintado na cor branca ficando difícil de distinguir as peças da madeira e as instalações. O espaço é completamente aberto, as divisões existentes são poucas, concentrando-se no módulo anexo que serve de acesso ao local, ocupado por salas (consultórios veterinários) e sanitários (figuras 150 a 152).

Figura 150 - Antigo depósito, em frente a Fábrica de Pontas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 151 - Antigo depósito, em frente a Fábrica de Pontas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 152 - Interior do antigo depósito, em frente a Fábrica de Pontas.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

O conjunto de edifícios da Fábrica de Bordados, denominado *Top Market*, faz parte de um complexo de edifícios altos (comerciais e residenciais) e o ambiente formado pelas edificações históricas tem por objetivo reunir gastronomia, serviços e lazer. A porção posterior das edificações tombadas junto com o térreo das novas construções organizam um pátio onde foi instalada uma antiga máquina de bordados. No volume térreo voltado para a Rua Conselheiro Mafra foi instalado um supermercado, o espaço foi mantido sem divisórias, a organização do layout é feita pelo próprio mobiliário. No volume voltado para Rua Hoepcke foi concebida uma praça de alimentação, foi construído um volume para viabilização de restaurantes e bares,

simula uma estrutura de alvenaria rebocada, no entanto, ao olhar desatento pode parecer que este volume faz parte da configuração original do edifício. Um painel de linha do tempo ilustra a história da fábrica. Um restaurante inaugurou na parte térrea do volume de esquina (boleado), e para permitir acesso executou-se uma porta centralizada com escadaria. As instalações de infraestrutura do bem tombado é toda exposta e de sobrepor como no Armazém Rita Maria. As edificações situadas na Rua Felipe Schmidt ficaram desocupadas desde a inauguração, mas em março de 2024, teve início o “Programa Top Market - Nutrição Saudável e Movimento”, onde são realizadas aulas de balé funcional.

Quanto às novas edificações, são afastadas dos edifícios tombados formando um pátio interno, tem acabamento mais neutro em relação às novas construções do entorno. A cor definida é muito similar à própria edificação tombada, o que pode ter sido uma escolha para neutralizar o volume, no entanto, acabou se aproximando muito da cor da edificação protegida. Ficaria mais interessante o uso de cores distintas, em uma mesma paleta (figuras 153 a 161). O entorno do conjunto fabril será aprofundado no Capítulo 3.

Figura 153 - Maquinário exposto no pátio.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 154 - Área externa da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 155 - Área externa da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 156 - Fachada da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 158 - Linha do tempo.



Figura 160 - Área interna, maquinário exposto.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 157 - Fachada da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 159 - Volume que abriga os restaurantes.



Figura 161 - Área interna da antiga Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Não se objetivou resgatar o uso original (fabril) nas restaurações dos galpões das Fábricas de Pontas, de Gelo e na Fábrica de Bordados. As atividades de produção, se fossem restabelecidas na atualidade tal qual eram executadas no início do século XIX, seriam consideradas anacrônicas, pois o maquinário e técnicas se modernizaram, não sendo o mesmo do século XIX (início do século XX). O caminho

escolhido foi criar um espaço de lazer e gastronomia, em que os elementos da história, maquinário e objetos que fizeram parte do funcionamento das empresas Hoepcke estivessem incorporados na intervenção e o uso permitisse a contemplação, a apreensão da materialidade e dimensão do espaço construído. A amplitude dos espaços internos das antigas fábricas foi mantida, os restauros permitiram absorver a dimensão do antigo espaço fabril e visualizar a estrutura da cobertura (totalmente exposta), lanternim existente e maquinário de trabalho. As instalações (tubulações) sobrepostas à alvenaria respeitaram a integridade do bem, sem fragilizar sua estrutura.

As edificações da vila operária permaneceram com uso contínuo desde a sua implantação, a maioria manteve o uso residencial. Algumas intervenções foram realizadas ao longo dos anos, como instalações de grades nas aberturas e alterações nos muros frontais, mas suas características principais foram mantidas. Por outro lado, a única edificação remanescente do antigo estaleiro Arataca foi destituída de uso, ocasionando seu arruinamento e queda da cobertura. Logo, é constatado que o uso é fundamental para longevidade e salvaguarda das edificações tombadas (figuras 162 a 164).

Figura 162 - Imagem geral da vila operária.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 163 - Vista superior da edificação remanescente.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 164 - Vista frontal da edificação remanescente.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

### 3. A FÁBRICA NO CENTRO DA CIDADE

#### 3.1 AS MUDANÇAS NO ENTORNO

O complexo fabril é constituído de três fábricas, uma vila operária e um estaleiro, está inserido na área central de Florianópolis, dentro do conjunto tombado Rita Maria. A localização das fábricas junto a estruturas de transporte e ao porto é bastante comum e recomendada, outrossim, ocorreu em áreas densamente menos ocupadas que possibilitaram a criação de uma zona de produção. No caso do objeto de estudo, a localização das empresas coincidiu com o porto, dessa forma os galpões conectavam-se aos trapiches. Esta organização foi muito importante para facilitar o transporte, embarque e desembarque de produtos, por outro lado, a proximidade ao centro urbano se justificou pela disponibilidade de uma infraestrutura já consolidada.

As edificações estão localizadas em três porções: uma parte abaixo da Rua Hoepcke, a vila na rua em declive e uma porção em área elevada, na rua Felipe Schmidt. A Rua Henrique Valgas representa a antiga linha do mar, antes da execução do aterro na década de 1970. O relevo não contribui para a apreensão da totalidade das edificações estudadas, pois estas estão situadas em cotas de nível distintas. Logo, para a apreensão de todo o conjunto, o observador deve caminhar pela área de estudo.

Entre o fim do século XIX e início do século XX, o complexo industrial instalou-se na extremidade do centro e em local com baixa ocupação, seguindo o código de posturas a época (que proibia atividades fabris junto a ocupação inicial). A região já se caracterizava como zona portuária, e as instalações das fábricas substituíram alguns ranchos ali existentes, próximos do trapiche da Rua Francisco Tolentino. As edificações de grande porte, pé direito alto, sequência de telhados, frontões triangulares e a chaminé de tijolos representam o símbolo da indústria na cidade. Estes elementos predominaram na paisagem por muitos anos até começarem as primeiras mudanças.

O século XX foi bastante transformador para o complexo fabril e seu entorno. A construção da Ponte Hercílio Luz (1926) alterou a silhueta horizontal na área portuária. Até a década de 1940, prevalecia a ocupação de construções mais baixas no núcleo fundacional e na região central. O primeiro Plano Diretor (1952) incentivou a verticalização na área central, tendo sido seguido pelos demais. Na década de 1960,

já existia o Aeroporto no sul da ilha, e foi implantada a Universidade Federal de Santa Catarina, na Trindade. Na década de 1970, foi executado o aterro da baía sul, com objetivo central de abrir espaço para o crescimento urbano, a ampliação do sistema viário, e possibilitar a construção de um outra ligação ilha-continente (Ferraro et al, 2021).

Neste capítulo buscou-se entender o entorno (ambiência, cenário, contexto envoltório, zona adjacente) do objeto de estudo, com ênfase nas principais transformações ocorridas e, ao mesmo tempo, identificar as características predominantes do complexo industrial e da ambiência construída, tecer críticas sobre a situação que se encontra, e assimilar, brevemente, o termo paisagem industrial.

Para entendimento do cenário constituído, foi utilizada a metodologia do INCEU<sup>33</sup> de forma simplificada e exploradas as características do conjunto e seu entorno (ocupação do solo, densidade, volumetria, relevo do terreno, vegetação, relação das edificações com rua, relação de aberturas da fachada, presença de elementos hídricos) a partir das principais visadas da área de estudo, com foco nas edificações que têm relação com as atividades fabris (remanescentes do estaleiro Arataca, Fábrica de Bordados, vila operária, Fábrica de Pontas e de Gelo).

### 3.2 O ENTORNO NO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

A Carta de Nizhny Tagil e o documento Princípios de Dublin trazem a proteção da paisagem como fator importante na salvaguarda, entendendo a paisagem industrial como o cenário formado pelas edificações, maquinário, estruturas de solo, transporte e a própria relação com meio natural:

O patrimônio industrial deve ser considerado como uma parte integrante do patrimônio cultural em geral. Contudo, a sua proteção (sic) legal deve ter em consideração a sua natureza específica. Ela deve ser capaz de proteger as fábricas e as suas máquinas, os seus elementos subterrâneos e as suas estruturas no solo, os complexos e os conjuntos de edifícios, assim como as paisagens industriais (Carta de Nizhny Tagil, 2003).

O significado e o valor do patrimônio industrial são específicos das estruturas ou dos próprios sítios, do seu tecido material, das suas componentes, da sua maquinaria e contexto, expressos na paisagem industrial, na documentação

---

<sup>33</sup> O Inventário de Configuração de Espaços Urbanos (INCEU) é um instrumento técnico que permite a análise da configuração urbana dos conjuntos e sítios históricos, com o objetivo de subsidiar a elaboração de normas urbanísticas e indicar medidas de proteção para sua preservação.



escrita, e também nas dimensões imateriais contidas nas memórias, artes e costumes (Princípios de Dublin, 2011).

Ambos documentos trazem consigo o componente natural como integrante do *Patrimônio Industrial*. Para a Carta de Nizhny Tagil, a arqueologia industrial estuda os vestígios materiais e os imateriais, e a própria paisagem natural e urbana, criada pelos processos industriais. Complementando o documento, Princípios de Dublin indica que há uma conexão com o meio cultural e natural envolvente, pois os processos industriais dependem dos próprios recursos naturais oferecidos pelo meio natural para a produção. Entende-se que os documentos técnicos reconhecem o envoltório (ou o entorno) como possuidor de significado:

O patrimônio industrial revela uma conexão profunda entre o meio cultural e natural envolvente, enquanto que os processos industriais - quer sejam antigos ou modernos - dependem de recursos naturais, de energia e de redes de transporte, para poderem produzir e distribuir os produtos a amplos mercados<sup>34</sup>.

O *Patrimônio Industrial* perpassa os limites do edifício da fábrica, abrange um conjunto de edificações e infraestrutura relacionadas ao processo de produção, incluindo maquinário, edificações de uso social e moradia, além do valor imaterial e do contexto formado pelos elementos que o conformam. Seu significado é somente compreendido quando se entende este conjunto que conforma a paisagem industrial:

O patrimônio industrial abrange os sítios, estruturas, complexos, territórios e paisagens, assim como os equipamentos, os objectos (sic) ou os documentos relacionados, que testemunhem os antigos ou actuais (sic) processos de produção industrial, a extracção (sic) e a transformação de matérias-primas, e as infraestruturas energéticas ou de transporte que lhes estão associadas. (...)

A grande diversidade dos sítios de patrimônio industrial resulta das suas funções, das suas formas, e da sua evolução ao longo do tempo<sup>35</sup>.

A forma de implantação, ocupação de lotes, alinhamento, organização dos galpões, armazéns, edificações isoladas ou agrupados e os núcleos formados com as vilas operárias e instalações diversas como escolas, hospitais e clubes representam variadas paisagens, dotadas de valores sociais, tecnológicos e ambientais (Dezen-Kemper, 2011). A paisagem é o resultado do passado e presente da interação do

---

<sup>34</sup> Princípios de Dublin, 2011.

<sup>35</sup> Princípios de Dublin, 2011.

homem com o meio natural e ilustra a evolução de uma sociedade, sendo dotada de significados e simbologia. Numa determinada paisagem “contempla-se a manifestação da História, da memória coletiva e do ‘espírito do lugar’” (Nór, 2010, p. 106).

A paisagem é dinâmica, é resultado da relação da morfologia do local (relevo e elementos naturais) e da intervenção humana. Esta paisagem, após as alterações causadas pelas instalações fabris, passa a ser considerada paisagem industrial, mas ao mesmo tempo que a indústria evolui (ampliando e modernizando as instalações e o maquinário), a paisagem segue em constante transformação. A compreensão do contexto pode ser realizada através da estratigrafia da paisagem cultural, a partir da compreensão das camadas que a formam no tempo e espaço, o que pode ser realizado com apoio de registros textuais, iconografia, registros orais, filmes, etc.

As noções iniciais sobre paisagem, paisagem cultural e paisagem histórica urbana começaram a ser discutidas antes da própria construção do seu conceito, quando se passou a entender que não seria suficiente somente proteger o monumento isolado, mas também o entorno. Entorno foi o termo utilizado em algumas Cartas Patrimoniais que, desde a década de 1930, elaboraram diretrizes e conceitos para a preservação de bens e manutenção da sua ambiência. Neste sentido, no capítulo seguinte será abordado como ocorre a relação entre o bem tombado e as intervenções realizadas no seu contexto envoltório.

O primeiro documento internacional no qual o entorno aparece vinculado ao patrimônio cultural é a Carta de Atenas (1931), que recomenda o respeito sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objeto de cuidado e cujas visadas pitorescas precisam ser preservadas (Cury, 2004, p. 14). A Carta de Veneza (1964) se destaca na preservação das áreas envoltórias e define monumento como sendo não apenas a criação arquitetônica, mas igualmente o seu entorno:

Art. 6. A conservação de um monumento implica a manutenção de um espaço envolvente devidamente proporcionado. Sempre que o espaço envolvente tradicional subsista, deve ser conservado, não devendo ser permitidas quaisquer novas construções, demolições ou modificações que possam alterar as relações volumétricas e cromáticas (CURY, 2004, p. 93).

Não se pretende inviabilizar novas construções, o que se vislumbra é que o novo e o antigo convivam em harmonia de volumetria, densidade, cor, escala. Normas

de Quito (1967) reconhece que o espaço é inseparável do monumento e recomenda como medida técnica a regulamentação das zonas adjacentes, visto que “a relação volumétrica é um dos elementos indicados determinantes da paisagem urbana e natural” (Cury, 2004, p. 122).

A relação volumétrica é destaque na Carta de Washington (1986): “a forma e o aspecto das edificações, tais como são definidos por sua estrutura, volume, estilo, escala, materiais, cor e decoração são valores a preservar no caráter histórico da cidade que expressam sua imagem”. (Cury, 2004, p. 282).

Na Conferência de Nairobi (1976), a ambiência dos conjuntos históricos ou tradicionais é definida como o quadro natural ou construído que influi na percepção estática ou dinâmica desses conjuntos, ou a eles se vincula de maneira imediata no espaço, ou por laços sociais, econômicos ou culturais. Enfatiza que a urbanização moderna em grande escala e a densidade destroem indiretamente a ambiência e o caráter dos conjuntos históricos adjacentes (Cury, 2004, p. 220-221), coadunando com a Normas de Quito na relação da densidade construtiva no entorno:

Art. 28: (...) uma análise do contexto urbano deveria preceder qualquer construção nova, não só para definir o caráter geral do conjunto, como para analisar suas dominantes: harmonia das alturas, cores, materiais e formas, elementos constitutivos do agenciamento das fachadas e dos telhados, relações de volumes construídos e dos espaços, assim como suas proporções médias e implantação dos edifícios. Uma atenção especial deveria ser prestada à dimensão dos lotes, pois qualquer modificação poderia resultar em um efeito de massa, prejudicial à harmonia do conjunto (CURY, 2004, p. 227).

Por sua vez, a Declaração de Xi'An (2005) reconhece a importância do entorno na construção do significado do próprio patrimônio cultural e a necessidade de definição de legislação e de uma zona de proteção (reiterando Normas de Quito de 1967) que garanta que não ocorram modificações irreversíveis que afetem o contexto relacionado ao monumento:

O entorno de uma edificação, um sítio ou uma área de patrimônio cultural se define como o meio característico seja de natureza reduzida ou extensa, que forma parte de – ou contribui para – seu significado e caráter peculiar. Mas, além dos aspectos físicos e visuais, o entorno supõe uma interação com o ambiente natural; práticas sociais ou espirituais passadas ou presentes, costumes, conhecimentos tradicionais, usos ou atividades, e outros aspectos do patrimônio cultural intangível que criaram e formaram o espaço, assim como o contexto atual e dinâmico de natureza cultural, social e econômica (...)

A legislação, a regulamentação e as orientações para a proteção, a conservação e a gestão dos monumentos, sítios e áreas de interesse cultural devem prever a delimitação de uma zona de proteção que reflita e contribua para conservar o significado e o caráter singular do contexto (Declaração de Xi'An, 2005. Disponível em portal.iphan.gov.br).

Os documentos técnicos defendem o entorno como contexto para a compreensão do patrimônio cultural, cujo entendimento permite a leitura do lugar através do conhecimento da história, das características ambientais e culturais, das informações responsáveis pela construção do cenário envolvente e da noção dos elementos que dão significado à paisagem. Novas construções na vizinhança do monumento são possíveis, mas precisam respeitar certos elementos (densidade, volumetria, cor, escala) para que se tenha um resultado harmonioso entre o novo e o existente.

### 3.3 A FÁBRICA E A PONTE

A Ponte Hercílio Luz foi idealizada pelo Governador Hercílio Luz que visava uma conexão ilha-continente. Até a década de 1920, essa relação era somente por mar, fato que colocou em discussão a posição de Florianópolis como capital. Discutia-se sua inviabilidade geográfica devido ao distanciamento e dificuldade de acesso a outros pontos do Estado. A importância da ponte em termos regionais é atrelada a estratégia para sua manutenção como capital, no âmbito nacional se inseriu no contexto de aprimoramento do meio transporte para conectar cidades e melhorar condições de escoamento de produção.

O projeto foi concebido pelos engenheiros Holton D. Robinson e D.B. Steinman, de Nova York e a construção realizada entre 1922 e 1926, viabilizada com empréstimos financeiros. Foi desenhada no formato de uma ponte pênsil com duas torres de 70 (setenta) metros de altura e um leito carroçável com 821 (oitocentos e vinte e um) metros de extensão, gerando um vão suspenso de 339 (trezentos e trinta e nove) metros, foram utilizadas 360 (trezentos e sessenta) barras de olhal para sustentação da estrutura (cada barra com treze metros de comprimento).

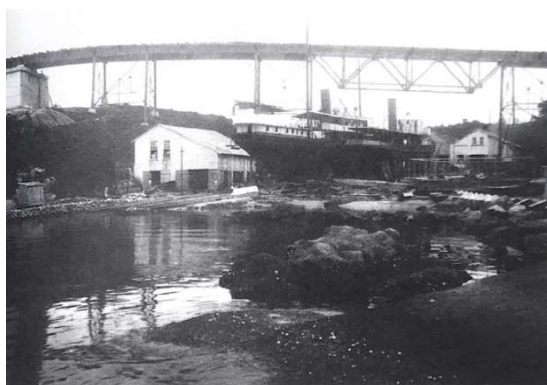
Segundo Andrade (1978), a empreiteira da construção da ponte foi *Byington & Sundstrom Contracting Engineers* (empresa americana com sede em São Paulo) que contratou a *U.S. Steel Products Co.*, também de Nova York, para montar a

estrutura de aço. Os engenheiros atuavam como inspetores supervisionando a fabricação da estrutura de aço junto à fábrica americana. Tanto a estrutura da ponte como as máquinas para a construção eram provenientes dos Estados Unidos.

Foi tombada nas três instâncias: municipal em 1992, estadual em 1997, e federal em 1998. A justificativa de tombamento se pautou na relevância tecnológica como um exemplar representativo de tecnologia de pontes suspensas, pelo valor estético como obra de engenharia e por ser o “referencial identificador da cidade e do Estado”<sup>36</sup>. Esteve fechada em 1982 devido a problemas de conservação e de estrutura, e permaneceu muitos anos interditada (entre 1991 e 2019).

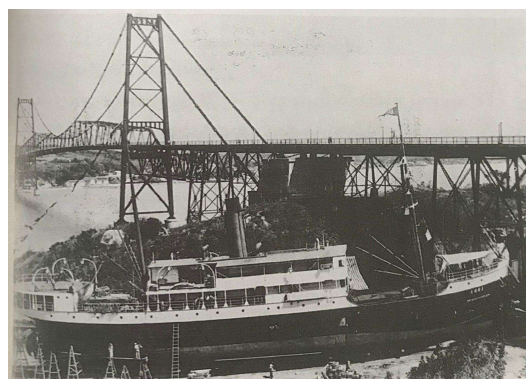
O capítulo 2.2.4 traz informações sobre o estaleiro Arataca, implantado em 1907 e desativado na década de 1960, logo, dividiu espaço com a Ponte Hercílio Luz por pouco mais de três décadas. Após a construção da ponte, o acesso ao estaleiro passou a se dar por uma estrada que passava abaixo da própria ponte. Como se pode verificar em algumas imagens, a ponte faz fundo às instalações do estaleiro enquanto ainda estava em atividade (figuras 165 a 168):

Figura 165 - Instalações do estaleiro Arataca, década de 1930.



Fonte: Reis, 1999

Figura 166 - Estaleiro Arataca e Ponte Hercílio Luz



Fonte: Müller, 2007.

---

<sup>36</sup> Processo 1137 –T- 85.

Figura 167 - Instalações, década de 1940.



Fonte: Velho Bruxo

Figura 168 - Estaleiro Arataca.



Fonte: Müller, 2007.

Há uma relação direta entre a ponte e as ruínas da edificação que fazia parte do estaleiro Arataca (figuras 169 a 171). A edificação é recuada em relação a Av. Osvaldo Rodrigues Cabral, isolada na área que ora situava-se o estaleiro e hoje faz parte do aterro da baía sul, portanto há uma sensação de alargamento e não há continuidade de fachadas (por ser a única edificação existente no local). A relação com o espaço público é indireta em razão do afastamento. O estado de conservação da edificação causa desconforto na aproximação. Os remanescentes dos pilares dos portões de acesso situam-se aos fundos, não sendo possível visualizá-los da avenida. Percebe-se que a ponte fica acima do imóvel, e é o destaque nesta vista.

Figura 169 - Ponte e remanescentes ao antigo estaleiro Arataca.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 170 - Ponte e remanescentes ao antigo estaleiro Arataca.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 171- Ponte e remanescentes ao antigo estaleiro Arataca.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

As edificações contemporâneas situadas no aterro da baía sul e próximas da ponte apresentam configuração distinta daquelas vizinhas. Ocupam grande porção do lote e possuem somente dois pavimentos. Estas características se justificam devido à proximidade ao bem tombado nas três esferas. A legislação federal<sup>37</sup> limita a altura final de edificações recentes no entorno para garantir a visibilidade do monumento.

A ponte configura-se como uma grande intervenção na área de estudo, trata-se de um monumento de grande porte com altura superior às edificações no entorno. É relacionada ao *Patrimônio Industrial* pela sua materialidade e por representar uma estrutura de transporte. Mesmo exercendo grande impacto para a paisagem local, está afastada da área de estudo (fábricas e vila), de modo que compõe o cenário, mas não entra em confronto no sentido de influenciar no protagonismo dos elementos fabris, nem mesmo da chaminé (figura 172). Em alguns pontos de observação (tendo o complexo fabril em primeiro plano), a ponte insere-se na ambiência como fundo. Ainda que seja um elemento impactante, devido à distância, se mantém em harmonia como o complexo fabril.

Figura 172 - Ponte Hercílio Luz.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

### 3.4 A FÁBRICA E A VERTICALIZAÇÃO

Outra grande mudança que a área central sofreu foi a verticalização do seu perfil que levou à substituição de diversos imóveis existentes por edificações em altura. Até a década de 1940, predominavam os edifícios ecléticos e alguns sobrados.

---

<sup>37</sup> Portaria IPHAN n° 500/2014.

Os primeiros edifícios de maior porte possuíam somente quatro pavimentos, como Hotel Laporta, na Praça Fernando Machado (figura 173).

Figura 173 - Vista do Hotel La Porta, na década de 1960.



Fonte: Acervo Casa da Memória.

As décadas de 1950, 1960 e 1970 foram marcadas pela implementação de Planos Diretores de princípios modernistas, ou seja, de caráter funcionalista, de predominância rodoviária e desenvolvimentista. Prometiam uma modernidade para cidades, uma vez que Florianópolis estava passando por um processo de urbanização e industrialização (Cravo et al, 2016). O primeiro Plano Diretor (1952) iniciou o incentivo para verticalização das edificações na área central, acompanhado pelos seguintes.

Antes da elaboração do Plano Diretor de 1952, desenvolvido pelos urbanistas Edvaldo Paiva, Demétrio Ribeiro e Edgar Graeff, a cidade tinha uma economia precária, com pequena atividade industrial e uma infraestrutura remanescente do início do século. O perfil da cidade foi sendo alterado aos poucos, baseado em princípios que visavam reestruturar o sistema viário e densificar a ocupação urbana na área central. Quanto ao gabarito, para a área considerada como centro histórico previa edificações de no mínimo quatro e no máximo dez pavimentos. Na área da beira-mar, permitia oito pavimentos, o que, com alterações na lei *a posteriori*, possibilitava até doze (no bairro Estreito previa-se até doze pavimentos). A partir da década de 1950, a cidade foi se verticalizando. O Edifício São Jorge foi o primeiro mais alto (seis pavimentos) da área central, situado na rua Felipe Schmidt, sediou o Hotel Lux (1952):



(...) Em 1961, é inaugurado, em uma travessa da Praça XV de Novembro, o Edifício das Diretorias, um marco da arquitetura modernista de Florianópolis, com 10 pavimentos.

Ainda foram inaugurados os edifícios do Querência Hotel, em 1958; do Banco Nacional do Comércio, do Royal Hotel e do Edifício Zahia, em 1969; do Edifício Cidade e Oscar Hotel, em 1960 e do Palácio da Indústria da FIESC, em 1963 (Souza, 2010, p.101).

Outras diretrizes eram implantar aterros (executado na década de 1970, como será visto capítulo 3.5) sobre o mar para ampliar o sistema viário e criar grandes avenidas, áreas verdes, parque municipal e um campus universitário denominados “zonas de extensão” (figura 174). Tendo a questão do transporte rodoviário como norteadora neste Plano, a estrutura da cidade que era de vias estreitas foi ampliada, culminando na desapropriação de grandes áreas ocupadas pelas chácaras e na criação de conexões entre ilha e continente (Via -Tronco).

Figura 174 - Proposta do Plano Diretor de 1952.



Fonte: Souza, 2010.

Uma das proposições foi unificar os trapiches existentes em um único porto devido à precariedade das atividades portuárias. Esse porto seria maior (com área de 453 mil m<sup>2</sup>) e responsável por induzir o desenvolvimento econômico da cidade. Próximas ao porto seriam implantadas zonas industriais e comerciais. Ou seja, é percebido já na década de 1950 que as premissas contidas no Plano Diretor causariam grandes alterações, tanto na área central quanto na área de estudo. O cenário a ser desenhado era o afastamento das fábricas em relação ao mar (com a

execução do aterro), a mudança do próprio porto e inversão do protagonismo na arquitetura, fazendo com que os galpões fabris não fossem mais as maiores edificações presentes no conjunto tombado e seu entorno.

Na década de 1970, foi aprovado um novo Plano Diretor, o Plano de Desenvolvimento Integrado da área Metropolitana de Florianópolis (1977), coordenado pelo arquiteto Luís Felipe Gama Lobo D'êça. Tinha muitos dos princípios do Plano de 1952, principalmente no que concerne ao sistema viário. Previa uma zona portuária e conexão de Florianópolis com o interior do Estado, projetava a via expressa sul no aterro da baía sul, uma conexão com as cidades vizinhas através da nova ponte, um grande centro metropolitano no aterro da baía sul que incluía Centro Financeiro, Administrativo e Institucional, terminais rodoviários e o túnel do Morro do Penhasco.

Vinte anos após a aprovação do plano anterior, muitas das suas ideias não haviam se concretizado e a concepção de uma cidade com funções setorializadas estava se mostrando inadequada. Em 1997, foi aprovado um novo Plano Diretor de Uso e Ocupação do Solo do Distrito Sede (Lei Complementar n.001/1997), cuja proposta reforçava o adensamento das áreas urbanas, concentrando-se somente na área central da cidade, na parte insular (incluindo os bairros Trindade, Saco Grande, Sacos dos Limões) e na continental. Foram criadas AMC's (Áreas Mistas Centrais) adensadas e verticalizadas, podendo chegar a doze pavimentos e Áreas Especiais que compreendem, entre outras, as APC's (Áreas de Preservação Cultural), ambas incidentes na área de estudo. Instituiu instrumentos que permitiam acréscimo na área construída como o uso de 'Obras de Arte nas Edificações', em que a edificação poderia beneficiar-se com um acréscimo de 2% (dois por cento) nos seus índices de aproveitamento e taxas de ocupação (artigo 81) e o 'Solo Criado', onde edificações que utilizem índice de aproveitamento superior a 1,0 (um), seriam autorizadas mediante remuneração ao Município (artigo 82).

O cenário resultante pode ser visto nas imagens abaixo. Entre as décadas de 1960 e 1970 (figuras 175 a 177) vemos a verticalização na área central insular tomando forma, com edifícios concentrados próximos do núcleo fundacional. Na imagem mais recente (figura 178), a verticalização se expandiu por toda cabeceira insular e continental.

Figura 175 - Antes da verticalização na área central, na década de 1970.



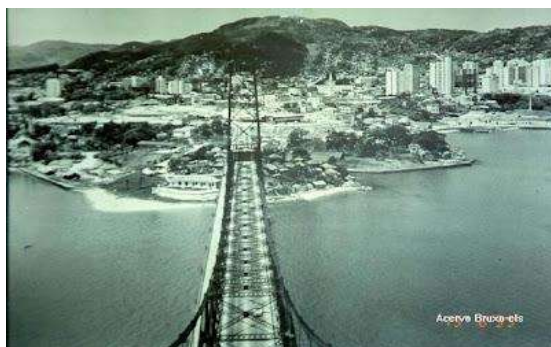
Fonte: Acervo Casa da Memória

Figura 176 - Verticalização na área central, na década de 1970.



Fonte <https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2023.

Figura 177 - Início da verticalização na área central, na década de 1960.



Fonte <https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2023.

Figura 178 - Verticalização na área central, na década de 2000.



Fonte <https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2023.

Por fim, o plano vigente (Plano Diretor de 2014<sup>38</sup>) tem como algumas das premissas, a reorganização do território a partir da criação de novas centralidades, valorização da paisagem histórica e natural, proposição de parques urbanos nas regiões de aterro (nas baías norte e sul). Atuam na área de estudo, o zoneamento AMC - 12.5 com a sobreposição da APC, significando a manutenção de um gabarito alto (permitindo doze pavimentos), com altura máxima de fachada de 46 metros<sup>39</sup>, mas sujeito a adequações devido à área de preservação cultural, indicada na linha tracejada cor de rosa (figura 179). Percebe-se que a verticalização do entorno vem sendo construída desde 1950, sendo reforçada a cada Plano Diretor.

<sup>38</sup> Revisão provada através da Lei Complementar n°.739, de 04 de maio de 2023.

<sup>39</sup> F01 - Tabela Limites de Ocupação.pdf (pmf.sc.gov.br). Acesso em 22/07/2024.

Figura 179 - Plano Diretor vigente, área de estudo em destaque.



Fonte: <https://redeplanejamento.pmf.sc.gov.br/planodiretor>. Acesso em 05/01/2024

O cenário atual formado pelas transformações ocorridas no século XX tem a seguinte configuração: a Fábrica de Bordados, a Fábrica de Pontas e de Gelo em primeiro plano assinalam uma horizontalidade marcada pela edificação tombada e a verticalidade representada pelas edificações em altura que se situam no fundo desta e na vizinhança (figuras 180 e 181). Não há recuos frontais nas fábricas, havendo uma relação direta entre espaço público e edificação, há uma continuidade representada pela fachada. O volume curvado da Fábrica de Bordados é o destaque desta visada (figuras 182 a 184) devido à implantação no entroncamento das ruas Felipe Schmidt, Hoepcke e Av. Rio Branco.

Figura 180 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 181 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 182 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 183 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 184 - Fábrica de Bordados.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

No caso da Fábricas de Pontas há uma peculiaridade: um dos volumes foi demolido na década de 1980, de modo que ficou configurada uma praça no lugar, caracterizando uma relação indireta entre espaço público e edificação. Em razão desta praça, a chaminé que antes ficava entre volumes, ficou evidenciada (figuras 185 e 186). A configuração das Fábricas de Pontas e de Gelo é marcada pela sequência de telhados dos galpões, frontões triangulares e pela própria verticalidade da chaminé de tijolos. Ao fundo dos galpões é visível uma massa construtiva formada por diversas construções altas, presente também no entorno da Fábrica de Bordados. Os volumes de acabamento espelhado ao fundo dos armazéns e ao lado da Fábrica de Gelo têm altura inferior em comparação às edificações da vizinhança. Esta determinação pode ter ocorrido pela própria sobreposição do zoneamento – APC - que restringe o gabarito permitido pela AMC 12.5, resultando em premissas de projeto que objetivaram mitigar o impacto ao bem tombado.

Figura 185 - Fábrica de Pontas e Gelo.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 186 - Fábrica de Pontas e Gelo



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

A chaminé da fábrica possui forte valor simbólico para o cenário e se tornou a representação da indústria, mas quando situada em algum sítio localizado em áreas centralizadas seu protagonismo se altera. Pode-se afirmar que até a década de 1950, foi uma forte referência arquitetônica, mas com a verticalização das edificações do

entorno, a chaminé que antes apontava solitária no horizonte como marco visual e referencial perdeu a força e impacto, principalmente com a proximidade do hotel (antigo Hotel Diplomata, atual *Intercity*), que tem aproximadamente o dobro da sua altura. Embora a construção da Ponte Hercílio Luz date da década de 1920, devido à distância entre estes elementos, não houve uma interferência direta na imagem da chaminé (figuras 187 a 189).

Figura 187- Fábrica de Pontas e chaminé.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 188 - Fábrica de Pontas e chaminé.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

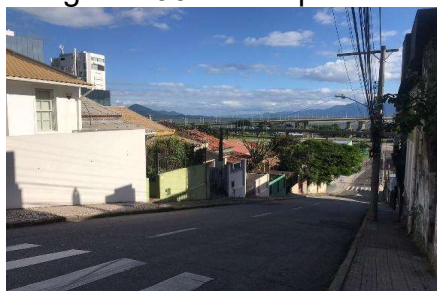
Figura 189 - Fábrica de Pontas e chaminé.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

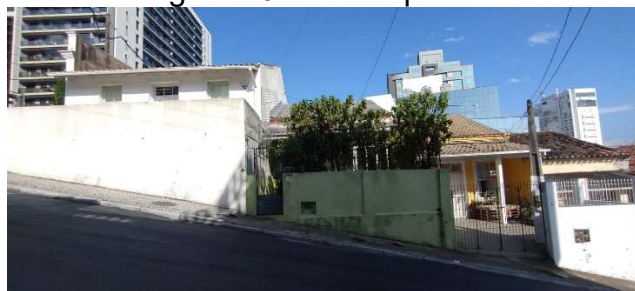
Com relação à vila operária, é situada em declive, com cada edificação em um platô, há afastamento frontal para o acesso de veículos e varanda, configurando, portanto, uma relação indireta com o espaço público. Há predominância da horizontalidade, pois as edificações mais altas situadas na vizinhança estão afastadas da vila. O alto da Rua Hoepcke funciona como um mirante para o aterro da baía sul, ainda que não seja possível visualizar as edificações fabris situadas na parte baixa do conjunto, é uma visada importante para a área de estudo (figuras 190 e 191).

Figura 190 - Vila operária.



Fonte: Acervo pessoal, 2022.

Figura 191 - Vila operária.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Um dos poucos terrenos não edificados nas adjacências situa-se na Alameda Adolfo Konder, permite uma conexão visual entre a parte alta e o aterro (figuras 192 e 193). Deste ponto, visualizam-se parcialmente as edificações tombadas (localizadas à esquerda na imagem), mas principalmente as edificações contemporâneas de baixa altura (limitadas pela proximidade com a Ponte Hercílio Luz). Está em discussão o licenciamento de uma edificação neste mesmo lote, que possivelmente alterará esta relação.

Figura 192 – Lote ainda não edificado, vista para o aterro.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Figura 193- Lote ainda não edificado, vista para o aterro.



Fonte: Acervo pessoal, 2023.

Este lote, um outro contíguo a vila operária e o Parque da Luz representam as áreas verdes existentes, mas o grande destaque visual de massa vegetal, situada numa área de forte característica urbana, é o Parque da Luz. O parque não tem uma relação direta com os edifícios fabris do conjunto tombado, pois situa-se no lado

oposto a ele, havendo somente uma relação de fundo distante com os remanescentes do estaleiro Arataca.

Em alguns sítios localizados em áreas centrais vemos a construção verticalizada incentivada por legislação, que dá continuidade a mutação e dinamismo que são característicos da paisagem. Intervenções junto ao bem tombado não devem ser proibidas, pois os próprios conjuntos tombados são formados por arquiteturas variadas, como visto nos documentos de estudo<sup>40</sup>. As intervenções e substituições da arquitetura vêm ocorrendo antes dos processos de verticalização e de tombamento. O tombamento realizado em 1986 protegeu conjuntos heterogêneos, constituídos por edificações de valor histórico e cultural e edificações contemporâneas de maior altura.

A verticalização da arquitetura no entorno fez com que os grandes galpões, estruturas fabris e a chaminé tivessem seu protagonismo reduzido no novo cenário. Portanto, é imprescindível a construção de uma estratégia de gestão urbana que vise organizar o planejamento urbano e territorial e que busque respeitar os bens tombados e sua ambiência.

### 3.5 A FÁBRICA E O ATERRO

Até a década de 1970, o núcleo fundacional tinha relação direta com o mar (figura 194), a área de estudo possuía a característica de praia, as edificações situavam-se na orla (figura 195). A conexão era física, as relações comerciais se entrelaçaram, o porto fazia parte ativamente da economia local. O aterro mudou não somente a imagem do centro da cidade, mas a relação da cidade com o mar. Tinha como objetivo central abrir espaço para o crescimento urbano e a ampliação do sistema viário, possibilitando a construção de um outra ligação ilha-continente, além da Ponte Hercílio Luz.

---

<sup>40</sup> Página 40.



Figura 194 - Vista para a baía sul, década de 1960.



Fonte: Acervo Velho Bruxo.

Figura 195 - Bairro Rita Maria, antes do aterro, Ponte Hercílio Luz ao fundo.



Fonte: [Fotos históricas de Floripa](#) (@fotoshistoricasfloripa) | perfil do Instagram

O aterro da baía sul situa-se entre dois marcos visuais da área central: a Ponte Hercílio Luz (na cabeceira insular) e o Imperial Hospital de Caridade. O local é o principal acesso à cidade, é também onde se localizam, na atualidade, equipamentos urbanos relacionados à mobilidade urbana e saneamento básico, sendo vizinho ao núcleo fundacional de Desterro (Ferraro; et al, 2021).

Nas imagens aéreas abaixo, vemos no ano de 1938 (figura 196) a Ponte Hercílio Luz já presente, mas o aterro da baía sul não havia sido executado e as edificações possuíam conexão com o mar. Notam-se nas imagens (1938 e 1957) os trapiches presentes na área central (figura 197). Na imagem aérea de 1977, (figura 198) observa-se o aterro em execução, sendo uma grande extensão de areia sem construções, a nova ponte aparece na imagem (Colombo Salles, 1975). Na imagem de 1994 (figura 199), observamos alguns equipamentos já implantados no aterro (rodoviária Rita Maria), incluindo as vias de circulação e as duas pontes de ligação ilha-continente (Ponte Pedro Ivo Campos, construída em 1991 e Ponte Colombo Salles). Na imagem aérea de 2012 (figura 200), a área está mais densamente edificada, tem-se o edifício da Receita Federal próximo da Fábrica de Pontas e de Gelo, a rodoviária e o terminal urbano implantados.

Figura 196 - Imagem aérea, ano de 1938, antes do aterro.



Fonte: <https://geo.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em 24/11/2022.

Figura 197 - Imagem aérea, ano de 1957, antes do aterro.



Fonte: <https://geo.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em 24/11/2022.

Figura 198 - Imagem aérea, ano de 1977, aterro sem construções.



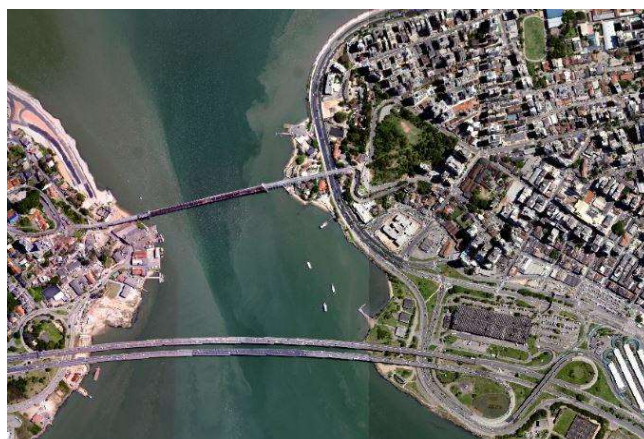
Fonte: <https://geo.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em 24/11/2022.

Figura 199 - Imagem aérea, ano de 1994, o aterro com construções.



Fonte: <https://geo.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em 24/11/2022.

Figura 200 - Imagem aérea, ano de 2012, após a execução do aterro da baía sul.



Fonte: <https://geo.pmf.sc.gov.br/>. Acesso em 24/11/2022.

A intenção do aterro era destiná-lo a equipamentos de uso cultural, de esporte, de recreação e de lazer. Para isso foi elaborado um projeto paisagístico de autoria de Burle Marx, posteriormente a área foi tombada pelo Decreto Estadual nº 5.392, de 24 de julho de 1978 que apresentava algumas restrições sobre construções:

Art. 1º: Fica tombada a área do aterro hidráulico, na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina, caracterizada no Decreto nº 73.2448 , de 03 de dezembro de 1973, como Área A, com aproximadamente 400.000 m<sup>2</sup> (quatrocentos mil metros quadrados), localizada entre o Clube Veleiros da Ilha e a Ponte Hercílio Luz, visando a proteção e preservação da mesma, reservando-a como área verde, de paisagem e lazer, conforme projeto paisagístico elaborado pela firma BURLE MARX E CIA. LTDA., que faz parte integrante deste decreto.

Art. 2º - É expressamente vedada a utilização da área referida no Art. 1º para fim diverso ao nele especificado, não sendo permitidas edificações de qualquer espécie nem cessão de área a terceiros a qualquer título (grifo nosso).

Parágrafo único – Excluem-se da proibição contido no artigo todas as construções que integram o projeto paisagístico elaborado pela firma BURLE MARX & CIA. LTDA, já aceito, especialmente preservadas as construções da Estação Rodoviária e Garagens Náuticas, e os direitos de cessão consequentes e referentes exclusivamente às construções previstas no aludido projeto paisagístico (Ferraro; et al, 2021).

A intenção original foi sendo adaptada. Foram incluídas algumas exceções construtivas na área do aterro, transformando o projeto do parque urbano em uma área destinada à mobilidade e equipamentos urbanos e institucionais.

Em 1990, o Decreto nº 5.281 incluía na exceção de construção o Centro de Promoções, o Pavilhão de Feiras e os Restaurantes do Centro de Promoções:

Art. 1º - Fica alterado o parágrafo único do artigo 2º do Decreto nº 5.392, de 24 de julho de 1978, que passa a vigorar com a seguinte redação:

Parágrafo único - Excluem-se da proibição contida no artigo todas as construções que integram o projeto paisagístico, elaborado pela firma BURLEMARX & CIA. LTDA., já aceito, especialmente preservadas as construções da Estação Rodoviária, Garagens Náuticas, o complexo do Centro de Promoções e os direitos de cessão consequentes e referentes exclusivamente às construções previstas no aludido projeto paisagístico e ao Pavilhão de Feiras, e Restaurantes do Centro de Promoções. (Ferraro; et al, 2021).

Em 1992, o Decreto nº 1.438 eliminou a proibição de construções destinadas ao saneamento básico, equipamentos urbanos e comunitários contidas no Art. 2 (Ferraro; et al, 2021):

Parágrafo único - Excluem-se da proibição contida neste artigo a cessão e utilização da área tombada para: I - construções que integram o projeto paisagístico elaborado pela firma Burlle Marx & Cia. Ltda; II - construções destinadas ao saneamento básico da Capital, implantação de equipamentos urbanos, comunitários e garagens náuticas (Ferraro; et al, 2021).

As imagens abaixo apresentam a situação prévia à implementação do aterro, identificam a relação direta entre a cidade e o porto e na sequência apresentam a situação posterior, o afastamento criado entre cidade e mar. Observamos nas primeiras três imagens a presença dos trapiches, a relação de algumas edificações com o mar, como a Alfândega, o Forte Santa Bárbara, o Miramar (figura 201), o Mercado Público (figura 202) e o próprio cais do Rita Maria com seus trapiches e o porto atuante (figura 203). Na última imagem (figura 204) vemos o aterro executado, configurando uma extensa área sem as edificações que seriam construídas, o mar a distância, as pontes ao fundo e o estacionamento formado entre o aterro e a cidade.

Figura 201 - Vista para área central, anterior ao aterro, década de 1960.



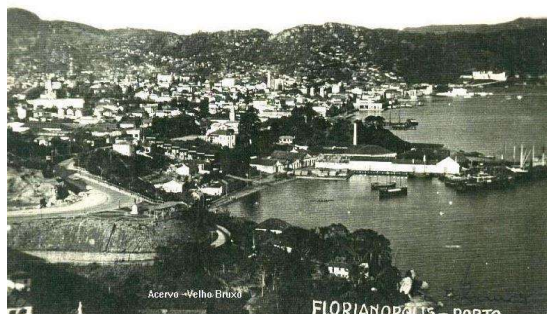
Fonte: <https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2022.

Figura 202- Imagem do centro na década de 1960.



Fonte: <https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2022.

Figura 203 - Vista para a baía sul, cais Rita Maria, 1945.



Fonte: Acervo Velho Bruxo.

Figura 204 - Imagem retratando o aterro da baía sul, década de 1970.



Fonte: <https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2022.

O aterro alterou a dinâmica e a relação da orla da área central com a água. As edificações foram afastadas do mar e, como consequência, aos poucos, a própria identidade litorânea do Centro Histórico transfigurou-se. Perderam-se neste processo os trapiches, a ilha do carvão, o Miramar e o próprio porto. Perderam-se as conexões diretas do mar com a cidade, uma vez que antes da execução do aterro, os barcos chegavam até o Mercado Público, à Alfândega e aos trapiches em frente às fábricas. Mudou a configuração arquitetônica das Fábricas de Pontas, os galpões de depósito em frente à fábrica foram demolidos e os trapiches foram eliminados, restando somente uma porção do aglomerado. O estaleiro Arataca perdeu sua função, a carreira que puxava os barcos ficou abaixo da avenida e os navios impossibilitados de aproximação.

## CONCLUSÃO

O complexo industrial estava instalado junto ao porto da cidade no início do século XX, composto pelos galpões das Fábricas de Pontas e de Gelo (ambos da década de 1890), a vila operária na Rua Hoepcke, o estaleiro Arataca (1907) e a Fábrica de Bordados (1913). A implantação das fábricas junto ao porto e ferrovias (estruturas de transporte) era essencial em razão da facilidade da importação e exportação de mercadorias e matéria prima. Esta organização era uma diretriz apresentada nos manuais dedicados à orientação de construção de indústrias. A atividade produtiva foi alavancada pela proximidade ao porto e da mesma forma o porto se fortaleceu devido à proximidade com as fábricas.

A Cia. Hoepcke teve papel fundamental na economia e na história de Florianópolis. Ela foi responsável pela construção do cenário industrial associado ao Conjunto Rita Maria, tombado na década de 1980. As edificações fabris atuaram fortemente na economia até a desaceleração das atividades na década de 1950, período que coincide com a decadência dos portos brasileiros. O processo de consolidação das rodovias brasileiras também contribuiu para o enfraquecimento dos negócios. Embora algumas das fábricas tenham obtido sucesso com as mudanças tecnológicas (como o caso da Fábrica de Rendas e Bordados), as demais instalações se tornaram imóveis abandonados por décadas.

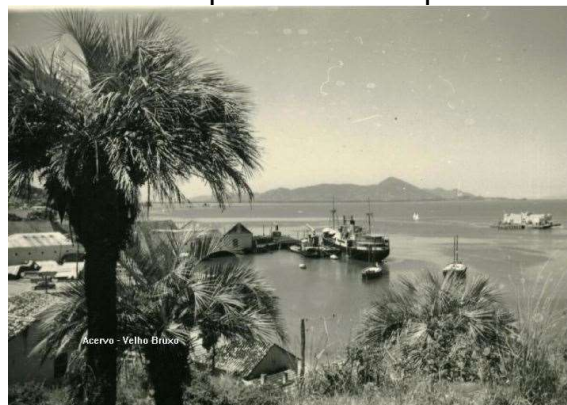
Vimos na contextualização que, no início da ocupação, entre o fim do século XIX e início do século XX, predominava a seguinte imagem: os armazéns em evidência (figura 205), as Fábricas de Pontas e de Gelo possuíam conexão direta com o mar, os trapiches avançavam e navios eram parte da cena registrada nas fotografias (figura 206), a vila despontava em primeiro plano na imagem e uma densidade arbórea contornava o conjunto fabril (figura 207). Não existia a construção de uma massa edilícia composta por edificações verticalizadas, as maiores edificações no centro da cidade, visíveis na imagem, eram o Hospital de Caridade e as torres sineiras da Igreja São Francisco.

Figura 205 - Imagem do cais Rita Maria.



Fonte: Acervo Casa da Memória.

Figura 206 - Imagem do cais Rita Maria, navios aportados no trapiche.



Fonte: Acervo Velho Bruxo

Figura 207 - Em primeiro plano a vila operária, 1905.



Fonte: Schmidt-Gerlach, Tomo 2, 2015.

Os componentes do complexo fabril eram as edificações de maior dimensão na zona portuária e um forte referencial arquitetônico. A arquitetura distinta, a sequência de galpões e trapiches marcavam a paisagem, sendo sempre destaque na iconografia. A dimensão da Fábrica de Bordados garantia à mesma certa evidência nos altos da Rua Felipe Schmidt.

A estética industrial na arquitetura está presente na composição de pavilhões com pé direito alto, construção no alinhamento do terreno, implantação de chaminés deslocadas da edificação, frontões triangulares, fachadas com platibandas, utilização

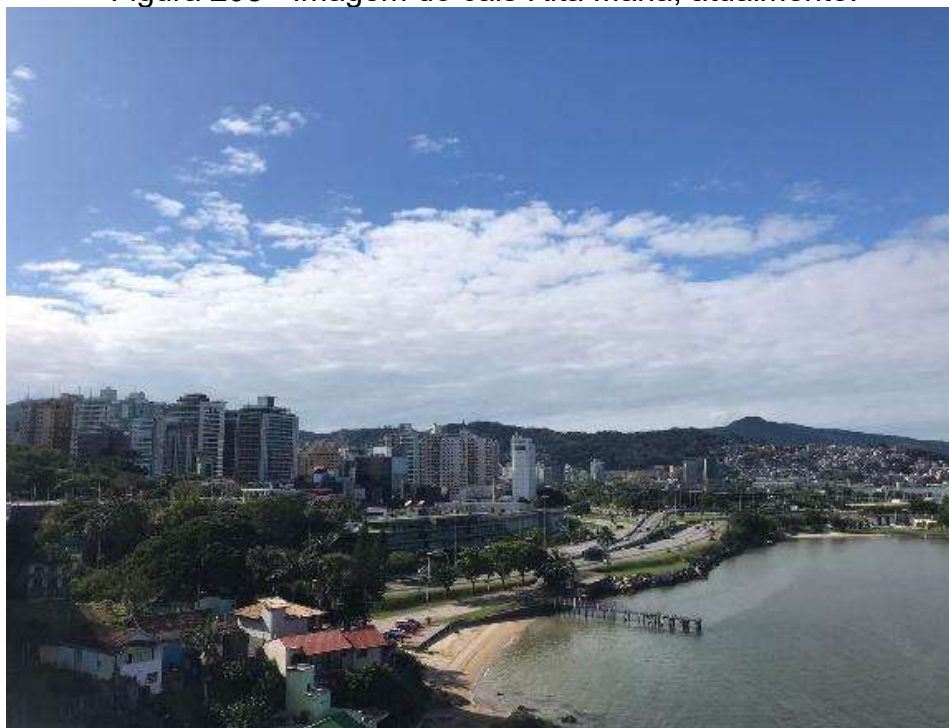
de estrutura de ferro para cobertura, lanternim, estruturas grandes, sóbrias e composição formada por galpões.

Com o passar dos anos, o complexo foi dividindo o espaço com outros grandes equipamentos (Ponte Hercílio Luz), passando pela grande transformação urbana que foi o aterro da baía sul e a verticalização de edificações, incentivada a partir da década de 1950.

A Ponte Hercílio Luz contribuiu para valorização da área até então ocupada pelo antigo cemitério, incinerador de lixo e prostíbulos. A distância destes equipamentos e das fábricas ao centro da cidade era norma do código de posturas a época. Com a construção da ponte foram executadas novas vias de acesso, o cemitério foi transferido para o bairro Itacorubi, distanciando-o da área central. No local do antigo cemitério foi instalado, anos depois, o Parque da Luz.

A área se tornou o novo acesso à cidade. O incentivo à verticalização edilícia contribuiu para a valorização monetária do solo, resultando em um contexto formado por edifícios com mais de dez pavimentos no entorno dos monumentos protegidos (figura 208).

Figura 208 - Imagem do cais Rita Maria, atualmente.



Fonte: Acervo pessoal, 2022

Com a execução do aterro, houve uma mudança nos limites da área, extinguindo a conexão com o mar. Afetou o funcionamento das diversas instalações



e a economia das empresas, como no caso do antigo estaleiro Arataca, contribuindo para o encerramento das atividades. O aterro mudou a característica de praia que o local possuía, provocou a demolição dos galpões do depósito e dos trapiches e alterou a configuração arquitetônica da própria Fábricas de Pontas.

Em relação à volumetria dos edifícios situados no entorno do complexo fabril, nota-se uma dissonância volumétrica entre as edificações tombadas e as novas construções. A construção desta paisagem iniciou-se décadas antes da proteção do patrimônio e da consciência do entorno como instrumento de proteção e salvaguarda. A maior parte das edificações ligadas às atividades industriais do conjunto possui um pavimento, com exceção do módulo de esquina da antiga Fábrica de Bordados. Embora o pé direito das instalações fabris seja mais alto do que uma edificação residencial padrão, predomina entre os bens tombados a percepção da horizontalidade. Os edifícios mais recentes, de maior altura, se destacam como volumes verticais no perfil da área de estudo, são elementos que forçam o olhar do observador ao alto, rompem com a horizontalidade característica das edificações tombadas e retiram a força da verticalidade da chaminé que predominava antes da instalação destas construções. Somente os volumes que fazem fundo às Fábricas de Pontas e de Gelo (em acabamento espelhado) possuem menor altura, possivelmente tais definições de projetos objetivaram harmonizar sua volumetria a do monumento protegido.

Mesmo com as mudanças ocorridas, existem três marcos visuais como referenciais arquitetônicos na paisagem: a Ponte Hercílio Luz, a antiga Fábrica de Bordados (em razão da sua implantação, continuidade da fachada e localização na confluência de três ruas) e a antiga Fábrica de Pontas e de Gelo (pela volumetria, implantação sem afastamento, continuidade da fachada, dimensão e forte referência visual caracterizada pelos frontões triangulares e a chaminé de tijolos). Por outro lado, a vila operária atua como elemento coadjuvante no cenário, enquanto que a edificação remanescente do estaleiro Arataca atua como irrelevante, não sendo identificada imediatamente como parte do complexo fabril.

A interrupção do uso em imóveis tombados provocou o abandono e o arruinamento. Das instalações do antigo estaleiro restaram, até recentemente, algumas paredes de uma edificação. A vila perdurou ao longo dos anos em razão do uso contínuo. As antigas fábricas pereceram por anos de negligência e reformas indevidas. No entanto, as restaurações das Fábricas de Pontas e de Gelo, do antigo

depósito e da Fábrica de Bordados realizadas em 2022 possibilitaram, não somente a salvaguarda dos monumentos, mas a apreciação destes por novas gerações.

A pesquisa nos mostra que a organização destes componentes arquitetônicos formou, junto ao porto, um complexo que se constitui como *Patrimônio Industrial*, presente na cidade por mais de um século. Sua importância está vinculada à construção de uma paisagem emblemática e às consequências das atividades industriais e portuárias, responsáveis por provocar uma revolução econômica local e para o Estado de Santa Catarina.

**APÊNCICE – INVENTÁRIO ELABORADO EM 2024**

## INVENTÁRIO

NOME: CONJUNTO RITA MARIA X - COMPLEXO INDUSTRIAL

LOCALIZAÇÃO: Alameda Annita Hoepcke da Silva 112, Centro - Florianópolis, Santa Catarina

### UNIDADE: FÁBRICA DE PONTAS E PREGOS



Figura elaborada, em imagem do Google Maps (2022), a partir do Mapa de tombamento dos 10 conjuntos da Área Central

Imagem: Localização da unidade, base Google maps, adaptação da autora

### PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

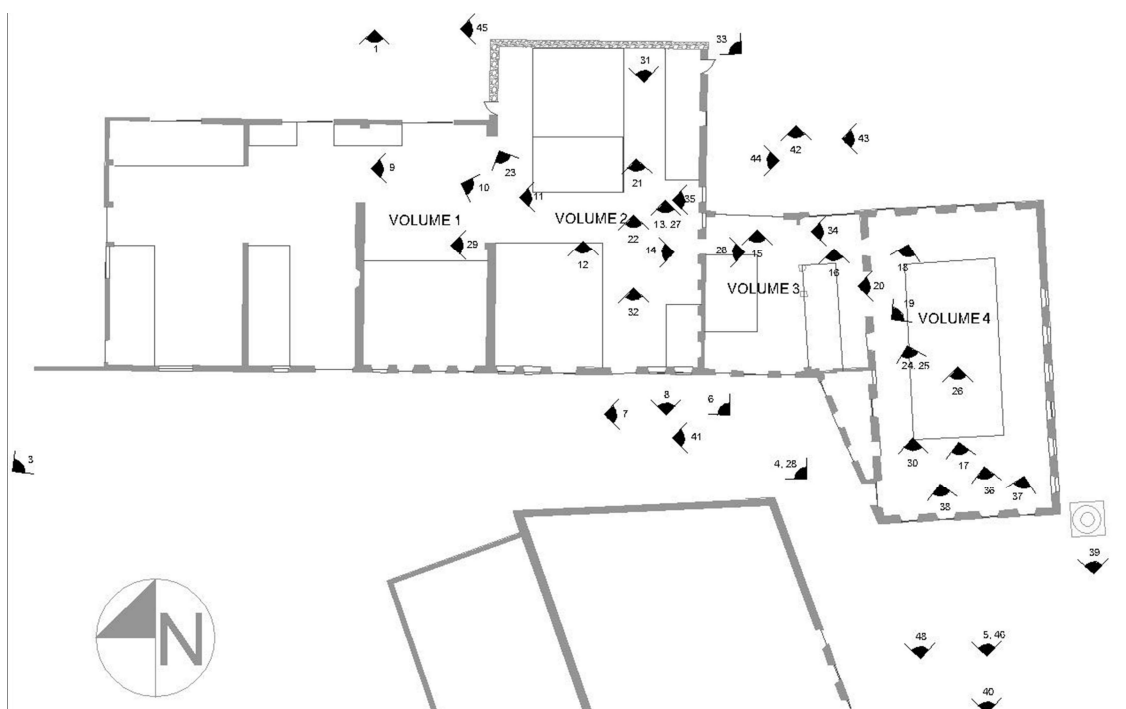


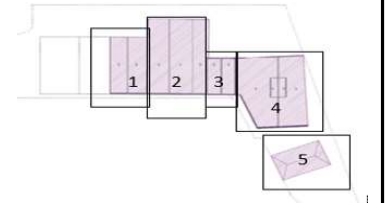
Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

CRONOLOGIA		
FATO	ANO	OBSERVAÇÃO
FUNDAÇÃO	1896	Implantação inicial com 5 volumes
AMPLIAÇÃO 1	1924	Ampliação do volume 5
AMPLIAÇÃO 2	1940	Ampliação dos volumes existentes, construção da chaminé
EXECUÇÃO DE ATERRO	DÉC. 1970	Demolição do trapiche e depósitos sobre os trapiches
DEMOLIÇÃO PARCIAL	DÉC. 1980	Demolição parcial do volume 5
TOMBAMENTO	1986	Decreto Municipal n. 270/1986
ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES	DÉC. 1980	
RESTAURO	2018-2021	
ABERTURA	2022/2023	O Armazém Rita Maria une a fábrica de pontas aos volumes da fábrica de gelo, exceto o depósito de frente. Em 2023 é inaugurada a franquia Petz no volume remanescente dos galpões de depósito em frente à fábrica.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS - FÁBRICA DE PONTAS E PREGOS			
ELEMENTO	CARACTERÍSTICAS	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
COBERTURA	Duas águas, cobertura cerâmica, apoiada em estrutura de madeira e metálica.	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	Presença de lanternim em um dos volumes do conjunto.
FORRO	Madeira, acompanhando a inclinação da cobertura	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
ESTRUTURA	Volume 2 em estrutura metálica, os demais possuem madeiramento e tesouras em madeira	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	As estruturas metálicas foram descobertas durante as remoções da obra de restauro.
ORNAMENTAÇÃO	Frontões triangulares, óculo circular, frisos e molduras em volta das aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
EMBASAMENTO	Alvenaria rebocada	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
ALVENARIA	Tijolo maciço	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
CALHAS, RUFOS E INSTALAÇÕES	Instalações sobrepostas a alvenaria	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
VÃOS E ESQUADRIAS	Janelas e porta em arco pleno, material em madeira e vidro, moldura contornando aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	Inseridas folhas em vidro nas portas.
ACABAMENTOS	Tijolo aparente internamente, rebocado e pintado externamente	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
PISO	Cimento queimado, trilho de transporte de mercadoria	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	Parte do trilho foi mantido, e recebeu destaque no espaço. Foi instalado vidro por cima, apresenta góticulas de água na superfície.
RAMPAS E ESCADAS	Rampa e escada executadas no restauro para vencer os desníveis entre os volumes	-	
OBJETOS	Objetos e maquinário expostos nos galpões da fábrica	-	

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

GERAL



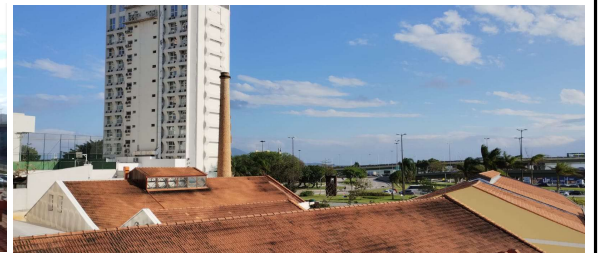
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Imagem do conjunto, antes  
Acervo Velho Bruxo, sem data.

Imagem do conjunto, atualidade  
Acervo pessoal, 2022

Identificação dos volumes  
Ornato, 2018, adaptação da autora

COBERTURA



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

1  
Acervo pessoal, 2023  
Conjunto de coberturas

2  
Acervo pessoal, 2023  
Conjunto de coberturas

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

3  
Acervo pessoal, 2022  
Fachada modulada, presença de frontões triangulares

4  
Acervo pessoal, 2023  
Fachada modulada, presença de frontões triangulares

5  
Acervo pessoal, 2023  
Fachada modulada, presença de frontões triangulares

DETALHES EXTERNOS



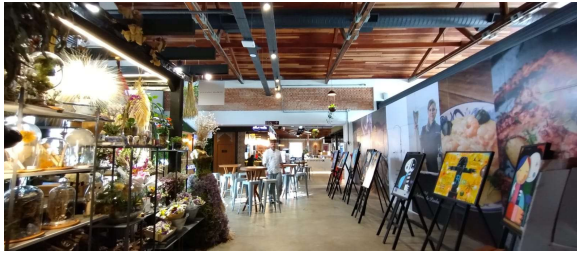
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

6  
Acervo pessoal, 2022  
Molduras, frisos adornando a fachada. Telhas sobrepostas aos frontões

7  
Acervo pessoal, 2023  
Lanternim (somente em um dos volume 4)

8  
Acervo pessoal, 2022  
Óculos circulares da fachada (dois pro frontão)

INTERNAS



9

Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 1



10

Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 1

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO



11

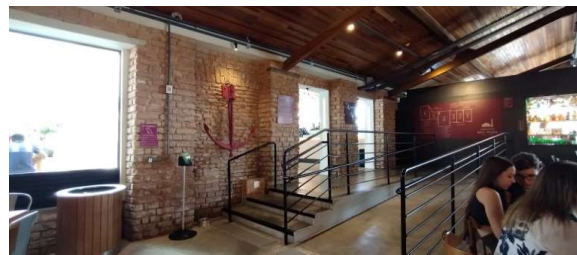
Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 2



12

Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 2

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO



13

Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 2 (localização da rampa e escada)



14

Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 2 (Estrutura de ferro suportando a cobertura)

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO



15

Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 3



16

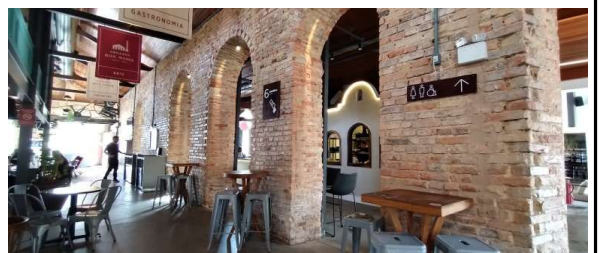
Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 4

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO



17

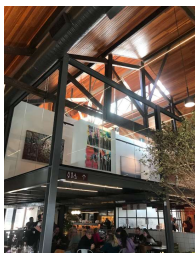
Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 4



18

Acervo pessoal, 2022  
Interior do volume 4

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO



19



20

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

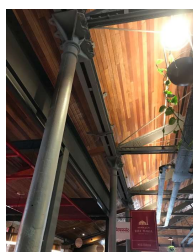
Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 4 (Estrutura nova para criação de mezanino)

Acervo pessoal, 2022  
Interior do volume 4 (Acabamento da alvenaria em tijolo aparente)

#### DETALHES INTERNOS - ELEMENTOS METÁLICOS



21



22



23

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de ferro sustentando a cobertura (volume 2)

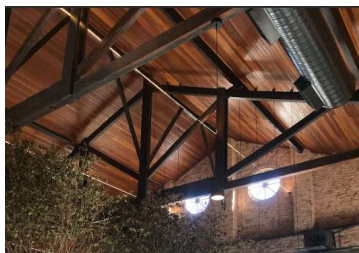
Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de ferro sustentando a cobertura (volume 2)

Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de ferro sustentando a cobertura (volume 2)

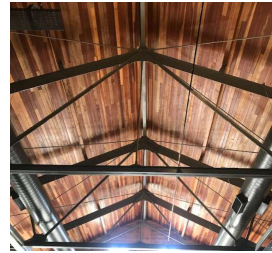
#### DETALHES INTERNOS - MADEIRAMENTO



24



25



26

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

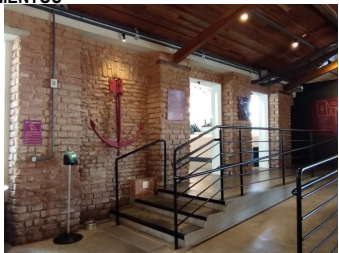
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Forro inclinado, entre a estrutura de sustentação da cobertura e telhamento (volume 4)

Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de tesouras em madeira (volume 4)

Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de tesouras em madeira (volume 4)

#### DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS



27



28



29

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Alvenaria de tijolo maciço exposto, rampa e escada para igualar os desníveis entre os volumes

Acervo pessoal, 2023  
Piso em cimento queimado, alvenaria rebocada (volume 3)

Acervo pessoal, 2022  
Alvenaria de tijolo maciço exposto



## MAQUINÁRIO EXPOSTO E TRILHO



30

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto



31

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto



32

Acervo pessoal, 2022  
Trilho remanescentes

## OBJETOS EXPOSTOS



33

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Portões do antigo estaleiro Arataca



34

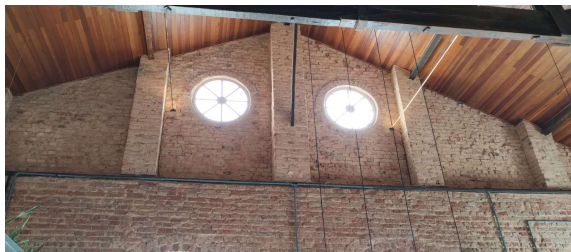
Acervo pessoal, 2022  
Objetos de navio expostos



35

Acervo pessoal, 2022  
Objetos de navio expostos

## ESQUADRIAS



36

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Esquadrias, óculos (volume 4)



37

Acervo pessoal, 2023  
Esquadrias (volume 4)



38

Acervo pessoal, 2023  
Esquadrias (volume 4)

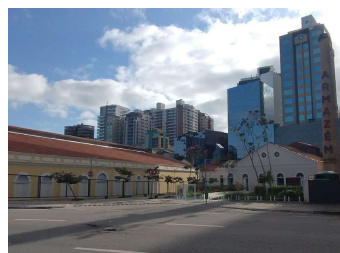
## CHAMINÉ



39

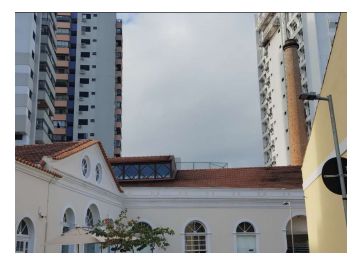
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Chaminé de tijolos



40

Acervo pessoal, 2023  
Chaminé descolada da edificação



41

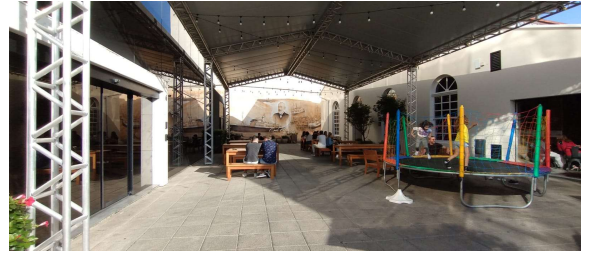
Acervo pessoal, 2023  
Vista para chaminé e lanternim no volume 4

**PÁTIO INTERNO**



42

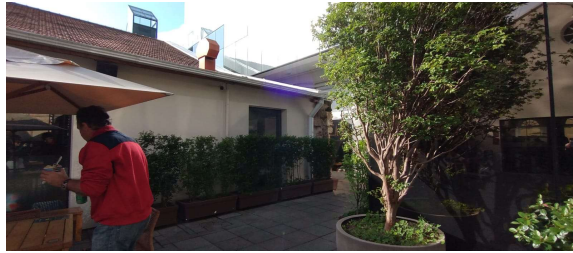
Acervo pessoal, 2023  
Pátio aos fundos dos volumes 2 e 3



43

Acervo pessoal, 2023  
Pátio aos fundos dos volumes 2 e 3

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO



44

Acervo pessoal, 2023  
Pátio aos fundos dos volumes 2 e 3

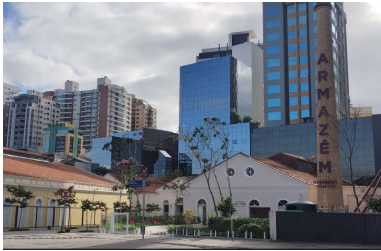


45

Acervo pessoal, 2023  
Pátio aos fundos dos volumes 2 e 3

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

**ÁREA EXTERNA**



46

Acervo pessoal, 2023  
Vista para praça em frente ao volume 4, situa-se onde antes situava-se o volume 5



47

Acervo pessoal, 2023  
Área externa em frente aos galpões, ambientada com bancos e floreiras



48

Acervo pessoal, 2022  
Vista para praça em frente ao volume 4, situa-se onde antes situava-se o volume 5

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

FÁBRICA DE PONTAS E PREGOS (DEPÓSITO)

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

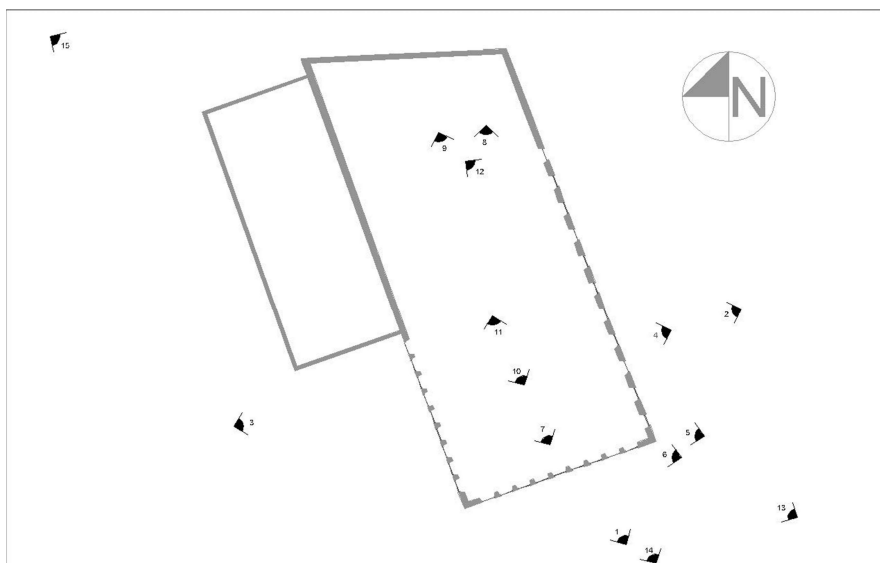


Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS - FÁBRICA DE PONTAS E PREGOS (DEPÓSITO)

ELEMENTO	CARACTERÍSTICAS	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
COBERTURA	Duas águas, cobertura cerâmica, apoiada em estrutura de madeira, presença de lanternim.	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	Presença de lanternim no único volume que sobrou dos depósitos
FORRO	Placas EPS para forro, acompanhando a inclinação da cobertura	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	Estrutura do telhado e forro pintados na cor branca, se confundem nas imagens
ESTRUTURA	Estrutura e tesouras em madeira	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	Estrutura do telhado e forro pintados na cor branca, se confundem nas imagens
ORNAMENTAÇÃO	Frontões triangulares, frisos, ornamentos no coroamento da fachada e molduras em volta das aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
EMBASAMENTO	Alvenaria rebocada	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
ALVENARIA	Tijolo maciço rebocado	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
CALHAS, RUFOS E INSTALAÇÕES	Instalações sobrepostas a alvenaria	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
VÃOS E ESQUADRIAS	Janelas e porta em arco pleno, material em madeira, moldura contornando aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
ACABAMENTOS	Alvenaria rebocada e pintada na cor branca internamente e cor amarela externamente	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
PISO	Cimento queimado	-	
RAMPAS E ESCADAS	Inexistente	-	

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

CONJUNTO



IDENTIFICAÇÃO  
 FONTE  
 OBSERVAÇÃO

Imagem do conjunto, antes  
 Acervo Velho Bruxo, sem data.

Imagem do conjunto, atualidade  
 Acervo pessoal, 2022

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
 FONTE  
 OBSERVAÇÃO

1  
 Acervo pessoal, 2023  
 Fachada frontal, observa-se frisos, molduras nas portas, aberturas em arco pleno e ferro forjado nas bandeiras

2  
 Acervo pessoal, 2023  
 Fachada lateral, observa-se frisos, molduras nas portas, aberturas em arco pleno, platibanda ornamentada

3  
 Acervo pessoal, 2023  
 Fachada lateral, observa-se frisos, molduras nas portas, aberturas em arco pleno, platibanda ornamentada. Volume anexo construído que serve de acesso.

DETALHES EXTERNOS



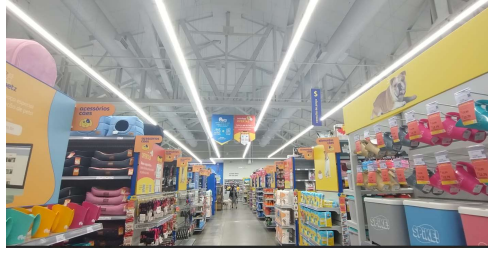
IDENTIFICAÇÃO  
 FONTE  
 OBSERVAÇÃO

4  
 Acervo pessoal, 2023  
 Platibanda ornamentada presente na fachada lateral, percebe-se também o lanternim da cobertura

5  
 Acervo pessoal, 2023  
 Sequência de aberturas em arco pleno e ferro forjado nas bandeiras

6  
 Acervo pessoal, 2023  
 Sequência de aberturas em arco pleno e ferro forjado nas bandeiras, frisos presentes na fachada frontal

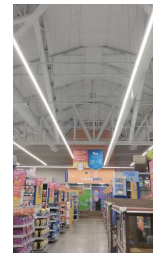
## INTERNAS



7



8



9

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE

Acervo pessoal, 2023  
Interior do antigo depósito, espaço aberto, sem divisórias. Atualmente abriga uma loja de produtos para animais

Acervo pessoal, 2023  
Interior do antigo depósito, espaço aberto, sem divisórias. Atualmente abriga uma loja de produtos para animais

Acervo pessoal, 2023  
Interior do antigo depósito, espaço aberto, sem divisórias. Atualmente abriga uma loja de produtos para animais

OBSERVAÇÃO

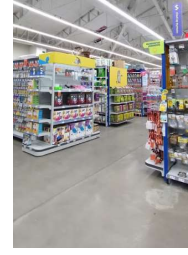
## DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS



10



11



12

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE

Acervo pessoal, 2023  
Estrutura da cobertura em madeira pintada na cor branca, alvenaria rebocada pintada na cor branca, instalações sobrepostas a alvenaria

Acervo pessoal, 2023  
Estrutura da cobertura em madeira pintada na cor branca, alvenaria rebocada pintada na cor branca, instalações sobrepostas a alvenaria

Acervo pessoal, 2023  
Piso em cimento queimado, alvenaria rebocada pintada na cor branca, instalações sobrepostas a alvenaria

OBSERVAÇÃO

## ÁREA EXTERNA



13



14



15

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE

Acervo pessoal, 2023  
Área externa, observa-se a antiga fábrica de pregos ao fundo (volume 4), a esquerda o remanescente do antigo depósito, a via em frente ao antigo depósito está sobre o aterro hidráulico, executado na década de 1970, antes a área se conectava ao mar.

Acervo pessoal, 2023  
Área externa, observa-se a antiga fábrica de pregos ao fundo (volume 4), a esquerda o remanescente do antigo depósito, a via em frente ao antigo depósito está sobre o aterro hidráulico, executado na década de 1970, antes a área se conectava ao mar.

Acervo pessoal, 2023  
Área externa, observa-se a esquerda as antigas fábricas de pregos e gelo ao lado direito, o volume remanescente do antigo depósito.

OBSERVAÇÃO

Documento parte da Dissertação: Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis

## INVENTÁRIO

NOME: CONJUNTO RITA MARIA X - COMPLEXO INDUSTRIAL

LOCALIZAÇÃO: Alameda Annita Hoepcke da Silva 112, Centro - Florianópolis, Santa Catarina

UNIDADE: FÁBRICA DE GELO



Figura elaborada, em imagem do Google Maps (2022), a partir do Mapa de tombamento dos 10 conjuntos da Área Central

Imagem: Localização da unidade, base Google maps, adaptação da autora

## PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

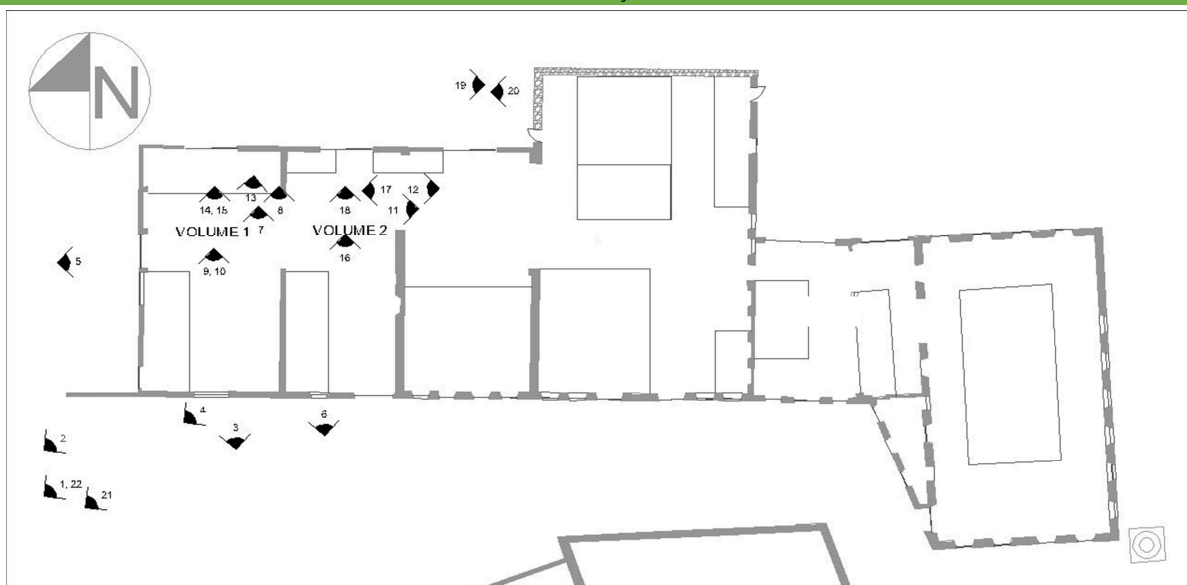


Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

CRONOLOGIA		
FATO	ANO	OBSERVAÇÃO
FUNDAÇÃO	1898	Implantação inicial 1 volume (galpão)
AMPLIAÇÃO 1	1924	Construção do segundo volume
AMPLIAÇÃO 2	1940	Ampliação dos volumes existentes
EXECUÇÃO DE ATERRO	DÉC. 1970	
TOMBAMENTO	1986	Decreto Municipal n. 270/1986
ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES	DÉC. 1990	
RESTAURO	2018-2021	
ABERTURA	2022/2023	O Armazém Rita Maria une a fábrica de pontas aos volumes da fábrica de gelo, exceto o depósito de frente. Em 2023 é inaugurada a franquia Petz no remanescente dos galpões de depósito em frente à fábrica.

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS - FÁBRICA DE GELO			
ELEMENTO	CARACTERÍSTICAS	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
COBERTURA	Duas águas, cobertura cerâmica, apoiada em estrutura de madeira.	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
FORRO	Madeira, acompanhando a inclinação da cobertura	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
ESTRUTURA	Estrutura da cobertura em madeira e tesouras em madeira.	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
ORNAMENTAÇÃO	Frontões triangulares, óculo circular, frisos e molduras em volta das aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
EMBASAMENTO	Alvenaria rebocada	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
ALVENARIA	Tijolo maciço rebocado	Regular, áreas de descascamento presentes da fachada	Danos pontuais na fachada frontal
CALHAS, RUFOS E INSTALAÇÕES	Instalações sobrepostas a alvenaria	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
VÃOS E ESQUADRIAS	Janelas e porta em verga reta, material em madeira e vidro, moldura contornando aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	Inseridas folhas em vidro nas portas.
ACABAMENTOS	Tijolo aparente internamente, rebocado e pintado externamente	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
PISO	Cimento queimado	Bom, restauração executada e finalizada em 2022	
RAMPAS E ESCADAS	Inexistente	-	
OBJETOS	-	-	

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

GERAL



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Imagem do conjunto, antes  
Acervo Velho Bruxo, sem data

Imagem do conjunto, atualidade  
Acervo pessoal, 2022

Identificação dos volumes  
Ornato, 2018, adaptação da autora

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

1  
Fonte: Acervo pessoal, 2022  
Conjunto dos dois volumes da antiga fábrica de gelo

2  
Fonte: Acervo pessoal, 2022  
Lateral da antiga fábrica de gelo

3  
Fonte: Acervo pessoal, 2023  
Fachada frontal da antiga fábrica de gelo

DETALHES EXTERNOS



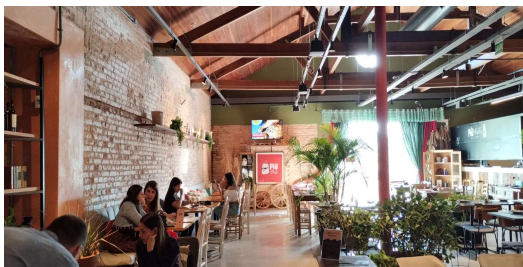
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

4  
Acervo pessoal, 2023  
Frisos e detalhes da fachada frontal

5  
Acervo pessoal, 2023  
Lateral da antiga fábrica de gelo

6  
Acervo pessoal, 2023  
Frisos e detalhes da fachada frontal, ocúlo centralizado no frontão triangular

INTERNAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

7  
Acervo pessoal, 2023  
Interior do volume 1

8  
Acervo pessoal, 2023  
Interior, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada, tijolos aparentes, tesouras em madeira (volume 1)

9  
Acervo pessoal, 2022  
Interior, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada, tijolos aparentes, tesouras em madeira (volume 1)



## INTERNAS



10

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Interior, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada, tijolos aparentes, tesouras em madeira



11

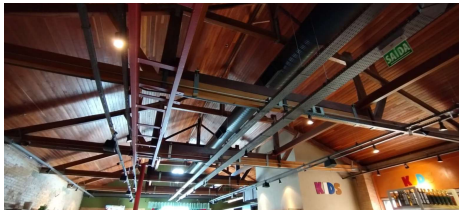
Acervo pessoal, 2023  
Interior, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada, tijolos aparentes, tesouras em madeira (volume 2)



12

Acervo pessoal, 2023  
Interior, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada, tijolos aparentes, tesouras em madeira (volume 2)

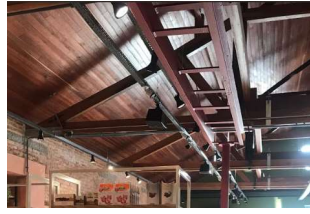
## DETALHES INTERNOS - MADEIRAMENTO



13

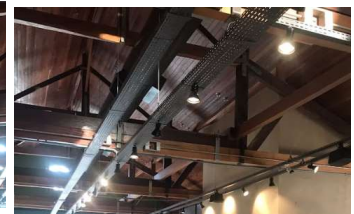
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Estrutura de madeiramento da cobertura



14

Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de madeiramento da cobertura



15

Acervo pessoal, 2022  
Estrutura de madeiramento da cobertura

## DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS



16

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Interior, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada, tijolos aparentes, tesouras em madeira



17

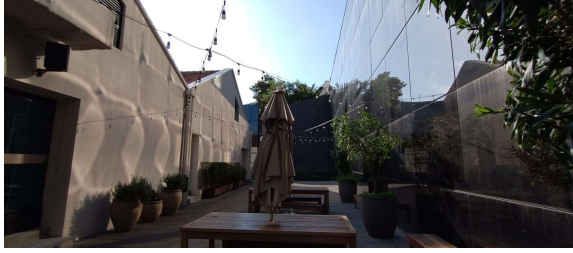
Acervo pessoal, 2023  
Interior, alvenaria em tijolos aparentes, tesouras em madeira. Observar berço de apoio para tesouras



18

Acervo pessoal, 2023  
Interior, alvenaria em tijolos aparentes, tesouras em madeira

**PÁTIO INTERNO**



19

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno aos fundos dos volumes da antiga fábrica de gelo



20

Acervo pessoal, 2023

Pátio interno aos fundos dos volumes da antiga fábrica de gelo. Detalhe parede em pedra, sem reboco

**ÁREA EXTERNA**



21

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Fachada frontal do conjunto da antiga fábrica de gelo. Apresenta danos, com reparos pontuais



22

Acervo pessoal, 2022  
Fachada frontal do conjunto da antiga fábrica de gelo

Documento parte da Dissertação: Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis

Elaboração: Aline Figueiredo  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO/UFSC

Elaborado em Janeiro/2024

INVENTÁRIO

NOME: CONJUNTO RITA MARIA X - COMPLEXO INDUSTRIAL

LOCALIZAÇÃO: Rua Hoepcke (vários), Centro - Florianópolis, Santa Catarina

UNIDADE: VILA OPERÁRIA

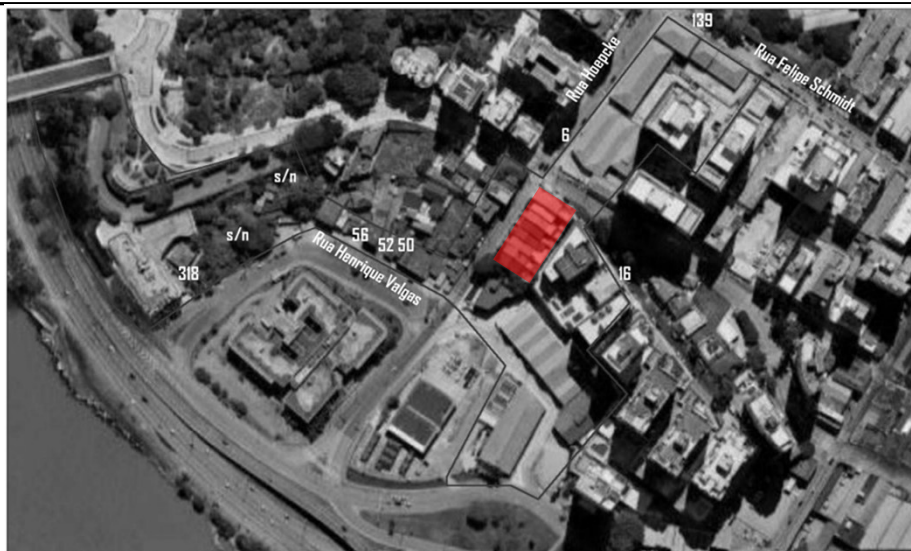


Figura elaborada, em imagem do Google Maps (2022), a partir do Mapa de tombamento dos 10 conjuntos da Área Central

Imagem: Localização da unidade, base Google maps, adaptação da autora

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

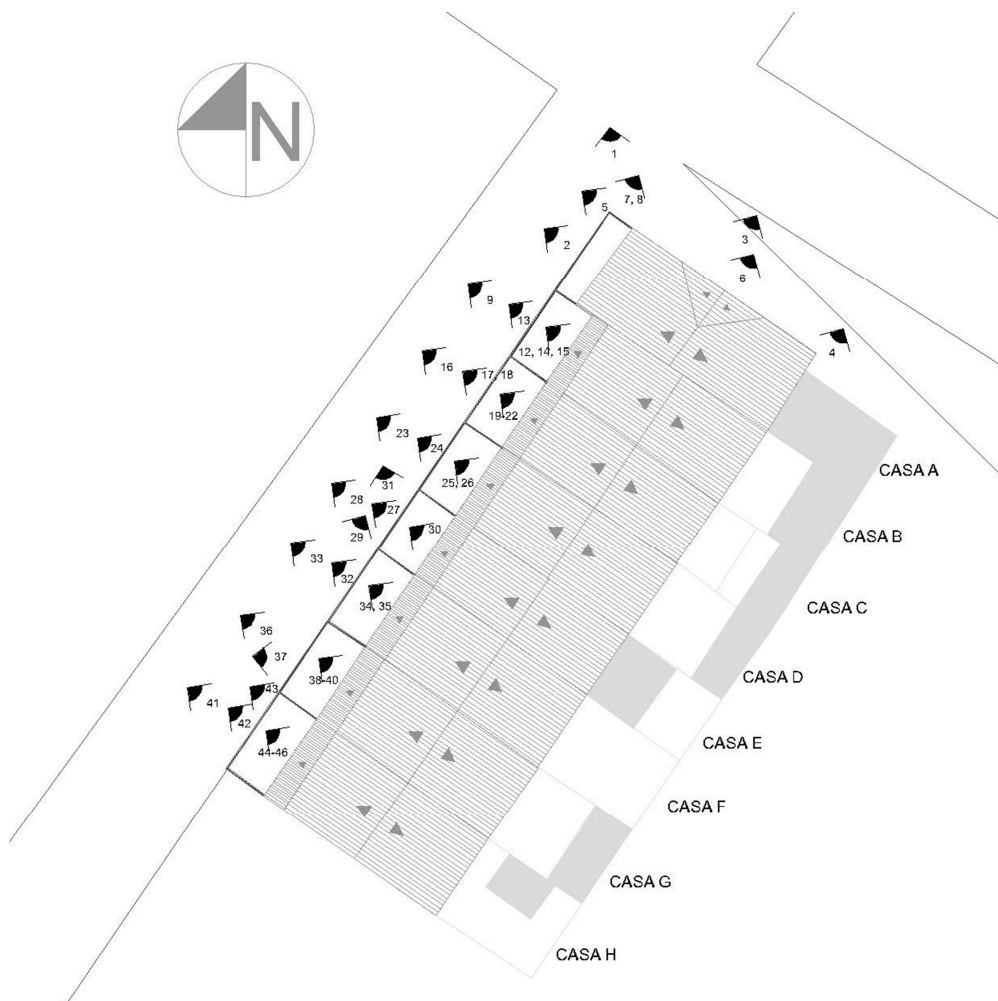
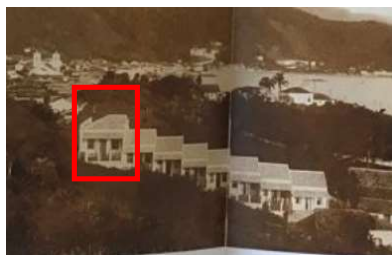


Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

CRONOLOGIA			
FATO	ANO	OBSERVAÇÃO	
CONSTRUÇÃO	FIM SÉC. - INÍCIO SÉC. XX	sem data precisa	
TOMBAMENTO	1986	Decreto Municipal n. 270/1986	
ASPECTOS ARQUITETÓNICOS - VILA OPERÁRIA			
ELEMENTO	CARACTERÍSTICAS	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
COBERTURA	Duas águas, cobertura cerâmica, apoiada em estrutura de madeira. Cobertura de uma água sobre varanda.	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	Cobertura da varanda frontal separada da cobertura do corpo principal da edificação.
FORRO	-	-	
ESTRUTURA	Estrutura da cobertura em madeira	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
ORNAMENTAÇÃO	Frisos na fachada	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
EMBASAMENTO	Alvenaria rebocada	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
ALVENARIA	Tijolo maciço	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
CALHAS, RUFOS E INSTALAÇÕES	Na sua maioria, instalações de calhas de pvc	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
VÃOS E ESQUADRIAS	Janelas e porta em verga reta, material em madeira e vidro, moldura contornando aberturas	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
ACABAMENTOS	Frisos e molduras	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
PISO	Varia entre lajota, mosaico português, piso cerâmico	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	
RAMPAS E ESCADAS	Inexistente	-	
ÁREA EXTERNA	Fechamento em muro de alvenaria ou combinação de muro e gradil, ou gradil. Pequena área de jardim nos fundos	Bom, pequenas alterações ocorridas ao longo do tempo, mas que não modificaram a tipologia e arranjo geral das edificações	

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA A

GERAL



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Imagem em 1920  
Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.  
Rua Hoepcke, n. 16

Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque  
Google Earth. Adaptação da autora.

Vista geral  
Acervo pessoal, 2022  
Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

1  
Acervo pessoal, 2022  
Edificação com duas fachadas frontais, uma voltada para Rua Hoepcke e outra para Rua Cristóvão Nunes Pires

2  
Acervo pessoal, 2023  
Fachada voltada para Rua Hoepcke, silimar às demais casas da vila, exceto pela varanda frontal

3  
Acervo pessoal, 2022  
Fachada voltada para Cristóvão Nunes Pires

DETALHES EXTERNOS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

4  
Acervo pessoal, 2022  
Fachada adornada com frisos, molduras, e platibanda ornamentada

5  
Acervo pessoal, 2023  
Detalhe da platibanda

6  
Acervo pessoal, 2023  
Detalhes da fachada, frisos

ÁREA EXTERNA



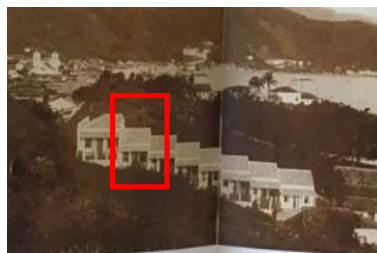
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

7  
Acervo pessoal, 2023  
Pátio em frente a fachada voltada para Rua Hoepcke, porta centralizada ladeada por janelas

8  
Acervo pessoal, 2023  
Detalhe da fachada, com vegetação a frente, mosaico português aplicado no piso do pátio

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA B

CONJUNTO



IDENTIFICAÇÃO

Imagem em 1920

Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque

Vista geral

FONTE

Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.

Google Earth. Adaptação da autora.

Acervo pessoal, 2022

OBSERVAÇÃO

Rua Hoepcke, n. 12

Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

FACHADAS



9



10

IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2022

Acervo pessoal, 2022

FONTE

Fachada frontal, com pátio a frente

Vista do conjunto de edificações

OBSERVAÇÃO

DETALHES EXTERNOS



11



12



13

IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2023

Acervo pessoal, 2023

Acervo pessoal, 2023

FONTE

Fechamento em muro e gradil

Grades nas janelas

Muros baixos complementados por grades no topo

OBSERVAÇÃO

ÁREA EXTERNA



14



15

IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2023

Acervo pessoal, 2023

FONTE

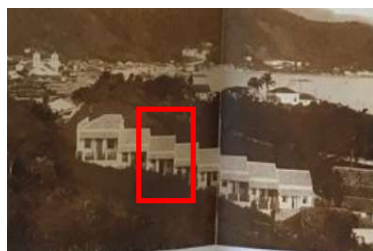
Pátio interno, presença de vegetação

Lajotas da pavimentação do pátio interno

OBSERVAÇÃO

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA C

CONJUNTO



IDENTIFICAÇÃO

Imagem em 1920

Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque

Vista geral

FONTE

Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.

Google Earth. Adaptação da autora.

Acervo pessoal, 2022

OBSERVAÇÃO

Rua Hoepcke, n. 12

Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

FACHADAS



16



17

IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2022

Acervo pessoal, 2023

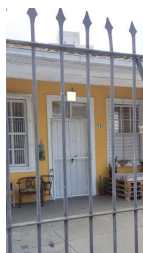
FONTE

Fachada frontal, com pátio a frente

Fechamento com portão em ferro e muro

OBSERVAÇÃO

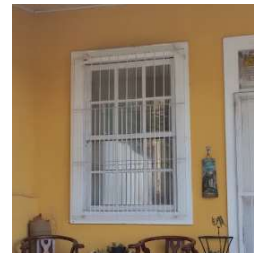
DETALHES EXTERNOS



18



19



20

IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2023

Acervo pessoal, 2023

Acervo pessoal, 2023

FONTE

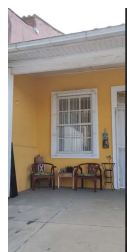
Fechamento em muro e portão de ferro

Grades nas janelas

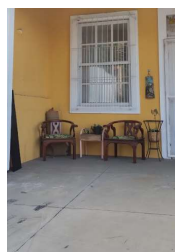
Esquadria, com grades internas

OBSERVAÇÃO

ÁREA EXTERNA



21



22

IDENTIFICAÇÃO

Fonte: Acervo pessoal, 2023

Fonte: Acervo pessoal, 2023

FONTE

Piso acimentado

Aproximação do pátio

OBSERVAÇÃO

## LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA D

### CONJUNTO



Imagem em 1920



Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque

Google Earth. Adaptação da autora.



Vista geral

Acervo pessoal, 2022  
Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.  
Rua Hoepcke, n. 10

### FACHADAS



23

Acervo pessoal, 2022  
Fachada frontal, com pátio a frente



24

Acervo pessoal, 2022  
Fechamento em muro e portão de ferro

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

### DETALHES EXTERNOS



25

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Grades nas janelas, Presença de condutores de água da chuva em pvc

### ÁREA EXTERNA



26

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Esquadria com grade instalada



LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA E

CONJUNTO



Imagem em 1920



Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque



Vista geral

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.  
Rua Hoepcke, n. 08

Google Earth. Adaptação da autora.

Acervo pessoal, 2022  
Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

FACHADAS



27



28

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Fachada frontal, com pátio a frente

Acervo pessoal, 2023

Fechamento em cerca em madeira, pintada de verde, tanto no limite do lote como no limite da varanda.

DETALHES EXTERNOS



29



30

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Presença de condutores de água da chuva em pvc

Acervo pessoal, 2023  
Vista aproximada da fachada

ÁREA EXTERNA



31

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Piso cimentado, presença de vasos na área externa

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA F

CONJUNTO

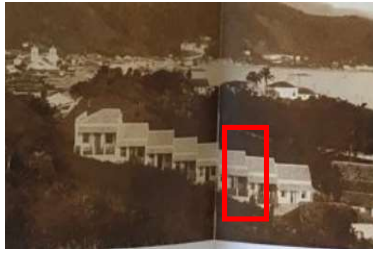


Imagem em 1920



Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque



Vista geral

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.  
Rua Hoepcke, n. 06

Google Earth. Adaptação da autora.

Acervo pessoal, 2022  
Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

FACHADAS



32



33

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Fachada frontal, com pátio a frente

Fonte: Acervo pessoal, 2023  
Fechamento em gradil, base em alvenaria.

DETALHES EXTERNOS



34

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Grades nas janelas, janela com venezianas, toldo instalado para proteção de carro

ÁREA EXTERNA



35

IDENTIFICAÇÃO

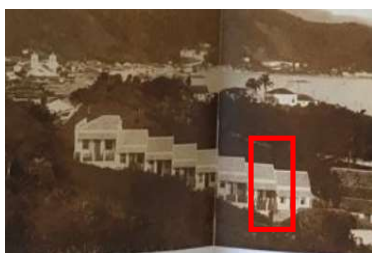
FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Piso acimentado, presença de vasos na área externa.  
Fachada pintada em 2023

## LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA G

### CONJUNTO



#### IDENTIFICAÇÃO

Imagem em 1920

Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque

Vista geral

#### FONTE

Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.

Google Earth. Adaptação da autora.

Acervo pessoal, 2022

#### OBSERVAÇÃO

Rua Hoepcke, n. 04

Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

### FACHADAS



36



37

#### IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2022

Fonte: Acervo pessoal, 2022

#### FONTE

#### OBSERVAÇÃO

Fachada frontal, com pátio a frente

Fechamento em muro e portão de ferro

### DETALHES EXTERNOS



38



39

#### IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2023

Acervo pessoal, 2023

#### FONTE

#### OBSERVAÇÃO

Grades nas janelas, janela com venezianas.

Acesso de veículos no pátio frontal

### ÁREA EXTERNA



40

#### IDENTIFICAÇÃO

Acervo pessoal, 2023

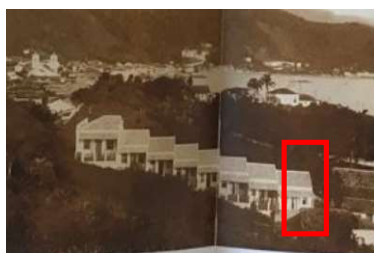
#### FONTE

#### OBSERVAÇÃO

Área frontal com vegetação e piso cerâmico

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO - CASA H

CONJUNTO



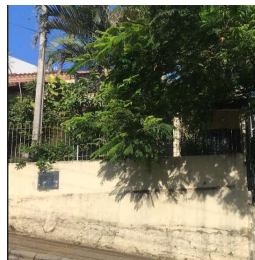
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Imagem em 1920  
Gerlach, Tomo 1, 2015. Adaptação da autora.  
Rua Hoepcke, n. 02

Vista aérea das casas da vila operária, em vermelho a edificação em destaque  
Google Earth. Adaptação da autora.

Vista geral  
Agrupamento escalonado, recuo frontal, e área de fundos livre

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

41  
Acervo pessoal, 2022  
Fachada frontal, com pátio a frente

42  
Acervo pessoal, 2022  
Fechamento em muro e portão de ferro

DETALHES EXTERNOS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

43  
Acervo pessoal, 2022  
Portão em ferro no fechamento do terreno

44  
Acervo pessoal, 2022  
Detalhe da calha

45  
Acervo pessoal, 2022  
Vista da fachada, pequena mureta na frente da edificação

ÁREA EXTERNA



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

46  
Acervo pessoal, 2023  
Área frontal com vegetação e piso cerâmico

INVENTÁRIO

NOME: CONJUNTO RITA MARIA X - COMPLEXO INDUSTRIAL

LOCALIZAÇÃO: Av. Beira Mar Norte, 220, Centro - Florianópolis, Santa Catarina

UNIDADE: ANTIGO ESTALEIRO ARATACA



Figura elaborada, em imagem do Google Maps (2022), a partir do Mapa de tombamento dos 10 conjuntos da Área Central

Imagem: Localização da unidade, base Google maps, adaptação da autora

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

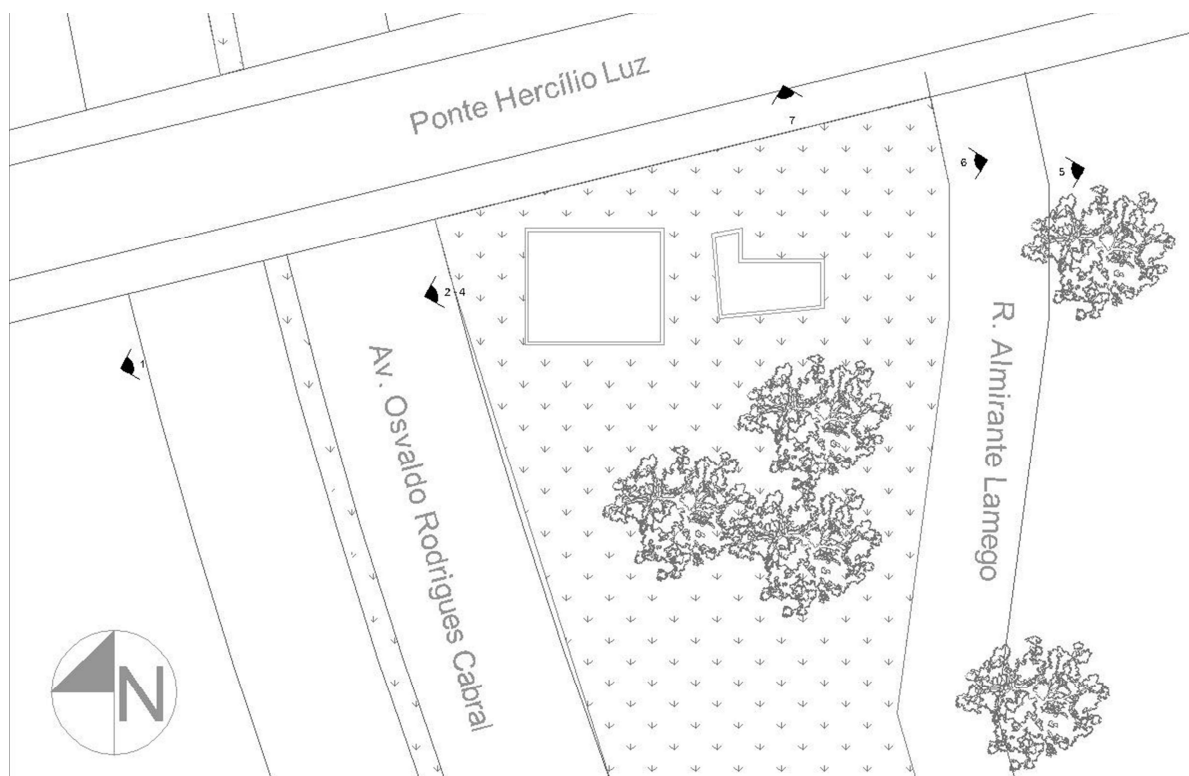


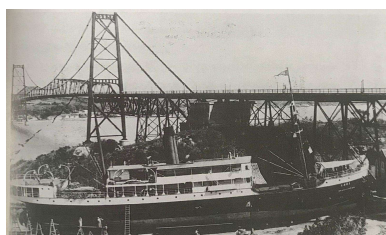
Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

CRONOLOGIA		
FATO	ANO	OBSERVAÇÃO
FUNDAÇÃO	1907	Complexo formado por cinco edificações, sendo galpões, oficinas, depósitos e uma pequena casa de moradia e ainda uma estrutura (carreira) formada por trilhos para puxar os barcos para a terra.
EXECUÇÃO DE ATERRO	DÉC. 1970	
TOMBAMENTO	1986	Decreto Municipal n. 270/1986
ENCERRAMENTO DAS ATIVIDADES	DÉC. 1970	Coincide com a execução do aterro

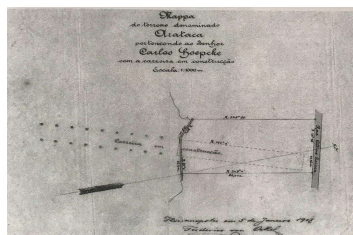
ASPECTOS ARQUITETÔNICOS - EDIFICAÇÃO REMANESCENTE			
ELEMENTO	CARACTERÍSTICAS	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
COBERTURA	Cobertura em quatro águas, coberta por telhas cerâmicas (antes do arruinamento)	Edificação arruinada	Composta anteriormente por telhas cerâmicas, quatro águas, cobertura cerâmica, apoiada em estrutura de madeira
FORRO	Sem informações	Edificação arruinada	
ESTRUTURA	Estrutura da cobertura em madeira	Edificação arruinada	
ORNAMENTAÇÃO	Mínima	Edificação arruinada	
EMBASAMENTO	Pedra	Edificação arruinada	
ALVENARIA	Tijolo maciço rebocado	Edificação arruinada	
CALHAS, RUFOS E INATAÇÕES	Arruinado	Edificação arruinada	
VÃOS E ESQUADRIAS	Janelas e porta em verga reta, material em madeira e vidro	Edificação arruinada	
ACABAMENTOS	Alvenaria rebocada, pintada na cor branca	Edificação arruinada, fachada pichada atualmente	
PISO	Cerâmico	Edificação arruinada	
RAMPAS E ESCADAS	Inexistente	-	
OBJETOS	-	-	

### LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

#### GERAL



Estaleiro em funcionamento, Ponte Hercílio Luz no fundo  
 FONTE Müller, 2007  
 OBSERVAÇÃO sem data identificada



Projeto da carreira em construção do estaleiro Arataka, em 1902  
 FONTE Müller, 2007

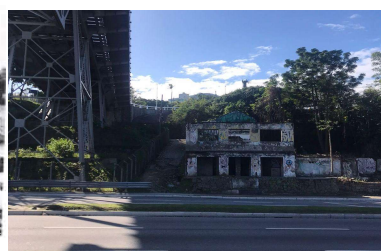


Estaleiro em funcionamento, Ponte Hercílio Luz no fundo  
 FONTE Müller, 2007  
 OBSERVAÇÃO sem data identificada

#### FACHADAS



Edificação remanescente, antes da década de 1970  
 FONTE REIS, 1999.  
 OBSERVAÇÃO Registro da edificação ora existente, ainda em uso



1  
 Acervo pessoal, 2022  
 Edificação remanescente, atualidade

**DETALHES EXTERNOS**



2

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE Acervo pessoal, 2022  
OBSERVAÇÃO Vista frontal, acesso lateral a esquerda da casa



3

Acervo pessoal, 2022  
Embasamento em pedra



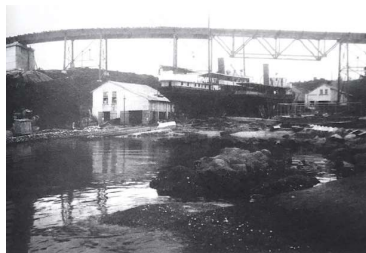
4

Acervo pessoal, 2022  
Esquadrias em verga reta

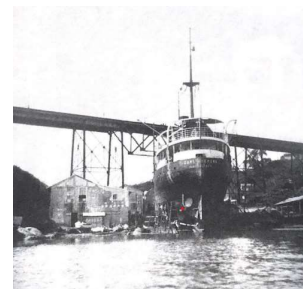
**ANTIGAS ESTRUTURAS**



Conjunto de edificações, Ponte Hercílio Luz aparece na imagem  
Fonte: REIS, 1999  
sem data identificada



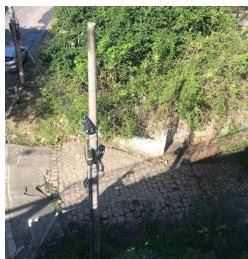
Estaleiro em funcionamento, Ponte Hercílio Luz no fundo  
Fonte: REIS, 1999  
sem data identificada



Estaleiro em funcionamento, Ponte Hercílio Luz no fundo  
Fonte: REIS, 1999  
sem data identificada

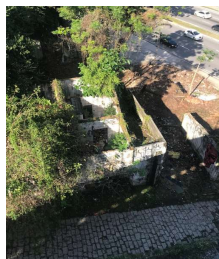
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

**IMAGENS SUPERIORES**



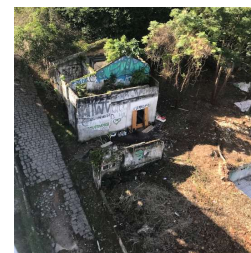
5

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE Acervo pessoal, 2022  
OBSERVAÇÃO Acesso pelos fundos



6

Acervo pessoal, 2022  
Caminho lateral



7

Acervo pessoal, 2022  
Vista de cima das ruínas da edificação remanescente

**OBJETOS EXPOSTOS**



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE Portões do antigo estaleiro  
Casa da Memória, sem data.  
OBSERVAÇÃO sem data identificada



Portões expostos no espaço Armazém Rita Maria  
Acervo pessoal, 2022



Portões expostos no espaço Armazém Rita Maria  
Fonte: Acervo pessoal, 2022

Documento parte da Dissertação: Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis

Elaboração: Aline Figueiredo  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO/UFSC

Elaborado em Janeiro/2024

**INVENTÁRIO**

NOME: CONJUNTO RITA MARIA X - COMPLEXO INDUSTRIAL

LOCALIZAÇÃO: Felipe Schmidt 168, Centro - Florianópolis, Santa Catarina

**UNIDADE: FÁBRICA DE BORDADOS**



Figura elaborada, em imagem do Google Maps (2022), a partir do Mapa de tombamento dos 10 conjuntos da Área Central

Imagem: Localização da unidade, base Google maps, adaptação da autora

**CRONOLOGIA**

FATO	ANO	OBSERVAÇÃO
FUNDAÇÃO	1913	Implantação, fundada por Ricardo Ebel
FATO	1917	Carl Hoepcke adquire a fábrica
TOMBAMENTO	1986	Decreto Municipal n. 270/1986
ENCERRAMENTO	2000	Encerramento das atividades na unidade do centro (unidade de São José construída em 1979)
RESTAURO	2022	Finalizado em 2022
ABERTURA	2023	Inauguração do empreendimento Top Market, restauração dos antigos componentes da fábrica e construção de edificações verticalizadas no terreno.

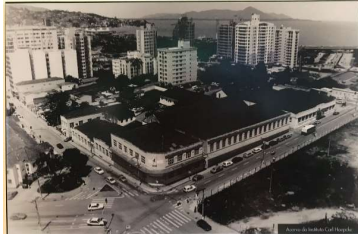
**ASPECTOS ARQUITETÔNICOS - FÁBRICA DE BORDADOS**

ELEMENTO	CARACTERÍSTICAS	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
COBERTURA	Duas a três águas, cobertura cerâmica, apoiada em estrutura de madeira, lanternim.	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	Presença de lanternim em um dos volumes do conjunto.
FORRO	Madeira, acompanhando a inclinação da cobertura	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
ESTRUTURA	Estrutura em madeira, tesouras em madeira	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	Estrutura aparente
ORNAMENTAÇÃO	Platibanda, bossagens, frisos e molduras em volta das aberturas e na fachada	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
EMBASAMENTO	Pedra aparente	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	Embasamento em pedra em dois dos volumes
ALVENARIA	Tijolo maciço	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
CALHAS, RUFOS E INSTALAÇÕES	Instalações sobrepostas a alvenaria	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
VÃOS E ESQUADRIAS	Janelas e porta em verga reta, material em madeira e vidro, moldura contornando aberturas	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	As esquadrias variam de desenho, e por volume
ACABAMENTOS	Tijolo aparente internamente no volume 03, rebocado e pintado internamente nos demais. Externamente rebocado	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
PISO	Cimento queimado	Bom, restauração executada e finalizada em 2023	
RAMPAS E ESCADAS	Escadas e rampas na área externa, e na área interna. Também foram instalados elevadores para vencer os desníveis	-	Escada também instalada na porta de acesso (pela rua) no volume 01
OBJETOS	Objetos e maquinário expostos nos galpões da fábrica	-	



LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO

GERAL



IDENTIFICAÇÃO

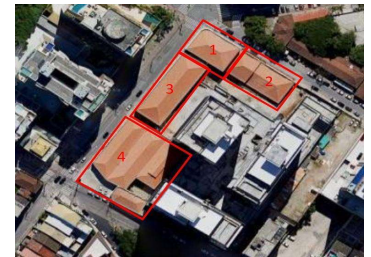
Conjunto formado pela antiga fábrica de bordados,  
SEM DATA  
ndmais.com.br

Conjunto formado pela antiga fábrica de bordados  
topmarketfloripa.com.br

Conjunto formado pela antiga fábrica de bordados  
topmarketfloripa.com.br

FONTE

OBSERVAÇÃO



IDENTIFICAÇÃO

Imagem aérea, identificam-se as edificações  
contemporâneas e as edificações tombadas  
topmarketfloripa.com.br

Imagem aérea, identificam-se as edificações  
contemporâneas e as edificações tombadas  
topmarketfloripa.com.br

Indicação dos volumes

FONTE

OBSERVAÇÃO

Google maps, adaptação da autora

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

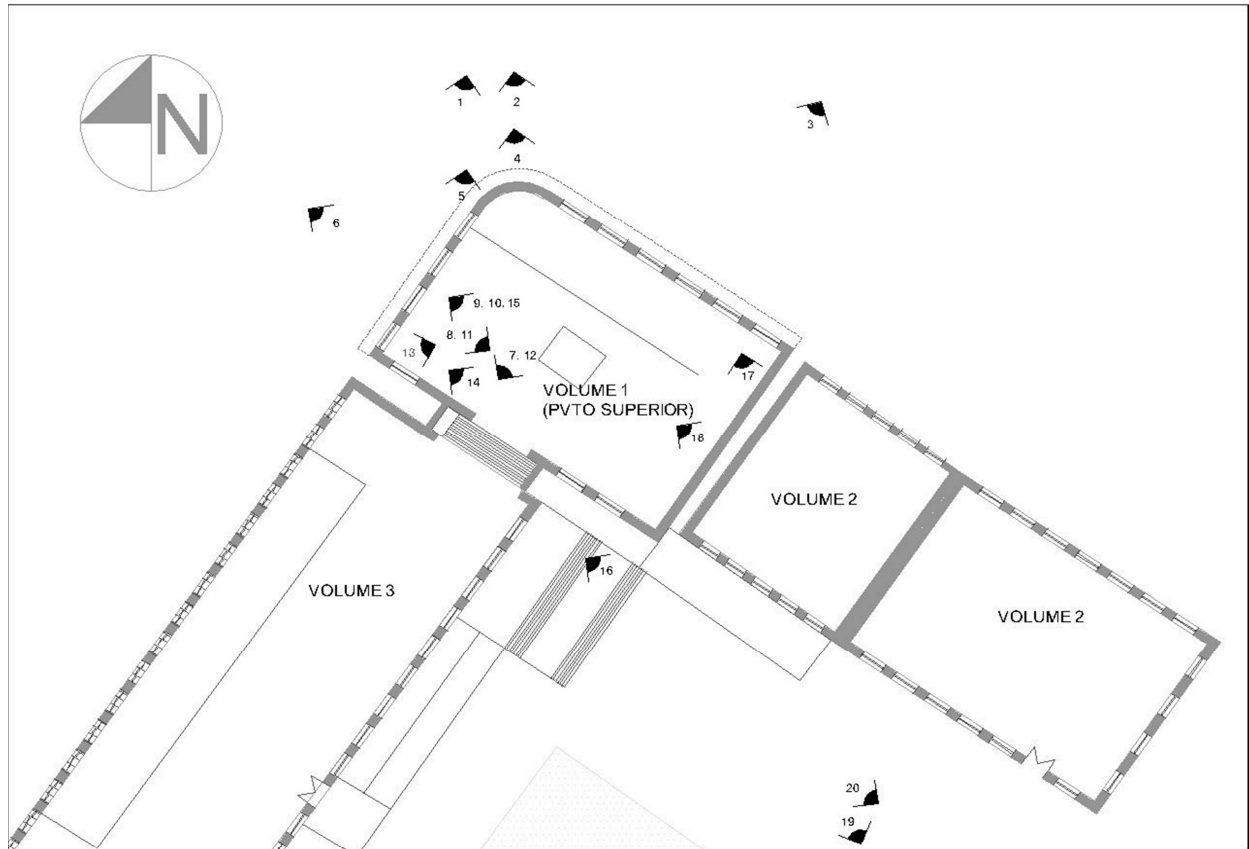


Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

VOLUME 01

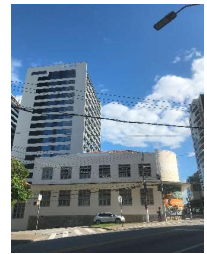
FACHADAS



1



2



3

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume de esquina (boleado)

Acervo pessoal, 2023  
Fachada do volume de esquina (boleado)

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume de esquina (boleado), pela Rua Felipe Schmidt

## DETALHES EXTERNOS



4

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Detalhes da fachada imitando fiadas de tijolos



5

Acervo pessoal, 2023  
Detalhes da fachada, pilastras e frisos



6

Acervo pessoal, 2022  
Detalhes da fachada, pilastras e frisos (Rua Hoepcke)

## INTERNAS



7

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias



8

Acervo pessoal, 2022  
Interior, espaço amplo e sem divisórias



9

Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias

## DETALHES INTERNOS - MADEIRAMENTO



10

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura



11

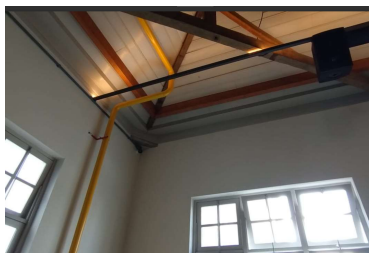
Acervo pessoal, 2022  
Madeiramento da cobertura



12

Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura

**DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS**

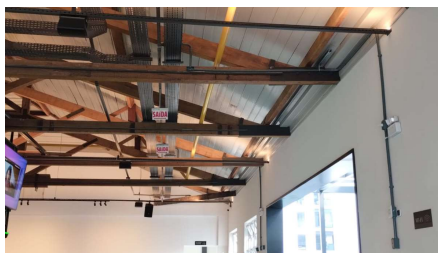


13

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE

Acervo pessoal, 2023  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada. Instalações sobrepostas a alvenaria

OBSERVAÇÃO



14

Acervo pessoal, 2023  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada. Instalações sobrepostas a alvenaria



15

Acervo pessoal, 2022  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada.

**MAQUINÁRIO E OBJETOS EXPOSTOS**



16

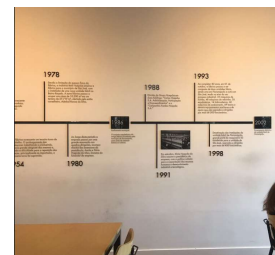
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto



17

Acervo pessoal, 2022  
Painel sobre a história da antiga fábrica



18

Acervo pessoal, 2022  
Painel sobre a história da antiga fábrica

**ÁREA EXTERNA**



19

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume



20

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

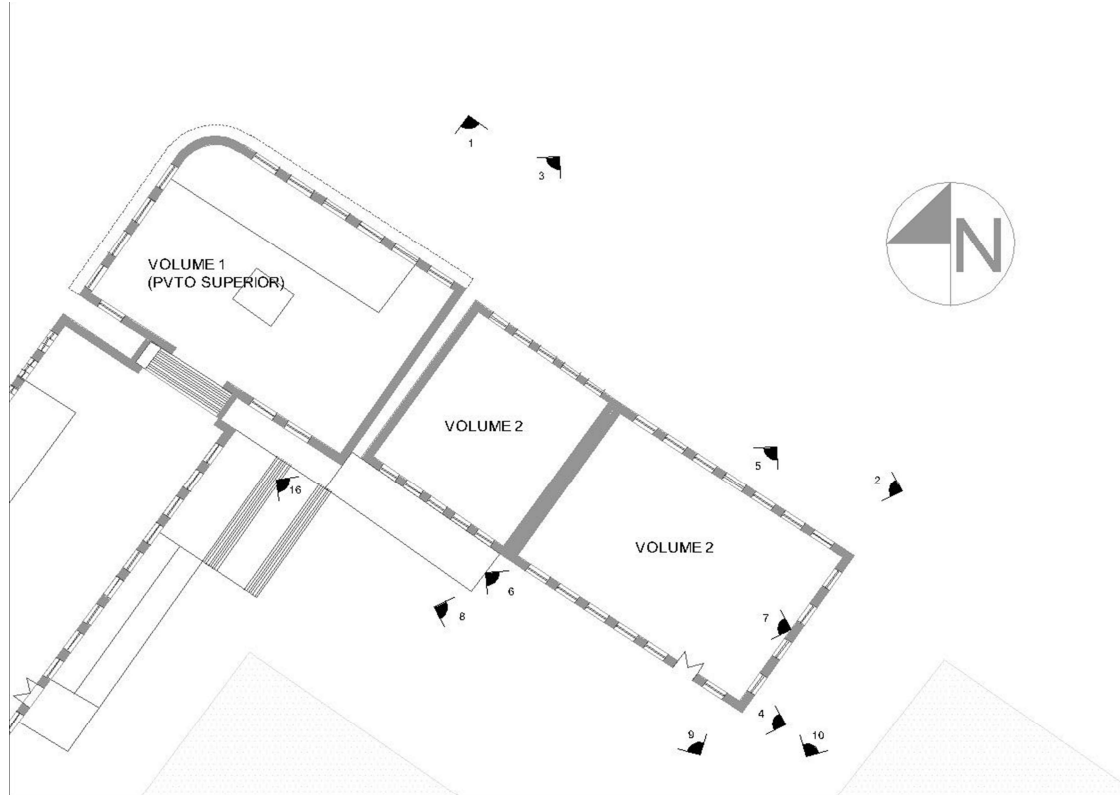


Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

VOLUME 2

FACHADAS



1



2



3

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume, Rua Felipe Schmidt

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume, Rua Felipe Schmidt

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume, Rua Felipe Schmidt

DETALHES EXTERNOS



4



5



6

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Detalhes da fachada, molduras e frisos

Acervo pessoal, 2022  
Detalhes da fachada, molduras e frisos, platibanda ornamentada

Acervo pessoal, 2022  
Detalhes da fachada, cimalha

**INTERNAS - MADEIRAMENTO e ACABAMENTOS**



7

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

Acervo pessoal, 2022  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento  
queimado, alvenaria rebocada

OBSERVAÇÃO

**FACHADA EXTERNA - PÁTIO INTERNO**



8

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume

OBSERVAÇÃO



9

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume, rampa de acesso



10

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume

**MAQUINÁRIO E OBJETOS EXPOSTOS**



11

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto

OBSERVAÇÃO

**ÁREA EXTERNA**



12

IDENTIFICAÇÃO

FONTE

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume, escada de acesso ao  
fundo

OBSERVAÇÃO



13

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS

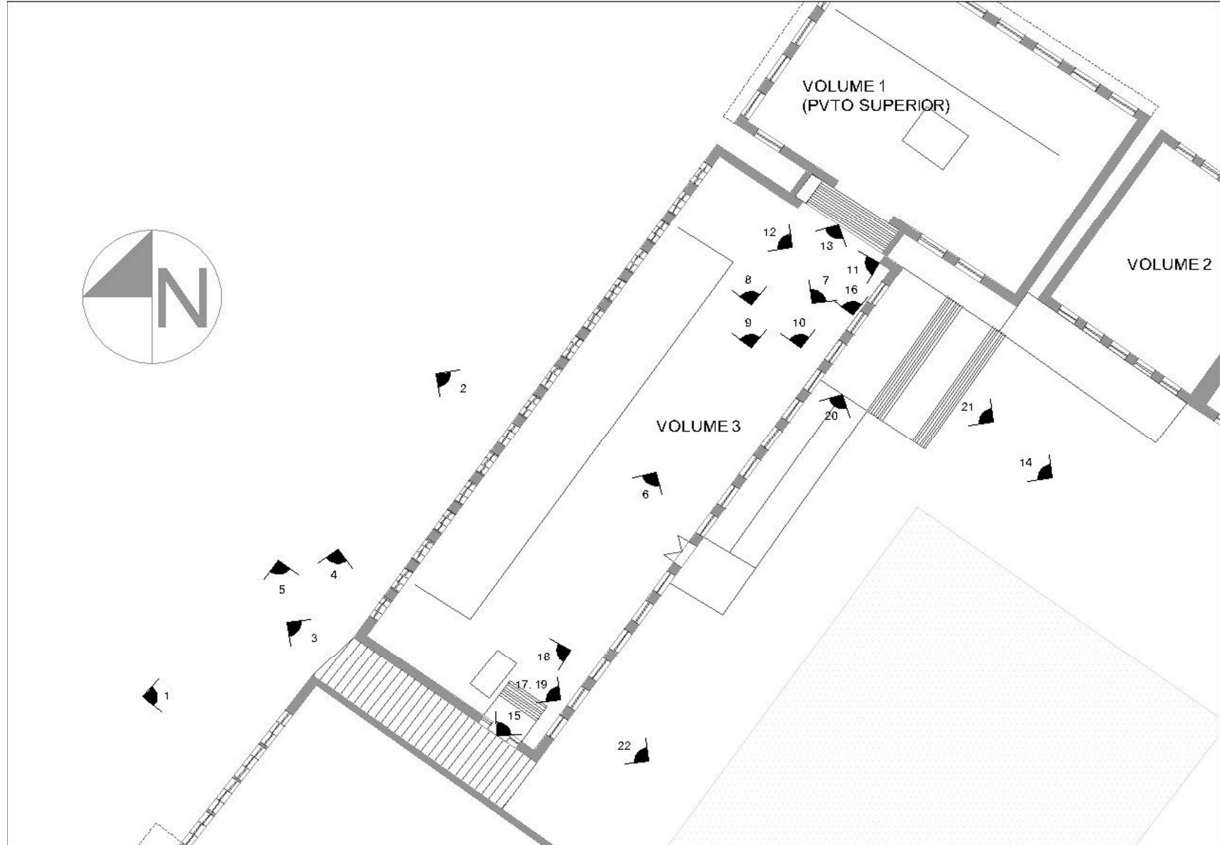


Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

VOLUME 03

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

1

Acervo pessoal, 2023  
Fachada do volume, Rua Hoepcke

2

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume, Rua Hoepcke

## DETALHES EXTERNOS



3

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE

Acervo pessoal, 2022  
Acesso entre volumes



Acervo pessoal, 2022  
Detalhes da fachada, molduras e frisos, platibanda ornamentada, pilastras



5

Acervo pessoal, 2022  
Acesso entre volumes

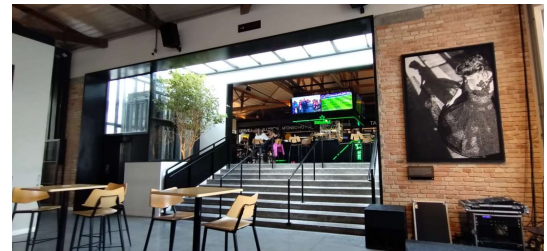
## INTERNAS



6

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

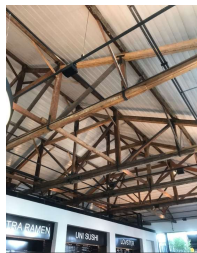
Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias



7

Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias

## DETALHES INTERNOS - MADEIRAMENTO



8

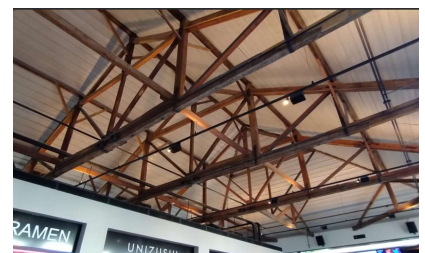
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Madeiramento da cobertura



9

Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura



10

Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura

## DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS



11

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada. Instalações sobrepostas a alvenaria



12

Acervo pessoal, 2023  
Volume criado para adequar ao novo uso e instalar os restaurantes



13

Acervo pessoal, 2023  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada. Instalações sobrepostas a alvenaria



**DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS**



14

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Escada de acesso na área externa



15

Acervo pessoal, 2023  
Escada de acesso na área interna



16

Acervo pessoal, 2023  
Escada de acesso na área interna

**MAQUINÁRIO E OBJETOS EXPOSTOS**



17

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto



18

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto



19

Acervo pessoal, 2022  
Maquinário exposto

**ÁREA EXTERNA**



20

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Pátio interno, fundos do volume



21

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume, escada de acesso



22

Acervo pessoal, 2023  
Pátio interno, fundos do volume

PLANTA BAIXA COM INDICAÇÃO DAS FOTOS



Imagem: Localização das fotografias, adaptação da autora

VOLUME 04

FACHADAS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE

1

Acervo pessoal, 2022  
Fachada do volume, Rua Hoepcke com Conselheiro  
Mafra

2

Acervo pessoal, 2023  
Fachada do volume, Rua Hoepcke

OBSERVAÇÃO

DETALHES EXTERNOS



IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

3

Acervo pessoal, 2023  
Detalhes da fachada, platibanda ornamentada

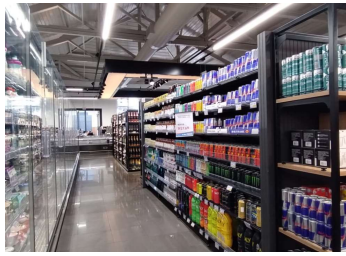
4

Acervo pessoal, 2023  
Detalhes da fachada, platibanda ornamentada

5

Acervo pessoal, 2023  
Detalhes da fachada, marquise

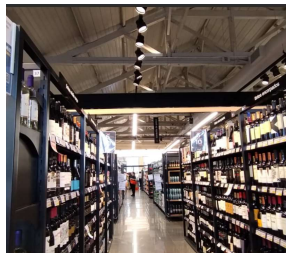
**INTERNAS**



6

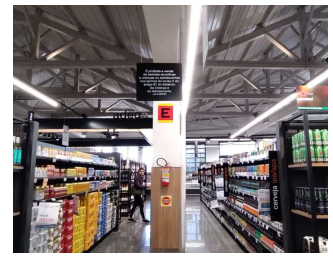
IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias



7

Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias



8

Acervo pessoal, 2023  
Interior, espaço amplo e sem divisórias

**DETALHES INTERNOS - MADEIRAMENTO**



9

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura, presença de lanternim



10

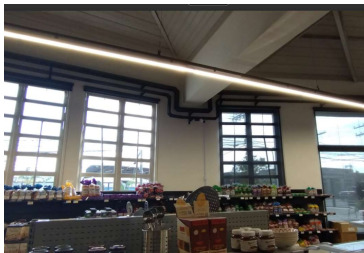
Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura



11

Acervo pessoal, 2023  
Madeiramento da cobertura

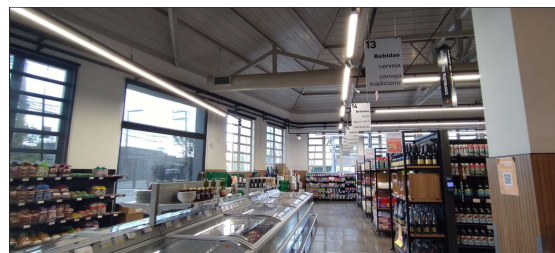
**DETALHES INTERNOS - ACABAMENTOS**



12

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2023  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada. Instalações sobrepostas a alvenaria



13

Acervo pessoal, 2023  
Forro inclinado, tesouras em madeira, piso em cimento queimado, alvenaria rebocada. Instalações sobrepostas a alvenaria

**ÁREA EXTERNA**



14

IDENTIFICAÇÃO  
FONTE  
OBSERVAÇÃO

Acervo pessoal, 2022  
Pátio em frente ao volume



15

Acervo pessoal, 2022  
Pátio cercado em frente ao volume



16

Acervo pessoal, 2022  
Pátio cercado em frente ao volume

Documento parte da Dissertação: Patrimônio Industrial: o Conjunto Rita Maria em Florianópolis

**ANEXO A – INVENTÁRIO REALIZADO PELO SEPHAN EM 1991**

IPIUF – INSTITUTO DE PLANEJAM  
Praça Getúlio Vargas, 194 –  
GERÊNCIA DO SEPHAN



RUA  
FELIPE  
SCHIMIDT, 139

FABRICA DE RENDAS  
HOEPCKE

IPIUF – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS  
Praça Getúlio Vargas, 194 – 88020-030 FLORIANÓPOLIS / SC

GERÊNCIA DO SEPHAN - ACERVO FOTOGRAFICO

FOTO: PH 303  
DATA: SET./92  
AUTOR: BETINA ADAMS  
LOCALIZAÇÃO: CONJUNTO X  
RITA MARIA  
VISTA PARCIAL DA ANTIGA  
FÁBRICA DE  
BORDADOS HOEPCKE



IPUF – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS

Praça Getúlio Vargas, 194 – 88020-030 FLORIANÓPOLIS / SC

GERÊNCIA DO SEPHAN - ACERVO FOTOGRAFICO



IPUF – INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS

Praça Getúlio Vargas, 194 – 88020-030 FLORIANÓPOLIS / SC

GERÊNCIA DO SEPHAN - ACERVO FOTOGRAFICO



FOTO : PH 303

DATA : Set./92

AUTOR: Betina Adams

LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria

ASSUNTO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
Fachadas frontais (+ 1945 - Tom Vildi)

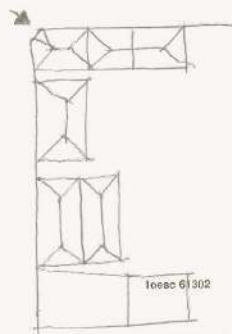


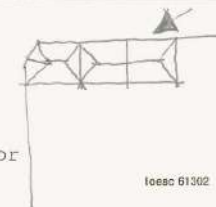
FOTO: PH 303

DATA: Set./92

AUTOR: Betina Adams

LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria

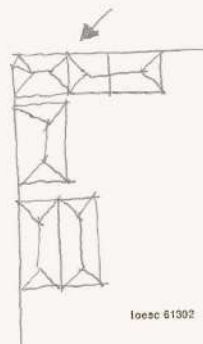
ASSUNTO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
Detalhe da fachada da rua Felipe Schmidt (anterior  
a 1940 e remodelado na década de 50)



Iocsc 61302



FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Maria Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
Detalhe da fachada da rua Felipe Schmidt



PH 94  
JUNHO/84

FABRICAS DE RENDAS HOEPKE



FOTO: PH 303

DATA: Set./92

AUTOR: Betina Adams

LOCALIZAÇÃO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke

ASSUNTO: Detalhe da fachada da rua Hoepcke

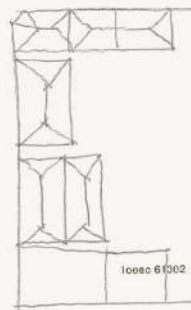


FOTO: PH 303

DATA: Set. /92

AUTOR: Betina Adams

LOCALIZAÇÃO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke

ASSUNTO: Detalhe da fachada da rua Hoepcke

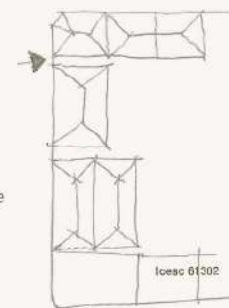






FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO : Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antiga Fábrica de Bordados Hoepcke  
Fachadas frontais - ruas Felipe Schmidt e Hoepcke

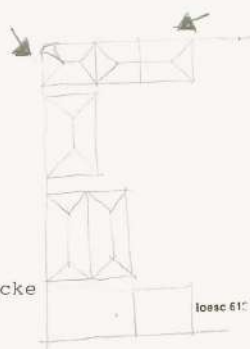


FOTO : PH 303  
DATA : Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO : Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
ASSUNTO: Detalhe da fachada da rua Hoepcke

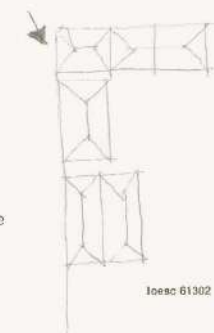




FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
ASSUNTO: Detalhe de fachada da rua Hoepcke

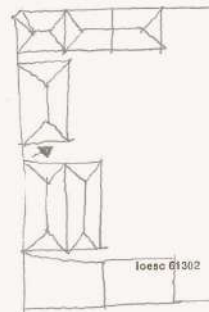


FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
Detalhe da fachada da rua Felipe Schmidt

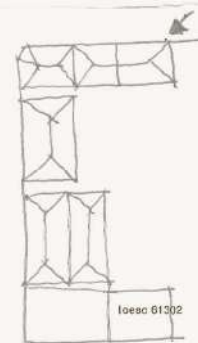




FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antiga Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke  
Vista do pátio interno.

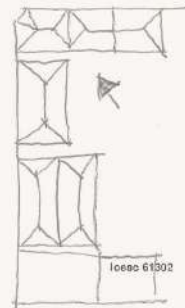


FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO : Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antiga Oficina Chevrolet (1947)

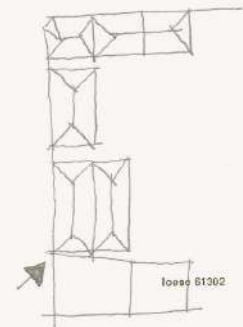




FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO : Antiga Oficina Chevrolet (1947)  
detalhe da marquise sobre o acesso principal.

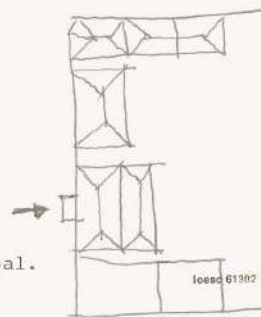


FOTO:PH 303  
DATA:Set./92  
AUTOR:Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antiga Oficina Chevrolet (1947)  
detalhe da marquise sobre o acesso principal.

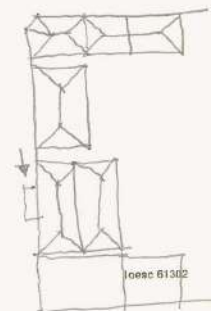
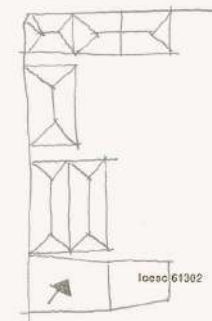




FOTO: PH 303  
DATA: SET./92  
ÁUTOR: BETINA ÁDAMS  
LOCALIZAÇÃO: CONJUNTO X  
RITA MARIA  
ANTIGO POSTO DE GASOLINA  
HOEPCKE



FOTO: PH 303  
DATA: Set./92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO: Antigo Posto de Gasolina Hoepcke



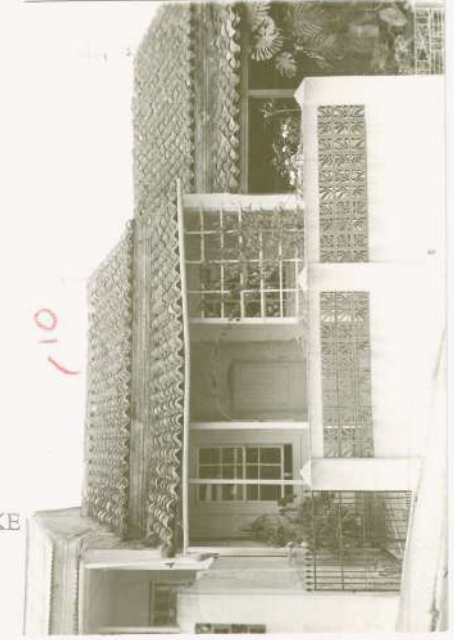
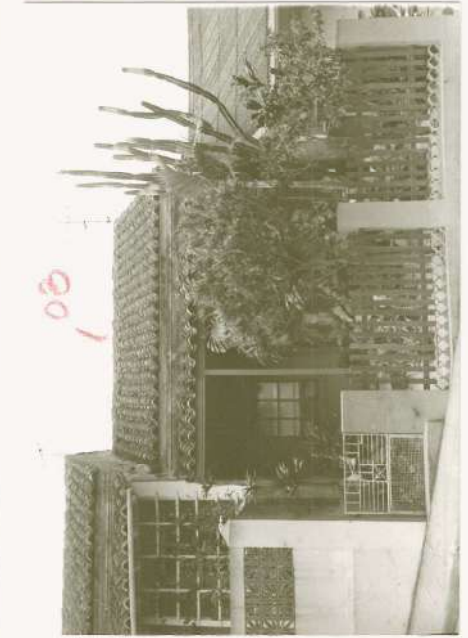


RUA HOEPCKE, 16



CRISTÓVÃO NUNES PIRES, 16

FALTA C. NUNES PIRES, 02



RUA  
HOEPCKE



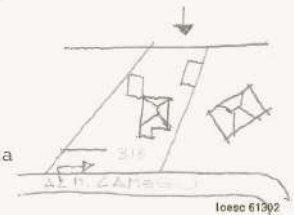
RUA HOEPCKE



Falta nº 02



FOTO : PH 303  
DATA : Set. /92  
AUTOR: Betina Adams  
LOCALIZAÇÃO: Conjunto X - Rita Maria  
ASSUNTO : Rua Henrique Valgas, 318 - fachada voltada  
antigamente para o mar.



GERÊNCIA DO SEPHAN - ACERVO FOTOGRAFICO



Data 08 de Abril de 1981  
PH 148



RUA HENRRIQUE VALGAS

GERÊNCIA DO SEPHAN - ACERVO FOTOGRAFICO



Data 08 de Abril de 1981  
PH 148



RUA HENRRIQUE VALGAS





FOTO PH 262

DATA DEZ/91

AUTOR BETINA

LOCALIZAÇÃO RUA: CONSELHEIRO MAFRA, 8 - RITA MARIA

ASSUNTO ELEVÇÃO PRINCIPAL



FOTO:

DATA:

AUTOR:

LOCALIZAÇÃO: CONJUNTO RITA MARIA / OSVALDO RODRIGUES CABRAL, 40

ASSUNTO : SUPERMERCADOS IMPERATRIS

**ANEXO B – CARTEIRA DE TRABALHO**



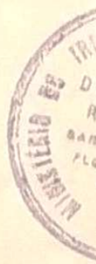
31419

D. R. T. ....

*Fulma Lacerda*



20-2-356



*Fulma Lacerda*  
(Assinatura do menor)

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do Estabelecimento, Empresa ou Instituição  
*Fábrica de Bolachas "Emílio Schroeder"*

Atividade econômica *Indústria*

Estado *S. Catarina*

Cidade *Fpolis*

Rua *Frei Caneca, 118*

Profissão *Servente*

Exercida na *Fabricação de Bolachas*  
(Seção ou Setor do Estabelecimento)

Salário *17,50*

Tipo de Salário *Diário*  
(Mensal, Diário, Tarefa, etc.)

Data da Admissão *25* de *abril* de *1956*  
*M. Schroeder por E. Schroeder*  
(Assinatura do Empregador)

Data da Saída *1º* de *junho* de *1956*  
*M. Schroeder por E. Schroeder*  
(Assinatura do Empregador)

CONTRATO DE TRABALHO

Nome do Estabelecimento, Empresa ou Instituição  
*Fábrica de Roupas e Bordados "HIEPCKE"*

Atividade econômica *Industrial*

Estado *S. Catarina*

Cidade *Floianópolis*

Rua *Felipe Schmidt, 137*

Profissão *Costureira*

Exercida na *Costura*  
(Seção ou Setor do Estabelecimento)

Salário *40,00*

Tipo de Salário *diário*  
(Mensal, Diário, Tarefa, etc.)

Data da Admissão *13* de *maio* de *1956*  
*A. Beckert*  
(Assinatura do Empregador)

Data da Saída *19* de *agosto* de *1959*  
*A. Beckert*  
(Assinatura do Empregador)

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Betina. **O patrimônio de Florianópolis: trajetória da gestão para sua preservação.** 2001. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79639>. Acesso em: 06 abr. 2022.

AMARAL, Tatiana do. **Caracterização do patrimônio industrial nas vinícolas Caruso Mac Donald e Cadorin em Urussanga-SC.** 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/194026>. Acesso em: 15 mar. 2022.

ANDRADE, Djanira Maria Martins de. **A influência da Ponte Hercílio Luz no desenvolvimento da Ilha de Santa Catarina.** 1978. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1978. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/74839>. Acesso em: 02 set. 2024.

**CARTA DE BURRA.** Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf>. Acesso: 30 março 2022.

**CARTA DE NIZHNY TAGIL.** 2003. Disponível em <https://www.icomos.org/18thapril/2006/nizhny-tagil-charter-sp.pdf>. Acesso: 30 agosto 2021.

**CARTA DE SEVILLA.** 2018. Disponível em <https://www.centrodeestudiosandaluces.es/noticias/presentacion-de-la-carta-de-sevilla-de-patrimonio-industrial>. Acesso: 30 agosto 2021.

CASTRO, Cleusa de. **Arqueologia Industrial Moderna: Edifícios fabris da modernidade curitibana (2019).** 13º DOCOMOMO Brasil - Eixo Temático Inventário e Documentação.

COURS de Constructions des Usines e des Établissements Industrielles. Apostila, 1924.

COUTINHO, Rodrigo (org.). **A herança alemã de Santa Catarina: o empreendedorismo, ciência e visão do futuro/** Editora Expressão Ltda - Florianópolis, SC, 2018. Disponível em [https://expressao.com.br/ebooks/heranca\\_alema/mobile/index.html#p=6](https://expressao.com.br/ebooks/heranca_alema/mobile/index.html#p=6). Acesso em 20 de junho de 2022.

CRAVO, Leandro José de Almeida; ROSSETTO, Adriana Marques; STORCH, Adriana Carvalho da Silva. **Florianópolis: os planos diretores aprovados entre 1955 e 2014.** 2016. ANAIS do COBRAC 2016 - Florianópolis/SC -Brasil. Disponível

em:

<https://www.ocs.cobrac.ufsc.br/index.php/cobrac/cobrac2016/paper/viewFile/312/43%3E>. Acesso em: 26 nov. 2022.

CRUZ, Karina Martins da. **Contribuição de alemães e descendentes para a formação sócio-espacial catarinense**: O caso da região metropolitana de Florianópolis (SC). dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 206. 2008.

CURY, Isabelle. **Cartas Patrimoniais**. 3ª ed. rev. aum. Rio de Janeiro, IPHAN, 2004.

**DECLARAÇÃO DE XI'NA**. 2005. Disponível em xi\_an.indd (iphan.gov.br). Acesso em 20 de agosto de 2023.

DEZEN-KEMPTER, Eloisa. **O lugar da indústria no patrimônio cultural**. 2011. *Labor E Engenho*, 5(1), 107–125. Disponível em <https://doi.org/10.20396/lobore.v5i1.111>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

FERRARO, Luiza Helena; YUNES, Gilberto Sarkis. **Aterro da baía sul, em Florianópolis**: interpretação de um patrimônio moderno. *Interpretação de um patrimônio moderno*. 2021. Rev. CPC, São Paulo, v.16, n.31, p.123-148, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i31p123-148>. Acesso em: 24 nov. 2022.

GRILLO, Patricia. **Reconstituição histórica do grupo Hoepcke**. TCC (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Jornalismo, p. 46. 1983

ICOMOS--TICCIH. **Princípios conjuntos do ICOMOS--TICCIH** para a Conservação de Sítios, Estruturas, Áreas e Paisagens de Patrimônio Industrial. Novembro 2011. Disponível em <https://ticcih.org/wp-content/uploads/2017/12/Princi%cc%81pios-de-Dublin.pdf>. Acesso: 30 agosto 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Inventário de Configurações de Espaços Urbanos (INCEU)**: manual de aplicação. IPHAN, 2001.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL- IPHAN. **Processo 0727 –T- 64**.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL- IPHAN. **Processo 1137 –T- 85**.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS/SEPHAN - IPUF. **Justificativas de tombamento e pesquisas históricas**. Florianópolis: IPUF (documentos datilografados), 1980-2000. Florianópolis: IPUF, 1991.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS/SEPHAN - IPUF. **Inventário do Patrimônio Cultural**. Florianópolis: IPUF, 2012

LIRA, Regina Wagner Cizerio. **O cotidiano de trabalho: operárias da fábrica de rendas e bordados Hoepcke entre os anos de 1913-1924**. 2018. 63 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/196245?show=full>. Acesso em: 21 set. 2023.

LYRA, Cyro Illidio Corrêa de Oliveira. **Preservação do patrimônio edificado: a questão do uso**. 2016. Publicação: Iphan. 308 p.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **A restauração de monumentos históricos na França após a revolução francesa e durante o século XIX: um período crucial para o amadurecimento teórico**. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpc/article/view/15601/17175>. Acesso em: 06 jan. 2023.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Notas sobre a Carta de Veneza**. 2010. Conservação e Restauração • An. mus. paul. 18 (2). Dez 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47142010000200008>. Acesso em: 05 jan. 2023.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservação do patrimônio arquitetônico da industrialização: Problemas Teóricos de Restauro / Beatriz Mugayar Kühl**. – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2ª edição. 2018.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação**. Disponível em [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas\\_questoes\\_relativas\\_ao\\_patrimonio.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/algumas_questoes_relativas_ao_patrimonio.pdf). Acesso: 30 agosto 2021.

MENEGUELLO, Cristina. **Patrimônio industrial como tema de pesquisa**. Anais do Seminário Internacional História do Tempo Presente, Florianópolis: UDESC; ANPUH-SC; PPGH (2011). Disponível em <https://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/stpi/paper/viewFile/313/234>. Acesso em 31 de agosto de 2022.

MOREIRA, Danielle Couto. **Arquitetura ferroviária e industrial: o caso das cidades de São João del-Rei e Juiz de Fora [1875-1930] / Danielle Couto Moreira; orientadora Telma de Barros Correia**. – São Carlos, 2007.

MÜLLER, Max José. **Carl Hoepcke** - O estruturador do desenvolvimento catarinense - Florianópolis: Insular, 2007. 104p.

MÜLLER, Max José. **Simpósio sobre imigração e cultura alemãs na grande Florianópolis**: História, língua, cultura, gastronomia, arte e música. II Anais/organização por Max José Müller. - Florianópolis: Instituto Carl Hoepcke, 2007 = 288 páginas

NÓR, Soraya. **Paisagem e lugar como referências culturais Ribeirão da Ilha - Florianópolis**. 2010. 231 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

ORNATO ARQUITETURA. **Proposta de intervenção conjunto histórico Hoepcke**. Ornato Arquitetura. 2018. [www.ornatoarquitetura.com.br](http://www.ornatoarquitetura.com.br)

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; Barreto, Maria Theresinha Sobierajski; Souza, Sara Regina Silveira de. **A fábrica de pontas "Rita Maria"**: Um estudo de arqueologia industrial. Florianópolis: Edeme, s.d. 87 p.

REIS, Sara Regina Poyares dos. **Carl Hoepcke**: a marca de um pioneiro/Sara Regina Poyares dos Reis, Sandra Regina Ramalho de Oliveira, João Klug. Florianópolis: Insular, 1999. 400p.:il.

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (org.). **Ilha de Santa Catarina**: Florianópolis. Florianópolis: São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2015. 776 p. (Tomo I).

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto (org.). **Ilha de Santa Catarina**: Florianópolis. Florianópolis: São José: Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2015. 776 p. (Tomo II).

SOUZA, Jéssica Pinto de. **O plano diretor de 1952-1955 e as repercussões na estruturação urbana de Florianópolis**. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. Cap. 1. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/94156>. Acesso em: 25 nov. 2022.

SOUZA, Jéssica Duarte de. **Trabalho e raça**: Perfil dos (as) Trabalhadores (as) da Fábrica de Pontas Rita Maria no Pós-Abolição (Florianópolis, 1894-1930). 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/179697>. Acesso em: 02 fev. 2023.

SOUZA, Jéssica Duarte de. **Habitação em Florianópolis: os/as trabalhadores/as da vila operária Hoepcke (1945-1960).** 2020. Revista Ibero-Americana de ciências, cidade e educação. v.6.n.10. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/168/113>. Acesso em: 02 fev. 2023.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960.** 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009. doi:10.11606/T.18.2009.tde-26022010-141740. Acesso em: 2024-03-18.

TONERA, Roberto. **O Sistema defensivo da Ilha De Santa Catarina – Brasil: Criação, Abandono e Recuperação.** In: Seminario Regional De Ciudades Fortificadas, 1., 2005, Montevideo. Seminário. Montevideo: Espacio Cultural Al Pie de La Muralla, 2005. Disponível em: [https://ciudadesfortificadas.ufsc.br/files/2011/03/2005\\_1sem\\_palestra\\_Tonera\\_ponencia\\_por\\_sistema.pdf](https://ciudadesfortificadas.ufsc.br/files/2011/03/2005_1sem_palestra_Tonera_ponencia_por_sistema.pdf) Acesso em 03 jan 2024.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana / Eliane Veras Veiga.** Florianópolis. Fundação Franklin Cascaes. 2008.

#### LEGISLAÇÃO:

**DECRETO Nº 270/1986**, tomba, como patrimônio histórico e artístico do município, conjuntos de edificações existentes na área central do território municipal. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/1986/27/270/decreto-n-270-1986-tomba-como-patrimonio-historico-e-artistico-do-municipio-conjuntos-de-edificacoes-existent-na-area-central-do-territorio-municipal>. Acesso em 09/06/2023.

**DECRETO Nº 521/1989**, classifica, por critérios diferenciados de valor histórico, artístico e arquitetônico, os prédios integrantes dos conjuntos históricos tombados pelo decreto nº 270/86. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/decreto/1989/53/521/decreto-n-521-1989-classifica-por-criterios-diferenciados-de-valor-historico-artistico-e-arquitetonico-os-predios-integrantes-dos-conjuntos-historicos-tombados-pelo-decreto-n-270-86>. Acesso em 09/06/2023.

**LEI Nº 1202/1974**, dispõe sobre a proteção do patrimônio histórico, artístico e natural do município e cria o órgão competente.

**LEI COMPLEMENTAR Nº 739/2023**, altera a lei complementar nº 482, de 2014 (Plano Diretor de Florianópolis) e consolida seu processo de revisão.



## SITES:

[https:// www.angelinawittmann.blogspot.com](https://www.angelinawittmann.blogspot.com)

<https://antigo.museus.gov.br/>

[https:// www.arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com](https://www.arquiteturahistoriaepatrimonio.wordpress.com)

<https://www.chartes.hypotheses.org/7195>

<https://floripendio.blogspot.com/>. Acesso em 24/11/2023.

<https://geo.pmf.sc.gov.br/>.

[http://www.labpac.faed.udesc.br/caminhada1\\_roteiro.pdf](http://www.labpac.faed.udesc.br/caminhada1_roteiro.pdf)

<https://maps.google.com.br>

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/casarao-tombado-em-florianopolis-e-demolido-e-ipuf-denuncia-dono-por-crime-contra>.

<https://redeplanejamento.pmf.sc.gov.br/planodiretor>

Fotos históricas de Floripa (@fotoshistoricasfloripa) | perfil do Instagram